

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

**FLAVIA MELVILLE PAIVA**

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO COMUNICATIVO DA  
GEOGRAFIA *(COM EQUIVALÊNCIAS EM ESPANHOL E  
INGLÊS): PARA UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR***

Campo Grande - MS  
Fevereiro - 2011

**FLAVIA MELVILLE PAIVA**

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO COMUNICATIVO DA  
GEOGRAFIA (COM EQUIVALÊNCIAS EM ESPANHOL E  
INGLÊS): PARA UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr Auri Claudionei Matos Frübel.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS  
Março - 2011

**FLAVIA MELVILLE PAIVA**

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO COMUNICATIVO DA  
GEOGRAFIA (COM EQUIVALÊNCIAS EM ESPANHOL E  
INGLÊS): PARA UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR**

APROVADA POR:

AURI CLAUDIONEI MATOS FRÜBEL, DOUTOR (UFMS)

NARA HIROKO TAKAKI UFMS, DOUTORA (UFMS)

ODAIR LUIZ NADIN DA SILVA, DOUTOR (UNESP/ARARAQUARA)

Campo Grande, 10 de março de 2011.

Dedico este trabalho ao meu filho Arthur. Dizem que criança é pequena e frágil, mas este foi e é capaz de me dar tanta força, tanta vontade e motivos para sorrir, lutar. Para ele que me ensinou o amor sincero, o orgulho do bem, a necessidade de parar e descansar, brincar, viver.

## AGRADECIMENTOS

Hora e lugar para aproveitar e agradecer:

ao Meu Deus, que tanto me abençoa e é fiel, meu Deus do Impossível, Fonte de água viva, Luz do mundo, Lírio dos vales, que colocou no meu caminho todas as pessoas certinhas para que eu não esmorecesse nesta busca por um sonho;

à minha família, que mesmo com tantas dificuldades, mostrou a importância da Educação para a construção de um ser humano cidadão, incentivando lutas e buscas por melhorias;

ao meu filho Arthur por ter aparecido na minha vida e trazido tantas alegrias, por parar e com os olhinhos mais curiosos e sinceros do mundo pedir que eu explicasse o que eu estava estudando tanto, por ser meu parceiro em tudo, inclusive na criação do Glossário, como o “especialista aluno”;

ao meu namorado que estava ali do lado, ajudando, motivando;

aos meus amigos que ajudaram, por vezes sem perceber, outras (e muitas) abrindo mão de horas e oportunidades, para me aconselhar a não desistir;

aos meus colegas de trabalho que apoiaram e participaram desta pesquisa por se candidatarem a cuidar de meu trabalho e afazeres enquanto estava estudando;

aos meus professores por tanto profissionalismo e competência, exemplo que levo para as próximas lutas que me esperam;

aos meus colegas do mestrado, especialmente a Maria Inês, grande descoberta de 2009 e para a vida toda;

ao meu orientador, Professor Dr. Auri Claudionei Matos Frübel, pela mais que orientação, mas pelo exemplo de trabalho e força diante das adversidades da vida;

ao Prof. Dr. Paulo Jóia, especialista de domínio e Ana Karla, tradutora para o espanhol.

Obrigada!! Que Deus abençoe todos vocês!!

*“ Tudo em mim é desejo de linguagem:  
minha própria emoção, esta passagem  
à espessura das coisas, este convite  
ao mais além da sombra e do limite  
e esta confirmação da realidade  
na plumagem dos nomes, na verdade,  
têm seu lado e segredo, é pura essência  
do que se fez silêncio e reticência.”*

*- Gilberto Mendonça Teles*

## LISTA DE SIGLAS

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

EF – Ensino Fundamental

et al. – e outros

GTCI-Geo - Glossário Terminológico Comunicativo Interdisciplinar de Neologismos da Geografia do Ensino Fundamental, com equivalências nas Línguas Espanhola e Inglesa

LA – Linguística Aplicada

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LE – Língua Estrangeira

LSP- Língua de Especialidade

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia

TGT – Teoria Geral da Terminologia

UTs – Unidades Terminológicas

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                  |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES .....                                                                                                                 | 12 |
| PARTE 1: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA<br>LINGUÍSTICA APLICADA: FOCALIZANDO AS QUESTÕES<br>TERMINOLÓGICAS E A INTERDISCIPLINARIDADE ..... | 19 |
| 1.1 Linguística Aplicada .....                                                                                                                   | 19 |
| 1.2 Terminologia .....                                                                                                                           | 22 |
| 1.2.1 O conceito de “Terminologia” e “terminologia” .....                                                                                        | 23 |
| 1.2.2 O conceito de Termo (Unidade Terminológica-UT) em 1959/60<br>por Eugen Wüster .....                                                        | 24 |
| 1.2.3 Histórico da Terminologia e o desenvolvimento do conceito de<br>termo .....                                                                | 25 |
| 1.3 Teoria Comunicativa da Terminologia .....                                                                                                    | 27 |
| 1.3.1 A busca pelo termo no <i>corpus</i> – e a aplicabilidade da<br>terminologia .....                                                          | 31 |
| 1.4 Interdisciplinaridade .....                                                                                                                  | 32 |
| 1.5 Linguística Aplicada e Ensino de LE – A elaboração de material didático<br>interdisciplinar .....                                            | 38 |
| PARTE 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....                                                                                                       | 40 |
| 2.1 Campo de Trabalho .....                                                                                                                      | 40 |
| 2.2 Âmbito de difusão e usuários .....                                                                                                           | 44 |
| 2.3 Situação terminológica da área de especialidade .....                                                                                        | 45 |
| 2.4 Características .....                                                                                                                        | 45 |
| 2.5 Metodologia de elaboração .....                                                                                                              | 46 |
| 2.6 Fases do trabalho .....                                                                                                                      | 46 |
| 2.6.1 Estabelecimento do <i>corpus</i> de pesquisa .....                                                                                         | 46 |
| 2.6.2 Elaboração do mapa conceitual .....                                                                                                        | 47 |



|                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-----|
| 2.6.3 Preparação da ficha terminológica e conteúdo dos verbetes ..... | 48  |
| 2.6.4 Busca pelos candidatos a UTs no <i>corpus</i> .....             | 49  |
| 2.6.5 Convalidação das UTs .....                                      | 49  |
| 2.6.6 Análise dos candidatos a UT pelo especialista de domínio .....  | 49  |
| 2.6.7 Pesquisa pelas UTs neológicas .....                             | 50  |
| 2.6.8 Redação do verbete em língua portuguesa e equivalências .....   | 50  |
| 2.6.9 Apresentação dos verbetes .....                                 | 50  |
| PARTE 3: GLOSSÁRIO .....                                              | 52  |
| PARTE 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                   | 112 |
| PARTE 5: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                             | 115 |

## RESUMO

Este trabalho apresenta a pesquisa realizada para a elaboração do Glossário Terminológico Comunicativo Interdisciplinar de Neologismos da Geografia do Ensino Fundamental, com equivalências nas Línguas Espanhola e Inglesa (GTCl-Geo). Para o aluno do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), o glossário pretende oferecer uma ferramenta pedagógica que viabilize a interdisciplinaridade entre Geografia e o estudo das línguas Espanhola e Inglesa. Para o professor, mais um material que o auxilie na preparação de sua aula, motivando a criação de novos materiais didáticos. A pesquisa abordou os temas da Linguística Aplicada, Terminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia, Interdisciplinaridade e a Produção de Material Didático para o ensino de idiomas. O *corpus* que deu origem à nomenclatura foi constituído a partir de uma das coleções de livros didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação e Cultura às escolas estaduais de Campo Grande-MS, em 2009. No glossário foram registradas unidades terminológicas que não foram dicionarizadas anteriormente pelo *corpora* de exclusão, o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, o trabalho pretende contribuir para a melhora da qualidade da educação no Estado de Mato Grosso do Sul, levando os estudantes a entenderem e valorizarem o uso do dicionário/glossário como material didático importante para a consolidação dos conceitos estudados em sala de aula e como auxílio à leitura em Língua Estrangeira (sugerida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais-1998), desenvolvendo o seu pensamento crítico e social ao retomar e reinterpretar os conceitos e práticas estudados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Aplicada; Terminologia; Interdisciplinaridade.

## ABSTRACT

The aim of this research was to create the “Glossário Terminológico Comunicativo Interdisciplinar de Neologismos da Geografia do Ensino Fundamental with equivalencies on the Spanish and English Languages (GTCl-Geo)”. This glossary comes to offer the elementary school student (6th to 9th grade) a pedagogical tool that will try to make possible the interdisciplinary study of Geography and the Spanish and English languages. For this, the study addressed the issues of Applied Linguistics, Terminology, the Communicative Theory of Terminology, Interdisciplinarity and Production of Materials for teaching languages. The corpus from which the terms were removed was one of the collections of textbooks distributed by the Brazilian Ministry of Education and Culture to the schools in the state of Mato Grosso do Sul, in 2009, specially the textbooks adopted by the State School Rui Barbosa. The terminology units chosen were those that were not previously treated by the corpora of exclusion, which were the Aurélio and the Houaiss dictionaries. From this perspective, the paper intends to be useful to improve the quality of Education in the state of Mato Grosso do Sul helping students understand and appreciate the use of dictionary / glossary as a teaching material for the consolidation of the concepts studied in class, and as a helpful material on the foreign language studies, developing the students’ critical and social thoughts needed for their development to a conscious brazilian citizen.

**KEYWORDS:** Applied Linguistics, Terminology, Interdisciplinarity.

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Partilhar ideias e promover a interação social é necessidade inerente ao ser humano por ser basicamente social e dependente de outros e, para tanto, precisa buscar diferentes formas de comunicação para tornar-se parte do mundo e ao mesmo tempo mostrar-se único, demarcando seu espaço na sociedade.

Uma destas formas utilizadas de comunicação é notadamente a língua, ela é excelente instrumento de comunicação, facilitadora para o intercâmbio cultural na sociedade e, conforme Câmara Jr. (1986, p. 21), a língua “se torna o acompanhamento de cada fato cultural” ao dar-lhe “aditamento linguístico” e ao propiciar-lhe “a atuação uns com os outros dos membros participantes de uma atividade cultural”.

Quando analisamos a forma como cada indivíduo utiliza a língua, percebemos como suas escolhas semânticas, morfológicas, diferenciações fonológicas, entre outras, mostram como a língua reflete a sua cultura<sup>1</sup> e também encontramos traços que o distinguem enquanto ser único.

Nesse contexto, traçando um paralelo entre Scherre (2005) que considera mais que um privilégio, uma responsabilidade social e uma questão de cidadania olhar e estudar a língua sob seus múltiplos aspectos, e Krieger (2001) que estuda as línguas técnico-científicas, objeto da Terminologia<sup>2</sup>, que o presente trabalho começou a ser estruturado.

Com o desafio de elaborar um Glossário Terminológico Comunicativo Interdisciplinar de Neologismos da Geografia do Ensino Fundamental com equivalências nas Línguas Espanhola e Inglesa (GTCI-Geo) que proporcione a criação de novas atividades didáticas interdisciplinares nesta fase da educação escolar, aliando a Terminologia, como ramo da Linguística Aplicada (LA) à Educação.

Nessa perspectiva, entendemos que a LA é uma área de estudo independente, que busca aliar sua práxis a outras disciplinas para objetivamente, seja positiva ou por interpretação, analisar e descrever a língua a fim de compreender problemas de uso da linguagem enquanto processo e não enquanto fato isolado.

---

<sup>1</sup> Como o termo *Cultura* é de difícil conceituação, optamos aqui por entendê-la como a Antropologia: “conjunto de hábitos, de modos de ser dos membros de uma sociedade” (Nogueira, 2002, p. 20).

<sup>2</sup> Utilizaremos a distinção feita por Cano (2001), grafando Terminologia com sua inicial em letra maiúscula ao referirmos a um conjunto de termos de uma determinada área do conhecimento e com letra minúscula a nomenclatura específica de uma área de estudo.

Assim, entendemos nosso trabalho dentro da LA, nos permitindo chegar à Terminologia Aplicada, consciente de sua característica social, para realizarmos uma pesquisa crítica de análise dos neologismos encontrados no *corpus*.

O *corpus* de pesquisa utilizado é a Coleção Araribá, quatro livros que compõem série Geografia de 6º a 9º anos, editado em 2006 pela Editora Moderna. Sua escolha foi amparada por ter sido (1) sugerido pelo Programa Nacional do Livro Didático (BRASIL, 1998) e (2) por ser o material didático adotado pela escola que matriculou mais alunos no Ensino Fundamental de Campo Grande – MS, em 2009 e 2010.

A presente pesquisa, baseando-se em Cabré, Almeida, Barros, Krieger, Finatto, Almeida Filho, Biderman, Menezes, Moita Lopes, Falabella, Fazenda, Leffa Maciel, Wüster, Gaudin, Gouadec, dentre outros, pode contribuir para a solução de um dos problemas existentes na Educação Brasileira, principalmente a educação pública: falta de eficácia da educação escolar, causando ou causada pela baixa ou nenhuma motivação de alunos e professores. Esta contribuição pretende ocorrer ao disponibilizarmos para o professor e para os alunos do EF o GTCI-Geo.

O comportamento desinteressado do aluno em sala de aula, não encontrando razão para ir à escola, nem interesse em dedicar-se aos estudos a cada dia é mais frequente, mesmo estando escola e sociedade conscientes tanto da importância da Educação para o desenvolvimento de um país, quanto de que a interdisciplinaridade é possível e útil para a melhoria do cenário educacional de nossos tempos.

Atualmente, dispomos de leis e diretrizes da educação brasileira (Lei de Diretrizes e Bases - LDB, Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, Programa Nacional do Livro Didático - PNLD) que já incentivam a interdisciplinaridade e que disponibilizam material didático para as disciplinas ministradas, com o cuidado de permitir que a escola adote o que melhor represente as suas características e necessidades regionais. Apesar disto, muito ainda precisa ser feito para melhorar a educação brasileira, principalmente a pública em nosso país.

Esta é a justificativa social para a inclusão da LE a partir do 6º ano do EF como “... uso efetivo pela população...” mas que desenvolver somente a habilidade oral seria não levar em conta a “relevância social para a sua aprendizagem” e, assim, sugerir a abordagem para o ensino da LE centrado na leitura:

Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso,..., pode ajudar o desenvolvimento integral do

letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna (BRASIL, 1998, p.20).

É necessário considerar também a relação do processo de ensinar e aprender LE com os temas transversais<sup>3</sup> Linguagem e Sociedade, tendo como objetivos da LE no EF:

... Identificar no universo que o cerca as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngue...  
 ... Ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-o como meio de acesos ao mundo do trabalho e dos estudos avançados...  
 (BRASIL, 1998, p. 66-67)

A abordagem da transversalidade para conhecimento do mundo plurilíngue traça as primeiras propostas de interdisciplinaridade do trabalho, mas, propor, em pleno ano 2010, um material de apoio didático que viabilize a interdisciplinaridade pareceu ser algo ultrapassado a princípio, numa época em que encontramos o termo interdisciplinaridade sendo diferenciado de outros como *multi*, *pluri*, *transdisciplinaridade*.

Analisamos cada um dos termos existentes, o que foi de grande valia e justificou para a escolha de continuar o estudo com base na temática da Interdisciplinaridade, pois é nela que encontramos o objeto de nossa pesquisa, pois, conforme Fazenda (2007, p. 69), a construção de uma didática interdisciplinar procura fomentar trocas entre profissionais do ensino, o autoconhecimento sobre a prática de cada parceiro, o aumento da leitura, ou seja, promovendo a construção de uma “didática transformadora”.

A questão da interdisciplinaridade é polêmica, principalmente considerando que alunos e professores não entendem que linguagem e interdisciplinaridade estão no mesmo contexto. No que se refere especificamente a questões lexicográficas, podemos afirmar que os professores, em sua maioria, não têm formação para a valorização do uso do dicionário em sala de aula e conseqüentemente não incentivam seu uso, gerando menos valorização ainda.

Welker (2006, p.1) em seu trabalho intitulado “O uso de dicionários” traz

---

<sup>3</sup> Segundo o Ministério da Educação (MEC), “são temas que estão voltados para a compreensão e para a construção da realidade social e dos direitos e responsabilidades relacionados com a vida pessoal e coletiva e com a afirmação do princípio da participação política. Isso significa que devem ser trabalhados, de forma transversal, nas áreas e/ou disciplinas já existentes”.  
<http://www.educabrazil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=60> em 12/01/2011.

uma discussão acerca do “desprezo” dado ao dicionário pelos seus diversos usuários, que mesmo o utilizando de uma maneira ou outra, não percebem nele a característica de material didático nem de apoio à sua formação escolar. O presente trabalho não pretende ensinar a usar o dicionário, mas propor um material que possa ser visto pelo usuário como um instrumento criado especialmente para ele, aluno ou professor do ensino fundamental.

E o quadro é agravado quando tratamos do assunto ensino de LE, ao encontrarmos escolas e abordagens metodológicas que totalmente marginalizam o uso de dicionários bilíngues ou de equivalências, permitindo o uso somente de dicionários monolíngues na língua de estudo, mas sem, na maioria das vezes, ensinar o aprendiz a utilizá-lo.

Ao percebermos a desmotivação na escola pública brasileira, tão arraigada a usos e costumes que fica impossível descobrir se é causa ou consequência da má formação do professor, das precárias políticas públicas de educação e da realidade de baixo incentivo à educação em nosso país, buscamos então produzir um glossário que fará parte de um grande dicionário objeto de pesquisa do Grupo de Estudos Terminológicos em Mato Grosso do Sul<sup>4</sup> direcionado exatamente ao aluno do ensino fundamental público de Campo Grande – MS.

Pesquisamos junto a professores do EF sobre a possível relevância de criarmos um material de uso pedagógico que motive alunos e professores a trabalhar interdisciplinarmente e encontramos a Terminologia Aplicada, área de estudo da LA, como possível base para gerar uma ferramenta didática que pretende aliar a Educação, a Interdisciplinaridade ao Estudo da Linguagem Especializada, via LA e Terminologia.

O glossário proposto permitirá que seu usuário consolide os conceitos estudados em sala de aula e entenda e valorize o uso do dicionário/glossário como ferramenta pedagógica, tendo nas equivalências, informação importante para desenvolver atividades de interdisciplinaridade principalmente entre as áreas Geografia e Língua Espanhola e Inglesa.

Propomos o estudo teórico da Terminologia e a sua aplicação no fazer

---

<sup>4</sup> O Grupo de Estudos Terminológicos em Mato Grosso do Sul é formado por pesquisadores deste Estado, presidido pelos Professores Doutores Aparecida Negri Isquerdo e Dr. Auri Claudionei Matos Frübel e devidamente cadastrado no CNPQ, com os objetivos principais do Projeto são: Contribuir para o desenvolvimento da Terminologia no Brasil, sobretudo no MS; Proporcionar discussões teórico-metodológicas acerca da Terminologia; Desenvolver Projetos de Pesquisa que abordem temáticas terminológicas; Incentivar o desenvolvimento de materiais terminológicos (bases de dados, dicionários, glossários, vocabulários).

dicionarístico ou em outra área como a tradução especializada, o ensino de idiomas, o ensino de disciplinas teóricas e científicas, o planejamento linguístico, a normalização terminológica e a documentação. Algumas das aplicações da Terminologia, segundo Barros (2004), podem diminuir as fronteiras existentes entre as LSPs e colaborar com o desenvolvimento da ciência.

O que percebemos hoje em dia é um aumento de estudos em Lexicologia e em Terminologia, línguas de especialidades, embasando aplicações novas, gerando produtos sejam lexicográficos ou terminológicos que priorizam o contexto e principalmente o público que consideram alvo de seus trabalhos.

O recorte para estudar os neologismos no GTCI-Geo foi escolha metodológica para oferecer no primeiro trabalho pesquisa do Grupo de Estudos Terminológicos do Mato Grosso do Sul um glossário com equivalências único e inexistente na biblioteca escolar.

Boulanger (1979, p. 65-66) define neologismo como “uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou, ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito na língua”, considerado um processo prático de criação de unidades lexicais (na língua geral) e tecnoletos (nas línguas de especialidades) (Ibidem, 1989, p.200-207). E, de acordo com Alves (2001, p. 27) os neologismos tecnoletais “resultam de uma criação motivada, ditada pela necessidade de denominação inerente ao desenvolvimento das ciências e das técnicas” e Cano (2007,p.137-145) “Na prática, a fim de afiançar o caráter neológico de uma unidade lexical, usa-se a autoridade dos dicionaristas que, ao atestarem uma unidade não registrada em obras anteriores, acabam assinalando a “existência” desta nova unidade.”

No que se refere às questões teóricas e metodológicas relacionadas à Terminologia, a abordagem teórica desta pesquisa discutiu questões relevantes relacionadas à Terminologia, explicitando a escolha da TCT, a escolha do *corpus* de pesquisa e dos *corpora* de exclusão<sup>5</sup> (para chegarmos aos neologismos), as equivalências em Língua Espanhola e Inglesa, a micro e macro estruturas do Glossário

---

<sup>5</sup> Neste trabalho, o *corpora* de exclusão escolhido é composto por: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Houaiss da Língua Portuguesa, pelos critérios de: 1. Serem parte integrante da lista de dicionários analisados e autorizados pelo MEC para distribuição nas escolas públicas, de acordo com o documento elaborado por Egon de Oliveira Rangel e Marcos Bagno “Dicionários em sala de aula” e publicado pelo Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006 e 2. Após análise da formação das equipes lexicográficas dos dicionários listados, foram as obras lexicográficas que melhor apresentaram equipe de profissionais da língua trabalhando em conjunto com especialistas de domínio em áreas diversas.



Terminológico Comunicativo Interdisciplinar de Neologismos da Geografia do Ensino Fundamental com equivalências nas Línguas Espanhola e Inglesa (GTIC-Geo), a análise linguística dos termos encontrados.

A TCT foi utilizada como procedimento metodológico, buscando oferecer o glossário terminológico como produto final da pesquisa, principalmente, porque para utilizar a pesquisa terminológica como auxiliar no processo de construção de sentido do consulente, o termo em TCT existe enquanto parte de um contexto, em uma situação de uso, ou seja, em um contexto comunicativo e porque descreve o objetivo principal da TCT como potencializador de descrição das unidades candidatas a UTs formal, semântica e funcionalmente, a fim de permitir maior eficácia na comunicação em LSP e áreas que precisem de apoio em determinada LSP (CABRÉ, 1999, p.124).

O presente trabalho aborda assim a Terminologia, com sua dupla face teórica e aplicada, tendo as Unidades Terminológicas (UTs<sup>6</sup>) tiveram tratamento Comunicativo, conforme a TCT, e passaram pela validação do especialista de domínio<sup>7</sup> e as equivalências pela validação dos profissionais das línguas Espanhola e Inglesa.

Como o tema produção de dicionários apresenta uma grande variedade tipológica (KRIEGER, 2006, p.143), como “dicionário monolíngue, bilíngue, dicionário geral, tipo *thesaurus*, tipo padrão, de usos, minidicionário, dicionário escolar – entre tantas outras possibilidades”, e diferentes por seus critérios classificatórios (ibidem, ibidem), este trabalho optou por produzir um glossário, de acordo com a distinção proposta por Cavaliere (2002, p.277), de que o dicionário seria uma obra maior, que relaciona os substantivos da língua, sendo o vocabulário o que relaciona os substantivos de uma obra, e considerando glossário a obra que relaciona os itens extraídos de um determinado texto.

Os termos da geografia recebem neste trabalho tratamento terminológico, mas com o cuidado de atender as necessidades de público alvo do glossário que é o aluno do ensino fundamental. Portanto, utiliza o tratamento terminológico dos termos, mas com a apresentação de um glossário temático e apresentado ao aluno como um dicionário geral da língua portuguesa, com equivalências em línguas estrangeiras e em formato escolar (BIDERMAN, 2001.a, p. 131-132) com suas acepções, significados e informações gramaticais, de uso e enciclopédicas.

---

<sup>6</sup> Optamos pela nomenclatura Unidade Terminológica pois engloba tanto unidades simples quanto complexas e fraseologismos terminológicos.

<sup>7</sup> O especialista de domínio é o profissional da área de especialidade em questão, no caso a Geografia, que compõe a equipe de trabalho para constituição do glossário terminológico.

A tipologia do dicionário trata o termo para criação de um dicionário terminológico, mas que tem como público alvo não o cientista da área da Geografia, mas o aluno do ensino fundamental, gerando então um dicionário terminológico comunicativo, com equivalências em línguas estrangeiras, mas com o foco principal se o aluno poderá utilizá-lo como instrumento de melhoria da qualidade de sua educação escolar.

E o presente trabalho foi subdividido em cinco partes, sendo elas:

Parte 1: fazemos uma revisão teórica de caráter mais amplo, na qual situamos os aspectos teóricos em metodológicos da Linguística Aplicada com foco nas questões terminológicas. Com a justificativa da escolha pela TCT. Apresentamos também os estudos sobre a Interdisciplinaridade e os outros termos inter, multi, intra e pluridisciplinaridade, para justificar a escolha do primeiro como estratégia de educação e não objetivo de educação, possível de auxiliar na criação da ferramenta pedagógica – material didático de uso referencial e de análise linguística para o aluno do Ensino Fundamental;

Parte 2: apresentamos os procedimentos metodológicos para a criação do Glossário Terminológico Comunicativo Interdisciplinar de Neologismos da Geografia do Ensino Fundamental com equivalências nas Línguas Espanhola e Inglesa (GTCTI-Geo);

Parte 3: apresentamos o GTCTI-Geo como pretende ser oferecido ao aluno, incluindo informações de uso, tabelas de equivalências, referências utilizadas em informações enciclopédicas e os verbetes;

Parte 4: apresentamos as considerações finais e

Parte 5: apresentamos as referências bibliográficas.

## **PARTE 1: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA LINGUÍSTICA APLICADA: FOCALIZANDO AS QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E A INTERDISCIPLINARIDADE**

Partindo da afirmação de Krieger (2001, p. 22) de que “O objeto central dos estudos da Terminologia é o léxico de natureza técnico-científica, chamado também de léxico temático ou especializado” buscaremos estudar os conceitos básicos dos pontos envolvidos no presente trabalho, sendo eles: Linguística Aplicada, Terminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia e Interdisciplinaridade.

### **1.1 Linguística Aplicada (LA)**

Embora a LA tenha gerado estudos desde muitos anos, faremos aqui um estudo cronológico envolvendo o período de 1996 até 2009 como corte metodológico, visando salientar as últimas análises sobre o assunto.

Em 1996, Moita Lopes salientou a necessidade de demarcar os limites entre a Linguística e a Linguística Aplicada (LA) como áreas de investigação diferenciadas, mesmo com esta delimitação cabe estabelecer os conceitos básicos do termo LA, para embasamento do presente trabalho. Ele relembra que em décadas passadas, a pesquisa em LA era conduzida por linguistas que a consideravam parte secundária de uma pesquisa principal, colocando a LA como aplicativo da Linguística para “resolver problemas de ensino de línguas ou levar a efeito descrições de línguas específicas”.

Evensen (1998) também trata desta necessidade ao citar que concorda quando Eliasson (1987, p. 21) afirma que “Qualquer tentativa séria de entendermos o que é a Linguística Aplicada (...) nos forçará a examinar os princípios organizacionais que subjazem à ciência linguística como um todo”, mas discorda por não considerar a LA como parte da Linguística e sim independente, salientando que também considera problemática a expressão “ciência linguística como um todo”, já que pressupõe um esquecimento dos campos de atuação autônoma da LA.

Como o mesmo objetivo de afirmar a LA como ciência autônoma, Moita Lopes (1996, p. 20-23) enfatiza alguns pontos importantes que ajudarão a conceituá-la e delimitá-la, com aplicação em Ciências Sociais, abordando problemas de uso da linguagem dentro e fora do meio de ensino/aprendizagem, com enfoque processual de natureza interdisciplinar e mediadora, que ao mesmo tempo sendo prático e aplicado, é

teórico, e utiliza métodos de investigação tanto de base positivista quanto interpretativista.

Tal conceito é complementado pelo quadro comparativo entre a Linguística Geral e a Linguística Aplicada, sugerido por Evensen (1998) que demonstra como a LA estava “emergindo gradualmente como uma ciência diferenciada” e transdisciplinar, pois “intersecciona as fronteiras das disciplinas tradicionais, com um programa próprio” (ibidem, p. 85).

| EPISTEMOLOGIA                      | LINGÜÍSTICA GERAL                    | LINGÜÍSTICA APLICADA                  |
|------------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------|
| Interesse primário de conhecimento | Explicar                             | Resolver/desenvolver                  |
| Objeto primário de pesquisa        | Estrutura do código/função do código | Problemas de comunicação/soluções     |
| Arcabouço teórico                  | Teoria sistêmica                     | Teoria sistêmica                      |
|                                    | Reduccionismo                        | Validade ecológica                    |
|                                    |                                      | Teoria fundamentada (grounded theory) |
| Tradição metodológica              | Dedutiva                             | Indutiva/abdutiva                     |
|                                    | Dados construídos                    | Empírico (empirismo)                  |

| HISTÓRIA DA CIÊNCIA        |                        |                           |
|----------------------------|------------------------|---------------------------|
| Estágio de desenvolvimento | Analítico              | Descritivo/analítico      |
| Metaquestões               | Orientadas para teoria | Orientadas para problemas |
| SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO |                        |                           |
| Concepção do papel         | Colaborador            | Mediador (/colaborador)   |
| Institucionalização        |                        |                           |
| Estrutura departamental    | Situação mista         |                           |
| Organizações profissionais | Parcialmente distintas |                           |
| Periódicos                 | Amplamente distintas   |                           |
| Conferências               | Parcialmente distintas |                           |
| Práticas discursivas       | Amplamente distintas?  |                           |

Figura 1: Comparação entre a Linguística Geral e a Linguística Aplicada

Esta interseção da LA com os estudos da linguagem e também como outros estudos como a Pedagogia, a Psicanálise, a Antropologia, entre outras, é citada na mesma obra por Signorini e Cavalcanti (1998, p. 93) que sugerem a construção de um “objeto híbrido” de estudo, com elementos que se entrelaçam como uma rede de

conhecimento, mas mantendo características básicas de suas áreas de estudo. Esta interseção leva a um novo paradigma metodológico que valoriza e mantém a individualidade da área de estudo que estiver auxiliando a análise em LA, priorizando análises interpretativistas das práticas da linguagem.

Esta característica transdisciplinar também preocupa Celani (2004, p. 115 a 126), que desenvolveu o trabalho específico de situar a LA no panorama brasileiro. Ela partiu então do ponto da não necessidade de teorizar sobre a atuação da LA, que não é mais considerada uma simples ferramenta de consumo para resolver problemas práticos, a pesquisadora afirma ser clara a existência do caráter multi/pluri/inter/transdisciplinar da LA, e a transdisciplinaridade, sua afirmação de que linguistas aplicados atualmente já perceberam que precisam “buscar explicações para os fenômenos que investigam em outros domínios do saber que não os da linguagem *stricto sensu*.” (ibidem, p. 116).

Portanto, faz-se necessário envolver filosofia, sociologia, e outras áreas de conhecimento, ou seja, estar consciente de que a transdisciplinaridade sugere que vários campos de estudo ou atuação trabalhem juntos, mas sem perder suas características fundamentais, colaboram com base em um “fio condutor” ou até mesmo uma “filosofia epistemológica”, que Celani denomina de “filosofia da descoberta”. A descoberta de um novo caminho a seguir, unindo colaboradores, mas mantendo a individualidade, verdadeira busca pela “coexistência em um estado de interação dinâmica” (ibidem, p. 117).

Interação, colaboração e compartilhamento, sobre este último conceito, Leffa (2001) afirma sobre os tempos atuais:

Estamos entrando em uma época em que todo conhecimento é compartilhado – não apenas no sentido de que todas as pessoas de um mesmo grupo detenham o mesmo conhecimento, por menor que seja o grupo – mas no sentido de que o conhecimento é distribuído entre as pessoas, tocando a cada um uma parte do todo. ... O que um indivíduo sabe não é igual ao que o outro sabe – e nem totalmente diferente – é complementar, como as partes de uns quebra-cabeças.

Estamos então em tempo de participarmos do desenvolvimento de uma “transdisciplina emergente” (Evensen, 1998, p. 73), que está consciente das diferenças entre Linguística Geral e LA, com distinções epistemológicas claramente notadas nos campos do interesse primário de conhecimento, de objeto primário de pesquisa, de arcabouço teórico e de tradição metodológica.

A investigação em LA passa então pela transdisciplinaridade e chegamos obviamente à necessidade de análise de formação de professores, de políticas públicas

de educação, de congruência entre objetivos de disciplinas e a realidade do aluno.

Concluindo este estudo cronológico, em 2009, Menezes, Silva e Gomes (p. 25-50) em seu artigo “Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos” traçam o histórico da LA desde 1946, quando ocorreu o primeiro curso independente na Universidade de Michigan, na época LA atuando no ensino de línguas estrangeiras como sendo aplicação de uma chamada “abordagem científica” e que em 1948 surge a necessidade de criação de um novo periódico que se ativesse não só aos aspectos da Linguística Histórica e Crítica Textual, mas aos de Linguística que se preocupavam com as “implicações pedagógicas” desta ciência. E chegamos aos dias atuais, em que a LA já está definida como ciência autônoma, com conceituação das autoras que utilizamos como fio condutor de nosso trabalho:

campo de pesquisa e de prática interdisciplinar lidando com problemas práticos da linguagem e da comunicação que podem ser identificados, analisados ou resolvidos com a aplicação de teorias disponíveis, métodos e resultados da Linguística ou desenvolvendo novos arcabouços teóricos e metodológicos para lidar com estes problemas. A Linguística Aplicada difere da Linguística Geral, principalmente no que diz respeito à sua orientação explícita em direção à prática, aos problemas do dia-a-dia relacionados com a linguagem e comunicação. (MENEZES, SILVA E GOMES, 2009, p. 32).

E, ao analisar o “para onde vamos” (ibidem, p. 48), Menezes, Silva e Gomes apresentam a perspectiva futura da LA de se aproximar cada vez mais dos “estudos sociais, com as pesquisas sobre identidade, as investigações de base psicanalítica e as divergências epistemológicas”, e arriscam-se a dizer que a LA caminha para “o aumento da diversidade temática, para o abrandamento das fronteiras entre as áreas, para um encontro mais fraterno com os colegas da Linguística, mas também para o enfrentamento de divergências dentro da própria LA”.

## **1.2 A Terminologia**

Com a caracterização de LA traçada anteriormente, chegamos a Almeida Filho (2007, p. 30) e suas grandes contribuições, especialmente quando ele situa os "Usos da Lexicografia/ Terminologia" como parte da LA ao lado do "Ensino/Aprendizagem de Línguas", dos "Usos da Tradução/ Interpretação" e das "Relações Sociais/ Profissionais da Linguagem", e em Krieger (2001) que propõe o estudo da dimensão linguística do termo para demonstrar como a Língua de Especialidade está na Língua Geral, já que, para ela, “fazer ciência” pressupõe o ato de

“falar ciência”, “ler ciência”, adentrar um mundo que tem um código e precisa ser dominado, se quisermos nos apropriar do conhecimento.

É necessário, então comunicar ciência, a língua, sob um figurino especializado, é a protagonista que desempenha o papel de ajudar a escrever a ciência. Explica-se também, o papel das terminologias na expressão dos saberes humanos”. E citamos Krieger (2001, p. 33) ao justificar que “termos técnico-científicos são elementos constitutivos das línguas naturais. Mas que apresentam característica de serem específicos por serem elementos essenciais da expressão e transmissão dos saberes humanos no contexto das ciências e das técnicas”.

Então, a face linguística da terminologia, analisando-a enquanto parte da LA, é também estudada por Krieger (2001, p. 22 a 33) que afirma ser o léxico de natureza técnico-científica o objeto central dos estudos de terminologia, e Cabré (1993, p. 169 e 170):

Os termos, como as palavras do léxico geral, são unidades sgnicas distintivas e significativas, ao mesmo tempo que se apresentam de forma natural no discurso especializado (...)

Como qualquer outra unidade significativa de um sistema linguístico, os termos formam parte de um sistema estruturado, no qual ocupam um determinado nível (o nível das unidades léxicas) e se relacionam, por um lado, com as demais unidades do mesmo nível, e por outro, com as unidades dos demais níveis, participando conjuntamente da construção do discurso.

### **1.2.1 O conceito de “Terminologia” e “terminologia”:**

O primeiro passo teórico desta pesquisa foi buscar o conceito de Terminologia como a ciência que trata principalmente o léxico especializado, situando-a em bases teóricas sólidas. Cano (2001) então sugere três noções do termo "terminologia" referindo-os, a saber:

- 1) à noção de disciplina que trata das unidades de significação especializada,
- 2) à noção de prática como sendo “o conjunto de princípios e métodos usados para a coleta, descrição e apresentação de termos” e,
- 3) à noção de produto, como “o conjunto de termos de uma determinada área de conhecimento”, ou seja, a terminologia da Química, da Astronomia, e neste trabalho a da Geografia.

Assim, temos a distinção de Terminologia e terminologia, a primeira, grafada com inicial maiúscula, sendo a ciência que estuda o léxico especializado, e a segunda, grafada com inicial minúscula, referindo-se à prática e ao produto

terminológico de uma determinada área de conhecimento, neste trabalho sendo a terminologia da Geografia que, como apoio da prática terminológica terminográfica, proporá o glossário terminológico produto deste trabalho.

Enquanto Terminologia, estudo do léxico especializado, encontramos a necessidade de listar alguns pontos principais de sua natureza e seu papel nas comunicações profissionais. Já que a língua de especialidade faz com que a Terminologia seja compreendida como um campo de conhecimento com objetos e práticas delimitadas e reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade (CABRÉ, 1993, p.37), e que no mundo globalizado atual, “cresce o interesse pela utilização adequada das terminologias em razão de sua contribuição à eficiência dos processos comunicativos” (KRIEGER, 2001, p. 34). A comunicação neste mundo globalizado passa de ser somente entre pares estudiosos ou práticos de uma especialidade, para permear o diálogo cotidiano. Sendo imprescindível um instrumento de referência que apresente ao leigo os conceitos até então ignorados, que seria o dicionário terminológico. (MACIEL, 2001, p. 45-46)

### **1.2.2 O conceito de Termo (Unidade Terminológica-UT) em 1959/60 por Eugen Wüster**

A primeira menção à noção de *termo* realizada por Eugen Wüster, engenheiro austríaco na Universidade de Viena, considerado por muitos como o precursor da Terminologia e fundador da Escola de Viena (BARROS, 2004), aparece em 1959, com relação às precisões terminológicas de como denominar uma unidade léxica tendo seu conceito relacionado à unidade compreendida entre significado e signo.

Este engenheiro austríaco entrou em oposição aos linguistas da época que utilizavam o termo *signo* em vez de *unidade de denominação*, como Saussure que conceituou signo como uma entidade psíquica em que não há como separar o som de sua idéia.

O conceito de termo de Wüster, contradizendo esta união inseparável apregoadada pelos linguistas da época, foi explicado como sendo o ponto em que este pesquisador mais se distanciou da Linguística, quando “considera o domínio dos conceitos e dos termos como dois domínios independentes” (WÜSTER 1981, apud BARROS 2004).

Adelstein (1998) resumiu o conceito de termo que Wüster elaborou em 1959



através da independência entre som e idéia como sendo o conceito genérico (CG1) constituído de abstrações de conceitos individuais com sua correspondência a indivíduos fônicos. Levando este CG1 a funcionar como signo de outro conceito genérico (CG2), através da denominação, tornando-se assim significado do CG1, tal conceito pode ser entendido conforme nosso quadro abaixo:

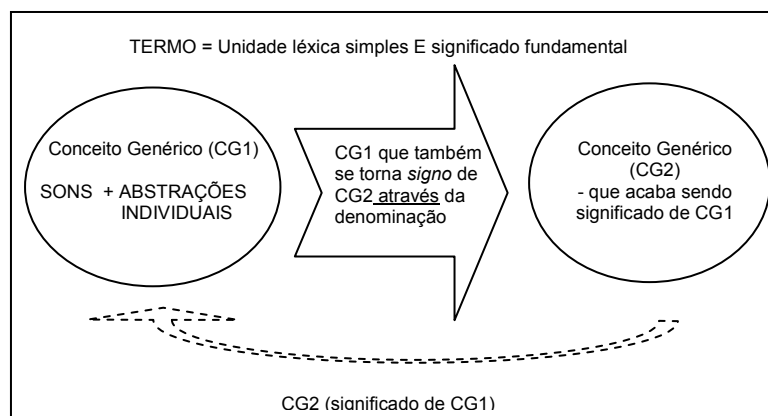


Figura 2: Conceito de Termo segundo Wüster

Este conceito então remete a uma subordinação existente entre CG1 e CG2, mencionada por Barros (2004) ao citar Gaudin (1993) “a significação do termo sendo constituída de um conceito que lhe é subordinado”.

Nesta conceituação, Wüster, atribui ao termo ser sinônimo de denominação e de signo fônico, podendo ser tanto uma palavra (unidade léxica simples) como um grupo de palavras (mais produtiva na língua especializada, as UTs).

Para a TGT o léxico especializado tem característica de ser monoreferencial, ou seja, veiculando apenas o significado específico de cada área em que tal unidade lexical esteja inserida e, assim, uma única referência com o mundo exterior (KRIEGER E FINATTO, 2004, p.17-18).

### 1.2.3 Histórico da Terminologia e o desenvolvimento do conceito de termo

Wüster começou a estabelecer as bases da Terminologia, visando a padronizar o uso de termos técnico-científicos. Seus estudos foram chamados de Teoria Geral da Terminologia (TGT).

Basicamente, o início do estudo da TGT coincide com a conceituação termo,

mesmo que fora de seu contexto. Wüster tinha interesse em padronizar a terminologia, o que virou matéria de trabalho de organismos internacionais de normalização, como a ISO, que define termo como “designação por meio de uma unidade linguística” (ISO 1087, 1990, p.5). Podemos entender a TGT, conforme Clas (2004), como “Os princípios de Wüster geram eco em todos os terminólogos que reafirmavam a predominância do conceito, a monossemia da denominação e, conseqüentemente, a obrigação do procedimento onomasiológico na pesquisa”.

Atualmente, as novas teorias de Terminologia, como a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e a Socioterminologia, percebem a importância do contexto e encontram no texto o *habitat* natural e objeto de comunicação importante no estudo do termo (KRIEGER E FINATTO, 2004, p.106).

Com este breve resumo, iniciamos o estudo da história e desenvolvimento da Terminologia, por meio do conceito de termo que foi se aprimorando ao passar do tempo.

#### 1) Termo = palavra

Wüster, ao começar a organizar a Terminologia no início dos anos 70, considerou termo igual à palavra: ...Uma unidade terminológica consiste em uma palavra à qual se atribui um conceito como seu significado... (WÜSTER, 1998, p.21)

Ele se opôs aos linguistas da época ao considerar que a palavra não tinha o seu conteúdo inseparável da forma:

...ao passo que, para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo... (WÜSTER, 1998, p.21)

- 2) Correspondência de termo a um conceito no interior de um sistema corrente, valorizando a língua de especialidade e a univocidade científica do termo, seguindo a linha de raciocínio de que palavra é diferente de termo:

O nome é o objeto mesmo da Terminologia: com efeito, um nome definível no interior de um sistema corrente, enumerativo e/ou estruturação, é um termo; o conteúdo de sua definição correspondendo a uma noção (conceito), analisável em compreensão (REY, 1979, p.22).

#### 3) Termo e palavra = traços de diferenciação entre eles

Reformatskii (2001), já fez questão de mostrar que existem traços de diferenciação entre palavra e termo:

(...) Terminus significa limite, fronteira. Por conseguinte se faz necessário

estabelecer de que forma o termo se deslinda, se diferencia das outras palavras, e quais são os traços que facilitam essa diferenciação. (REFORMATSKII, 2001, p.152)

- 4) Cuidado ao escolher o termo, já que a palavra não é mais sinônimo de termo e, assim, a aplicação da Terminologia no fazer dicionarístico precisa buscar o termo da língua de especialidade e não a palavra simples:

nome tem o direito ao título de termo, quando se distingue conceitualmente de outra unidade lexical de uma mesma terminologia. (KRIEGER E FINATTO, 2004, p.77).

- 5) Invariabilidade semântica e fundamento onomasiológico: palavra = significado; termo = conceito

... enquanto o significado que uma palavra adquire é, em larga medida, dependente do contexto discursivo em que se insere, as unidades terminológicas não sofrem esses efeitos porquanto se limitam a expressar conteúdos das ciências e das técnicas...o plano do conteúdo dos termos é compreendido como da ordem dos conceitos, enquanto o das palavras comuns da língua é da ordem dos significados.(KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 77)

- 6) Invariância conceitual e monossemia, monorreferencialidade e exclusividade denominativa:

O termo caracteriza-se no sentido de que para uma noção dada, há teoricamente, uma única denominação. Esta característica do termo se funda sobre um postulado da terminologia: o da relação de univocidade entre denominação (significante) e noção (significado, relação do tipo reflexiva) (RONDEAU, 1984, p.19)

- 7) Não coincidência com as palavras: Termo = unidade linguística que designa um conceito, um objeto ou um processo.

... O termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido. Ele raramente se confunde com a palavra ortográfica) (GOUADEC, 1990, p.3).

Então, como definição de termo, mais aplicável a esta pesquisa, temos que “... é também a moldura cognitiva de articulação dessas unidades lexicais, bem como do conteúdo semântico das definições terminológicas...” (KRIEGER E FINATTO, 2004, p.15).

### 1.3 Teoria Comunicativa da Terminologia

Com esta análise da Terminologia, buscamos a teoria terminológica mais

adequada para a pesquisa, constituindo do GTCI-Geo. Cano (2001, p. 22) apontou três posições distintas para o estudo da Terminologia enquanto ciência: a primeira considera a Terminologia uma disciplina independente, autônoma e auto-suficiente, sugerida pelos teóricos e defensores da TGT, a segunda, opondo-se a primeira, de que ela não é autônoma, mas parte de outra disciplina, para uns a Linguística, para outros a Filosofia. A terceira, defendida por este trabalho, considera que ela é autônoma, e com método científico próprio, integrando várias áreas de estudo para tratar a língua de especialidade. Cabré (1999) denomina esta posição de estudo como a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

Escolhemos a TCT principalmente por dois pontos que comungam com os objetivos desta pesquisa. O primeiro, quando Cabré (1999) conceitua que o termo em TCT existe enquanto parte de um contexto, em uma situação de uso, ou seja, em um contexto comunicativo. O segundo, quando ela descreve o objetivo principal da TCT como o de "descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, dar conta de como são ativados e explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou distinto sistema, para fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que nela se usam" (CABRÉ, 1999, p. 173).

Dentro desta posição contextualizada da língua de especialidade e de sua disciplina de estudo, a Terminologia assume ser, conforme resumida por Cano (2001, p.22), seu caráter interdisciplinar, pois “constituída por elementos procedentes das ciências da linguagem, das ciências da cognição e das ciências sociais” e transdisciplinar já que “não existe nenhuma disciplina estruturada que não disponha de terminologia e não existe nenhum modo de expressar ou de transferir conhecimento sem terminologia”.

Maria Teresa Cabré apresentou a TCT como uma nova proposta teórico-metodológica cujo principal ponto de diferença com a TGT de Wüster é a de que o termo é diferente de palavra, e que é também uma unidade linguística, signo de uma língua geral e que fora do seu contexto não é nem palavra, mas somente unidade léxica (CABRÉ, 1999, p.141).

Ou seja, a TCT busca estabelecer um objeto de análise e funções de trabalho mais abrangentes, sem limitar o objeto somente às unidades unívocas normalizadoras próprias dos âmbitos científico-técnicos, e sem reduzir a atividade terminológica a recolha de conceitos e termos para a normalização (CABRÉ, 1999, p.2), lembrando de

tratar a grandeza da linguagem e do sentido presentes em cada UT.

Para chegarmos à aplicação da Teoria Comunicativa da Terminologia à prática, buscamos os pressupostos gerais da TCT listados por Almeida (2006, p.86 e 87) de que:

- a) a unidade terminológica é o objeto central da Terminologia, e não os conceitos;
- b) o signo linguístico se torna termo ou palavra dependendo da situação comunicativa;
- c) a fraseologia pode veicular conhecimento especializado;
- d) o termo precisa ser encontrado na língua de especialidade;
- e) a variação de conceitos e nomes é considerada;
- f) a unidade terminológica é percebida como subordinada a um contexto temático, ocupando um lugar certo no mapa conceitual, determinando seu significado específico.

Como Krieger (2001) afirmou, por muito tempo os termos técnico-científicos não receberam tratamento linguístico, mas já estavam começando a ser alvo de interesse enquanto objeto de investigação, mas muito ainda precisa ser feito. Ela menciona que existe uma crença errônea de que a terminologia só interessa para a elaboração de glossários e dicionários técnicos, e de que é uma disciplina pragmática, instrumento da ciência ou da tradução, tendo a metodologia quantitativa para sua elaboração.

Tais concepções do termo desconhecem que as UTs são entidades complexas que, “a despeito de suas particularidades, integram o funcionamento das línguas naturais” e que é longo o processo de elaboração de um dicionário terminológico, demandando tempo, muita pesquisa textual prévia e reflexões de cunho linguístico (KRIEGER E FINATTO, 2004).

Assim, a busca pelas UTs no *corpus* precisou ser feita também com vistas a ser comunicativa e o glossário teve as seguintes características:

1. a constituição do *corpus*, utilizando o material didático da coleção Araribá, sugerido pelo Plano Nacional do Livro Didático (2007) e adotado pela Escola Estadual Rui Barbosa, a escola que em 2010 teve maior número de alunos matriculados no ensino fundamental do município de Campo Grande, e,
2. proporcionar as equivalências em línguas estrangeiras, visando auxiliar o professor para que produza materiais interdisciplinares para aplicação prática em

atividades de ensino entre Geografia e Línguas Estrangeiras, podendo ser estendida para outras disciplinas.

O presente trabalho propõe então elaborar um glossário terminológico dos neologismos da disciplina de Geografia ensinada no Ensino Fundamental de 6º a 9º anos nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul, criando um material didático interdisciplinar com das UTs neológicas encontradas.

E para a elaboração deste glossário, buscamos em Castillo (1997) os seguintes pontos que foram observados:

- a) as condições e composição da equipe de trabalho;
- b) a estrutura da obra: macroestrutura; prever se com partes introdutórias e anexos;
- c) o ordenamento das diferentes tarefas de pesquisa, registro e revisão e sua distribuição;
- d) os modos de armazenagem da informação coletada dos textos-fonte em fichas especiais para esse fim;
- e) características da definição apresentada nos verbetes;
- f) modos de delimitações de termos, prevendo-se a predominância de sintagmas nas terminologias;
- g) modos de apresentação das equivalências em línguas estrangeiras que são ensinadas no EF do Estado de Mato Grosso do Sul;
- h) necessidade de um espaço para a indicação e qualificação de neologismos ou estrangeirismos;
- i) campos para registros de polissemia e variação terminológica;
- j) padrões de apresentação de obras semelhantes ou conexas à temática da qual se pretende produzir.

E para realização da pesquisa, adotamos os procedimentos metodológicos sugeridos por Almeida (2006) para uma pesquisa em TCT:

1. Estabelecimento de um *Corpus* de pesquisa;
2. Elaboração do Mapa conceitual;
3. Preparação da Ficha terminológica;
4. Estabelecimento da Microestrutura;
5. Estudo quanto a frequência de cada termo;

6. Pesquisa se o termo já foi registrado pelos dicionários *corpora* de exclusão;
7. Convite a um Geógrafo para participar como especialista de domínio;
8. Escolha das unidades terminológicas;
9. Redação do glossário e
10. Estabelecimento da Macroestrutura.

### **1.3.1 A busca pelo termo no *corpus* – e a aplicabilidade da terminologia**

O glossário em pesquisa buscou no *corpus* os termos da geografia e não a unidade léxica simples, necessitando que o procedimento metodológico atentasse para:

1. o cuidado de buscar no termo a característica da invariabilidade semântica e fundamento onomasiológico: palavra = significado; termo = conceito
2. caso o mesmo termo tenha duplo significado, cada um teria seu verbete exclusivo, especificando sua aplicação na Especialidade Geografia.

A não coincidência com as palavras: Termo = unidade linguística que designa um conceito, um objeto ou um processo, conforme Gouadec (1990, p. 3): “O termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido. Ele raramente se confunde com a palavra ortográfica”.

Resumindo: “o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico, propriedade que o integra a um determinado campo de especialidade, tal como Lérat (1995, p. 45) reafirma que “As denominações técnicas estão na língua porque são suscetíveis de serem traduzidas em língua estrangeira, mas são denominações de conhecimentos especializados, e é isso que as torna pertinentes terminologicamente”.

Então, como definição de termo temos que “... é também a moldura cognitiva de articulação dessas unidades lexicais, bem como do conteúdo semântico das definições terminológicas...” (KRIEGER E FINATTO, 2004, p.15) e que a existência das entidades complexas no funcionamento das línguas naturais (KRIEGER, 2001, p.23) que “são constituídos, na sua grande maioria, ao modo dos sintagmas, exigindo o estudo dos graus de coesão interna dos constituintes, entre outros elementos e, (idem p. 31) “a coexistência dos termos técnico-científicos com as palavras do léxico geral, bem como a ambivalência termo/palavra configurada num mesmo signo linguístico, é uma das razões pelas quais se intensifica a necessidade de fundamentar cientificamente os

estudos terminológicos".

E neste ponto percebemos que muitas unidades terminológicas encontradas já estão na língua geral, portanto, partimos para pesquisar em um dicionário de língua geral sua ocorrência, limitando-nos a conceituar os neologismos da língua de especialidade escolhida, pois, conforme Krieger (2001, p. 31),

"Hoje é, portanto, inaceitável a concepção de que as unidades lexicais terminológicas não constituem signos linguísticos, mas etiquetas designativas a serviço da ciência e da técnica (...) Assim, se a linguística pretende dar conta dos fatos da linguagem, não pode desconsiderar os termos técnico-científicos. Estes são elementos vitais do funcionamento das línguas, pois é, através do verbal, que as ciências e as técnicas, sobremaneira, se expressam".

A terceira necessidade encontrada foi a de informarmos nesta pesquisa a ocorrência de cada um dos termos nos quatro livros que compuseram o *corpus*. Para podermos analisar a importância do termo na obra toda, apontando no verbete o uso do termo pelo material didático que o aluno estuda em Geografia, e por silogismo, relacionarmos a importância do termo na formação do cidadão consciente proposto pelos PCNs.

#### 1.4 Interdisciplinaridade

- Multidisciplinaridade – junto, coordenação;
- Interdisciplinaridade – entre, combinação;
- Intradisciplinaridade – dentro, assimilação;
- Transdisciplinaridade – além, fusão, holismo.

(...) Esses prefixos têm pouca validade quando não se submetem à crítica da concepção tradicional de disciplina, pois em cada situação apontada por eles sempre há algo comum a todos, a existência da disciplina. (PAVANI, 2008, p.21)

Propor um material didático que favoreça o estudo de disciplinas no Ensino Fundamental pelo viés da interdisciplinaridade pareceu-nos antiquado a princípio, especialmente porque atualmente existe uma terminologia tão variada que pretende tratar de assuntos muito próximos, todos sugerindo melhorias na educação.

A transdisciplinaridade na união de áreas de estudo para favorecer a eficácia do estudo terminológico da língua de especialidade que oferecerá um material didático que possa viabilizar a interdisciplinaridade.

Foi necessário primeiro entender cada um destes termos para posterior análise e escolha de caminhos, com base em Pavani (2008) fundamentamos os conceitos e distinções que foram utilizados neste trabalho.

A “interdisciplinaridade” foi concebida como “uma teoria epistemológica ou



como uma proposta metodológica. Também como uma modalidade de aplicação de conhecimentos de uma disciplina em outra.” (ibidem, p. 14), surgiu em virtude da ideia de que uma disciplina é autônoma, fechada, indissociável até mesmo para garantir maior poder. O objetivo então foi o de “mediar as divisões e as fragmentações das disciplinas, e de aproximar os saberes, via transdisciplinaridade...” (ibidem, p.15). E não finalidade da educação, mas estratégia, um apoio instrumental que possibilita uma união entre disciplinas e um tratamento combinado entre elas, uma interação possível.

Esta característica de interação buscada pelo instrumento interdisciplinar é tratada também por Fazenda (2007, p. 30) que admite não existir ainda um sentido único para o termo, mas que a característica base é sempre a mesma: caracterizar-se pela “intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa”. Salienta que este tema da interdisciplinaridade já foi tratado desde Platão, influenciado por Sócrates, que sugeriu a valorização da compreensão do todo disciplinar e não somente da parte especializada de um assunto em questão (ibidem, p. 39).

Precisamos também conceituar os termos multi, pluri e transdisciplinaridade, chegando à conclusão de que a muitas vezes o nominalismo nos leva a pensar que um novo termo substitui outro mais antigo, mas no caso destes temos em uso na educação, eles tratam de visões diferentes para o mesmo assunto, a interdisciplinaridade.

Compartilhamos o pensamento de Pavani (2008, p. 21) de que o uso dos prefixos junto ao termo disciplina precisa ser analisado. Primeiramente, a multidisciplinaridade está presente em todos os currículos através das diversas disciplinas que o compõem. A interdisciplinaridade sugere as citações internas de uma disciplina privilegiando outras, fenômeno importante principalmente no dia-a-dia da sala de aula, para que o aluno perceba a unicidade da educação de criar um cidadão e não um especialista. A maior confusão, conforme citado por Pavani, esta entre o uso dos prefixos inter e trans, até porque “ainda nem efetivamos as possibilidades da interdisciplinaridade e, no entanto, falamos, com certo abuso do termo, na transdisciplinaridade”.

Ser transdisciplinar é ultrapassar os limites das disciplinas, estabelecendo união entre saberes, transformando a estrutura interna das disciplinas chegando a organizar novo objeto de estudo.

Não é o caso de nossa realidade em sala de aula, entendemos que uma transdisciplinaridade existe como filosofia da educação, em que o resultado esperado de

mediar a formação do cidadão capaz de interagir e crescer na sociedade seja a disciplina magna formada pelas várias disciplinas escolares, transversais, interdisciplinares.

Concordamos com Pavani (2008) que para que a educação, principalmente a escolar, possa melhorar, é necessário que exista um “planejamento institucional e uma organização curricular adequada”, com “atenção especial na elaboração das ementas dos programas de ensino e dos projetos de pesquisa”. Já encontramos nas políticas públicas brasileiras, principalmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados em 1998 e que são pilares da educação para a construção dos currículos básicos de todas as escolas, privilegiando as regionalidades, mas garantindo a unicidade de conteúdos básicos, condições mínimas de igualdade para todos os alunos no amplo e tão diversificado território brasileiro.

Este apoio governamental à educação também foi estudado por Fazenda (2007, p. 32) ao afirmar que o ensino interdisciplinar só existe como consequência de proposição de novos objetivos, métodos, uma pedagogia nova que acabe com a autosuficiência das disciplinas, suprimindo o monólogo e instaurando uma prática dialógica. A busca pela parceria entre os pares (ibidem, p.45) entre os colegas que compartilham o espaço da sala de aula, ou o das pesquisas ou até mesmo os espaços reais de outras salas de aula e de outras pesquisas. Fazenda está consciente da impossibilidade de numerar tantos parceiros, mas acredita que a busca por esta parceria é necessária, e nos mostra que em sua prática pedagógica sempre calcada na interdisciplinaridade possível, buscou parcerias para traçar práticas interdisciplinares, como a que propomos neste trabalho.

Ao tratarmos a interdisciplinaridade possível entre o ensino da Geografia e da LE no EF, encontramos Paiva e Lovato (2005, p. 57) e a questão da interdisciplinaridade e o ensino escolar de LE, partilhamos do conceito proposto à pág. 62, de que interdisciplinaridade deva ser entendida como "uma concepção interacionista do conhecimento, de natureza dinâmica e dialética – pois pressupõe um eterno questionar-se – comprometida com uma construção holística do conhecimento, tendo como ponto de partida a disciplina”.

A Educação buscando ferramentas que viabilizem uma aprendizagem significativa, neste ponto Blatyta (2008, p. 89), pesquisadora da Unicamp da área de Ensino de Línguas, que, quando questionada sobre o que diferenciaria um centro de ensino de línguas de excelência de outros contextos de ensino, respondeu que afora as características físicas, materiais e tecnológicas, é o “fazer do professor”, na realidade da

sala de aula que, para obter sucesso, só pode existir via interação entre professor, aluno, instituição (TROCMÈ-FABRE, 2004, p. 27 e 47) sendo instituição vista como a escola e as políticas de educação.

Assim, não há um método de ensino melhor que outro, mas se houver interação, respeito às visões de mundo e de homem diferentes, promoção de um ensino real, contextualizado, flexível e não mais mecânico, e sim construído por vários parceiros.

Para esta parceria dar certo, acreditamos que a interdisciplinaridade é a estratégia mediadora, mas como apoio governamental. Este apoio das políticas públicas também é defendido por Almeida Filho (2001, p. 103-108) quando escreve “Por uma política de ensino de (outras) línguas” para tratar de um documento definido pela Associação de Linguística Aplicada do Brasil em 2000, voltado para questões “macro-constitutivas de uma anunciada ou pretendida política alicerçadora das decisões e ações para todo o ensino de línguas no Brasil”, documento cuja divulgação “precisa se dar no plano dos gestores públicos” e nas esferas profissionais tanto das escolas quanto das universidades enquanto formadoras de educadores.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB, BRASIL, 1996) e a legislação vigente tanto para ensino de línguas estrangeiras (LE) quanto para formação de currículo básico para a educação brasileira existe e é conhecida pela grande maioria, objeto de estudo do professor em formação, do profissional em sala de aula e constantemente revisados e analisados pelos órgãos gestores da educação em nosso país.

Paiva (2003, p. 53-84) traça o histórico que utilizaremos neste trabalho para conhecimento do caminho pelo qual as LEs passaram.

O que vemos é que historicamente nosso país tem desprestigiado uma formação em LE significativa em sala de aula, como por exemplo, quando a LDB, em 1961, retirou a obrigatoriedade do ensino na educação básica, deixando a cargo dos estados a opção pela sua inclusão nos currículos.

Temos então a causa da nossa realidade, de pouca carga horária, excesso de foco na forma, metodologias centradas no professor, que como consequência impedem a autonomia e a criação de um ambiente de aprendizagem que leve o aluno a utilizar estratégias que privilegiem seu próprio estilo de aprendizagem.

A LDB de 1971 também ignorou a importância das LEs, não incluindo-as como disciplina obrigatória, já a lei 5692 de 11 de agosto de 1971 fez uma única observação no artigo 7º: “recomenda-se que em Comunicação e Expressão, a título de

acréscimo, se incluía uma Língua Estrangeira Moderna, quando tenha o estabelecimento condições para ministrá-la com eficiência”.

Outras leis e resoluções vieram, como em 1976 a resolução nº58 de 1 de dezembro que resgatou parcialmente o prestígio das LEs tornando seu ensino obrigatório para o 2º grau (atual Ensino Médio).

Menezes (2009) relembra que em novembro de 1996, a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) promoveu o primeiro Encontro Nacional de Política de Ensino de Línguas divulgando ao final do evento a Carta de Florianópolis propondo um plano emergencial para o ensino de línguas no país, citando que todo brasileiro tem direito à plena cidadania e que em um mundo globalizado e poliglota de hoje, a aprendizagem de LEs era necessária e urgente. Em dezembro do mesmo ano, a nova LDB é promulgada tornando o ensino de LE obrigatório a partir da quinta série do ensino fundamental, atualmente chamada de 6º ano do ensino fundamental de nove anos. Mas, como mostrado por Menezes (2009), umas brechas na LDB e algumas ações governamentais demonstram que o ensino de LE ainda é visto como pouco relevante. Na LDB a LE recebe ainda valor de parte diversificada do currículo, mas obriga que no ensino médio seja oferecida uma obrigatória e uma em caráter optativo.

Nos PCNs, publicados pelo MEC em 1998, a importância do ensino das habilidades orais é minimizado sob o pretexto de que professores e escola não terem condições nem tempo hábil para tratar das quatro habilidades comunicativas, sendo elas, saber ouvir, falar, ler e escrever, privilegiando somente a leitura.

Esta é a realidade atual em nossas escolas, mas não nos cabe neste trabalho levar estes questionamentos à pauta, mas estudar a realidade da educação brasileira via suas políticas públicas para propor sugestões que facilitem e melhorem a atuação de professores em sala de aula e a eficácia de seu trabalho.

Analisando mais profundamente os PCNs, tanto para as LEs quanto para as disciplinas do núcleo comum, especificamente da Geografia, nosso objeto de estudo para a interdisciplinaridade proposta, percebemos ser comum esta justificativa para redução de carga horária, de aprofundamento curricular, de exigência no estabelecimento de currículo básico, por parte na valorização das realidades regionais de cada comunidade.

Há também o documento que rege a política de investimento em material didático para as escolas públicas. O PNLD, que a princípio não oferecia proposta para o ensino de LE, mas na edição de 2010 já sugeriu para adoção.

Temos também grande pesquisa do MEC sobre dicionários em sala de aula, que em 2001 que pelo PNLD assumiu tal atividade, a fim de selecionar os dicionários a serem adotados nas escolas de todo o país. E em 2005 estabeleceu a real necessidade do uso destes instrumentos de referência, valorizando-os, especificamente os de língua geral para uso da Língua Portuguesa por:

...para o caso particular da Língua Portuguesa, um dicionário poderá dar subsídios importantes também para o estudo do léxico, em seus diferentes aspectos. Na maior parte das propostas curriculares estaduais e municipais, um dos objetivos gerais de todo o Ensino Fundamental é desenvolver no aluno a capacidade de recorrer de forma adequada a diferentes linguagens, comunicando-se com eficácia em diferentes situações sociais. (RANGEL, 2006, p. 27)

No mesmo documento, Rangel afirma que o domínio da linguagem escrita é central, e que a análise e reflexão sobre língua e linguagem são partes do ensino de língua materna.

Barros (2004, p. 76) também valoriza esta obra referencial, o dicionário, ponto importante para que estudássemos como elaborar material didático terminológico:

O dicionário produz, na nossa sociedade, certos efeitos de sentido bem conhecidos: de lista, de inventário ou registro do saber linguístico de uma sociedade; de discurso competente sobre a língua; de discurso anônimo da coletividade. De neutralidade e imparcialidade próprias da “objetividade” do saber, isto é, de que está fora do alcance das determinações sócio-históricas e ideológicas; de ter o papel normativo de legitimar ou de referendar os usos linguísticos aceitos e prestigiados em uma sociedade e de regulamentar a manutenção e a mudança linguísticas.

Salientando que os dicionários indicados para o uso escolar são os que foram concebidos e elaborados para atender as demandas específicas. Traça então pontos a serem analisados para que o MEC possa escolher as obras com melhor embasamento. O documento de 2001 avaliou 23 dicionários, considerando 11 impróprios. Já em 2005 esta lista chega a um estudo mais minucioso classificando-os em três tipos conforme o número de artigos léxicos e a proposta léxica apresentada (DAMIM, 2005). O tipo 1 com 1000 a 3000 artigos léxicos para o aluno que está se familiarizando ao mundo dos dicionários; o Tipo 2 entre 3000 e 10000 artigos para os que já estejam alfabetizados e o Tipo 3 entre 19000 e 35000 para os alunos das ultimas series do Ensino Fundamental.

Outra mudança consequente destas análises sobre o dicionário escolar pode ser percebida pela compra de obras pelo governo. Em 2001, dicionários foram distribuídos aos estudantes para uso pessoal, sendo propriedade do aluno e não material a ser devolvido ao final do ano letivo. A partir de 2005, a sistemática de distribuição foi

reformulada, de maneira a dar prioridade à utilização do material em sala de aula. Com a classificação de tipo de dicionários, o MEC preocupou-se em equipar todas as escolas com os dicionários aprovados.

### **1.5 Linguística Aplicada e Ensino de LE – A elaboração de material didático interdisciplinar**

O ensino de LE na escola pública tem sido objeto de muitas pesquisas em Linguística Aplicada, especialmente no Brasil, Contin (2008, p. 53-64) nos trouxe também algumas sugestões a serem analisadas no decorrer deste trabalho, que são especificamente relacionados à percepção de que o processo de ensinar e aprender línguas envolve várias situações sociais do aprendiz, sensações, lembranças, sentimentos que passam desde motivação até a incerteza ou sentimento de incompetência ao final de uma aula em uma turma de quarenta alunos de níveis de competência linguística e interesses diferentes, falta de carga horária necessária para a apreensão desta língua mesmo que pela abordagem da leitura, conforme sugerido pelos PCNs.

E a LA passou de linguística teórica para o que atualmente entendemos como “uma ciência aplicada autoconsciente com a preocupação de encaminhar soluções sistemáticas às questões reais de uso da linguagem”, conforme apontado por Almeida Filho (1991, p.7).

E nesse contexto encontramos Falabella e Moita Lopes que, em 2004, elaboraram um projeto junto à Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro sobre reorientação curricular para o Estado do Rio de Janeiro nos ensinos médio e no segundo segmento do fundamental, sugerindo alguns cuidados na elaboração de material didático para o uso em sala de aula que foram aceitos por esta pesquisa, sendo eles:

1. perceber se o material viabiliza o ensino/aprendizagem de LE com ênfase na leitura,
2. utilizar situações comunicativas para formação do *corpus* de pesquisa,
3. compreender o sentido sócio-interacional da linguagem, “como prática social” em meio às relações assimétricas de poder,
4. respeitar as marcas sociais, crenças e valores que o aluno leva para a escola, utilizando-os na construção do significado em sala de aula,
5. aproveitar as habilidades linguísticas já existentes no aluno para

- enriquecer o seu processo de ensino/aprendizagem,
6. sugerir a leitura como maneira de “promover participação política na transformação social e de tornar os leitores cidadãos que participam e atuam na sociedade na qual estão inseridos” (BACALÁ, 2005, p.4),
  7. perceber que o aluno já tem algum conhecimento de organização textual que facilita a leitura,
  8. reconhecer a importância da seriação na elaboração de material pedagógico,
  9. reconhecer a importância das escolhas temáticas (neste ponto a ênfase à interdisciplinaridade mostra-se notória), e
  10. levar o aluno a construir o conhecimento.

Citam também a importância do professor ter "consciência da sua abordagem de ensinar, da abordagem de terceiros e da cultura de aprender dos alunos para que ensine dialogando criticamente consigo mesmo, percebendo sua maneira de ensinar para não deixar as coisas como estão. É preciso buscar o conhecimento e conscientizar-se sobre como se ensina e por que se ensina uma língua estrangeira” (MOITA LOPES, 1996, p.142). Tais pontos são relacionados com a criação do GTCI-Geo no que tange a proposta de ser um material didático a ser utilizado no ensino de Línguas Estrangeiras no EF.

Os pesquisadores mostram que a busca pela motivação no ensino/aprendizagem da Língua Estrangeira (LE) é também preocupação de tantos pesquisadores, e que avanços tem sido percebidos na maneira de levar o aluno a realizar a leitura em LE com mais prazer, e a última sugestão dada pelo documento de Falabella e Moita Lopes nos levou a perceber que apesar de conscientes sobre as práticas teóricas recentes transparece, ainda que inconscientemente, crenças tradicionais quanto ao ensino de leitura. Na reflexão sobre as práticas de língua estrangeira é preciso investir sempre na formação de professores para que sejam renovadas contribuindo cada vez mais para a formação global do aluno, tornando-o crítico quanto ao seu papel de cidadão que transforma a sociedade e se emancipa.

## PARTE 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como base metodológica para esta pesquisa, utilizamos Almeida (2000) que elaborou um Glossário-Piloto como aplicação da Teoria Comunicativa da Terminologia em sua tese de doutorado (Almeida, 2006).

### 2.1 Campo de Trabalho e área e subárea de especialidade

Para localizarmos a área de estudo da Geografia e suas subáreas, para futuro estabelecimento do Mapa Conceitual, utilizamos a “Nova Tabela das Áreas de Conhecimento” classificação feita pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, em que a Geografia está como subárea da área de conhecimento das Ciências Humanas, através da Portaria nº 9, de 23 de janeiro de 2008, conforme tabela disponibilizada em seu endereço eletrônico<sup>8</sup>.

Conforme informado pelo CNPq, em sua nota introdutória ao documento, o objetivo geral é de com esta classificação, ajudar a sistematizar as informações sobre o desenvolvimento científico e tecnológico. Esta sistematização é necessária para a criação do GTCI-Geo:

O Nível 2, Áreas, classificadas pelo CNPq são:

1. Ciências Exatas e da Terra,
2. Ciências Biológicas,
3. Engenharias,
4. Ciências da Saúde,
5. Ciências Agrárias,
6. Ciências Sociais Aplicadas,
- 7. Ciências Humanas,**
8. Linguística Letras e Artes,
9. Multidisciplinar.

E dentro da Área “Ciências Humanas”, encontramos o Nível 3: Subáreas:

1. Filosofia,
2. Teologia,

---

<sup>8</sup> Endereço eletrônico consultado: <http://www.cnpq.br/areasconhecimento/7.htm>, disponível em 29 de junho de 2010.



3. Sociologia,
4. Antropologia,
5. Arqueologia,
6. História,
7. **Geografia**,
8. Psicologia,
9. Educação,
10. Ciência Política.

E quanto à Subárea “Geografia”, esta apresenta as seguintes subdivisões, denominadas pelo CNPq por “Nível 4: Especialidades”:

- Geografia Humana,
- Geografia da População,
- Geografia Agrária,
- Geografia Urbana,
- Geografia Econômica,
- Geografia Política,
- Geografia Regional,
- Teoria do Desenvolvimento Regional,
- Regionalização,
- Análise Regional.

Esta divisão por áreas de conhecimento permitiu a constituição do mapa conceitual utilizado para guiar esta pesquisa, especificamente na fase de coleta das UTs, evitando fuga do tópico Geografia sugerido para este trabalho.

Como o glossário trata dos neologismos encontrados no ensino da disciplina para o Ensino Fundamental, houve necessidade também de procurarmos junto ao PCN (BRASIL, 1998) da Geografia o currículo básico, que à pág. 35 apresenta os seguintes objetivos para que o aluno, ao final do EF seja capaz de:

- conhecer o mundo atual em sua diversidade, favorecendo a compreensão de como as paisagens, os lugares e os territórios se constroem;
- identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e tempos, de modo que construam

referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais;

- conhecer o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo que compreendam o papel das sociedades na construção do território, da paisagem e do lugar;
- compreender a especialidade e a temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações;
- compreender que as melhorias nas condições de vida, os direitos políticos, os avanços tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas ainda não usufruídas por todos os seres humanos e, dentro das possibilidades, empenhar-se em democratizá-las;
- conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da geografia para compreender a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção identificando suas relações, problemas e contradições.
- compreender a importância das diferentes linguagens na leitura das paisagens, desde as imagens musicais e literatura de dados e documentos de diferentes fontes de informação, de modo que interpretem, analisem e relacionem informações sobre o espaço;
- saber utilizar a linguagem gráfica para obter informações e representar a especialidade dos fenômenos geográficos.
- valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a sociodiversidade, reconhecendo-os como direitos dos povos e indivíduos e como elementos de fortalecimento da democracia.

Os PCNs da Geografia (BRASIL, 1998) apresentam os seguintes conteúdos básicos para o EF, terceiro e quarto ciclos:

| Conteúdos para o terceiro ciclo (correspondente ao 6º e 7º anos do EF de nove anos)                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Eixo 1: a Geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A construção do espaço: os territórios e os</li> </ul> | <p>Eixo 2: o estudo da natureza e sua importância para o homem:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os fenômenos naturais, sua regularidade e possibilidade de previsão pelo</li> </ul> | <p>Eixo 3: o campo e a cidade como formações socioespaciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O espaço como acumulação de tempos desiguais</li> <li>• A modernização</li> </ul> | <p>Eixo 4: a cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Da alfabetização cartográfica à leitura crítica e mapeamento consciente</li> </ul> |

|                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                        |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| lugares (o tempo da sociedade e o tempo da natureza)<br>• A conquista do lugar como conquista da cidadania                                                                                                                         | homem<br>• A natureza e as questões socioambientais                                                                                                                                                      | capitalista e a redefinição nas relações entre o campo e a cidade<br>• O papel do Estado e das classes sociais e a sociedade urbano-industrial brasileira<br>• A cultura e o consumo: uma nova interação entre o campo e a cidade                                                                                                                        | • Os mapas como possibilidade de compreensão e estudos comparativos das diferentes paisagens e lugares |
| Conteúdos para o quarto ciclo (correspondente ao 8º ao 9º anos do EF de nove anos)                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                        |
| Eixo 1: a evolução das tecnologias e as novas territorialidades em redes:<br>• A velocidade e a eficiência dos transportes e da comunicação como novo paradigma da globalização<br>• A globalização e as novas hierarquias urbanas | Eixo 2: um só mundo e muitos cenários geográficos:<br>• Estado, povos e nações redesenhando suas fronteiras<br>• Uma região em construção: o Mercosul<br>• Paisagens e diversidade territorial no Brasil | Eixo 3: modernização, modo de vida e a problemática ambiental:<br>• O processo técnico-econômico, a política e os problemas socioambientais<br>• Alimentar o mundo: os dilemas socioambientais para a segurança alimentar<br>• Ambiente urbano, indústria e modo de vida<br>• O Brasil diante das questões ambientais<br>• Ambientalismo: pensar e agir. |                                                                                                        |

Quanto ao material didático adotado, seus conteúdos são:

| LIVRO 5                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | LIVRO 6                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Unidades:<br>1. A Geografia e a compreensão do mundo - Para que estudar Geografia?<br>2. O planeta Terra, o sistema solar e a Terra<br>3. Os continentes, as ilhas e os oceanos - As massas de água e de terra no globo terrestre<br>4. Relevo e hidrografia - A relação entre relevo e hidrografia<br>5. Clima e vegetação - A relação entre clima e vegetação<br>6. O campo e a cidade - O rural e o urbano<br>7. Extrativismo e agropecuária - A diferença entre agropecuária e extrativismo<br>8. Indústria, comércio e prestação de serviços - O setor de serviços e o comércio empregam muitas pessoas. | Unidades:<br>1. O território brasileiro - Os limites do território brasileiro<br>2. A população brasileira - Quantos somos e onde vivemos<br>3. Industrialização e urbanização do Brasil - A indústria comandou a urbanização<br>4. Região Norte - Região Norte: um vazio populacional?<br>5. Região Nordeste - Uma região-problema<br>6. Região Sudeste - Paisagens do Sudeste<br>7. Região Sul - Paisagens da Região Sul<br>8. Região Centro-Oeste - Uma economia cada vez mais diversificada |

| LIVRO 7                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | LIVRO 8                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Unidades:<br>1. Geografia e regionalização do espaço - Como podemos regionalizar o espaço mundial?<br>2. A economia global - Hambúrguer: uma das marcas culturais do século XX<br>3. O continente americano - Diversidade de paisagens<br>4. A população e a economia da América - A diversidade étnica, cultural e econômica na América<br>5. A América do Norte - A cidade mais populosa<br>6. América Central, América Andina e Guianas - Antigas civilizações e magníficas paisagens<br>7. América Platina - A hidrografia comum aos países platinos<br>8. O Brasil - O gigante da América do Sul | Unidades:<br>1. Países e conflitos mundiais - O drama dos refugiados<br>2. Globalização e organizações mundiais - A globalização e suas múltiplas faces<br>3. O continente europeu - Um continente de contrastes<br>4. Leste Europeu e CEI - Um continente em transformação<br>5. O continente asiático - O maior dos continentes<br>6. Ásia: destaques regionais - Diversidade social, política e econômica<br>7. O continente africano - Um continente de desafios<br>8. Oceania e regiões polares - Um continente-arquipélago e duas massas de gelo |

Esta lista nos guiou para conferirmos se o *corpus* escolhido representava fielmente os conteúdos sugeridos pelo PCN 1998, não só por ser a coleção didática adotada pela escola estadual de Mato Grosso do Sul com maior número de alunos matriculados no EF, mas também para ser o material didático representativo do currículo nacional proposto pelo MEC como básico para todas as escolas de EF.

## 2.2 Âmbito de difusão e usuários

O GTCI-Geo pretende ser ferramenta pedagógica que promova a interdisciplinaridade entre a Geografia e as Línguas Espanhola e Inglesa, a princípio, sendo parte de uma pesquisa maior que está sendo desenvolvida pelo Grupo de Estudos Terminológicos do Mato Grosso do Sul.

O público alvo é formado pelos profissionais e alunos do EF do Estado de Mato Grosso do Sul, e como o material didático adotado como *corpus* foi sugerido pelo MEC para as escolas públicas do Brasil, após a análise deste Ministério para elaboração do PNLD 2010, entendemos que o glossário poderá ser utilizado em outras escolas, cidades e estados de nosso país. Pretendemos também disponibilizá-lo como bibliografia de referência para estudiosos da Geografia, da Pedagogia, da Letras e áreas afim, até mesmo para preparação de avaliações do ensino público e privado, bem como

na preparação e avaliação de candidatos a exames para professores do ensino público e privado.

### **2.3 Situação terminológica da área de especialidade**

Uma disciplina constitui-se com base em sua terminologia, isto porque a UT tem característica científica muito importante no estabelecimento de um conceito específico para determinado assunto. Por mais que a univocidade do termo proposto inicialmente por Eugen Wüster seja utópica, principalmente por acreditarmos na contextualização da Terminologia em ambiente comunicativo, percebemos que a língua de especialidade sugere termos utilizados tanto por sua comunidade especializada como por leigos, encontrando alguns termos nos dicionários de língua geral.

Em busca pelos neologismos ainda não listados pelo dicionário de língua geral, para elaboração do presente glossário com o objetivo de facilitar a formação do cidadão crítico – o aluno do EF ao final de sua formação escolar.

### **2.4 Características**

O GTCI-Geo pretende ser uma obra de referência em Língua Portuguesa, apresentando também a equivalência nas línguas espanhola e inglesa.

A escolha destas línguas estrangeiras deu-se por ser a de maior utilização no mundo globalizado, que gerou a inclusão da disciplina Línguas Estrangeiras como parte do núcleo nos PCNs do EF.

A apresentação dos verbetes foi feita por ordem alfabética em língua portuguesa, tendo o apêndice de equivalências em língua espanhola e inglesa como apoio para eventual busca de termo inicialmente em língua estrangeira para estudo de seu verbete em língua portuguesa.

A partir de análises preliminares, a ordem alfabética foi considerada o tipo de ordenamento dicionarístico para esta pesquisa. Considerando que as UTs encontradas apresentam-se em diferentes subáreas de conhecimento, o que inviabilizou a ordenação sistemática por campos nocionais, e por ser este glossário dirigido principalmente aos alunos do EF, que estão aprendendo a utilizar dicionários como obras de referência para seu estudo.

## 2.5 Metodologia de elaboração

Para a elaboração do GTCI-Geo, utilizamos as seguintes obras:

- ALMEIDA, G.M.B. *A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática*. Alfa, São Paulo, 50 (2): 85-101, 2006.
- BARROS, L.A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- CABRÉ, M.T. Elementos para una teoria de la terminología: hacia un paradigma alternativo. In: *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, p. 69-92. 1999.
- KRIEGER, Maria da Graça e FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

## 2.6 Fases do trabalho

### 2.6.1 Estabelecimento do *corpus* de pesquisa

Como o objetivo do trabalho é o de propor um material para uso interdisciplinar no EF público de Mato Grosso do Sul, pesquisamos junto à Coordenadoria de Programas de Apoio Educacional Estatística, da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul, os dados publicados quanto à matrícula por etapa e modalidade de ensino da rede estadual em 2009, buscando a escola pública de Campo Grande que mais matrículas efetuou para o EF neste período, solicitando um exemplar do material didático adotado<sup>9</sup> para 2010, para a disciplina de Geografia do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano, que passou a constituir o *corpus* de pesquisa das UTs do GTCI-Geo.

Como a pesquisa entrou pelo ano de 2010, realizamos a mesma pesquisa que manteve tanto escola quanto material didático adotado.

---

<sup>9</sup> AOKI, Virginia (et al) **Projeto Araribá: geografia**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

## 2.6.2 Elaboração do mapa conceitual

A análise da classificação de áreas de conhecimento proposta pelo CNPq gerou o seguinte mapa conceitual<sup>10</sup>:

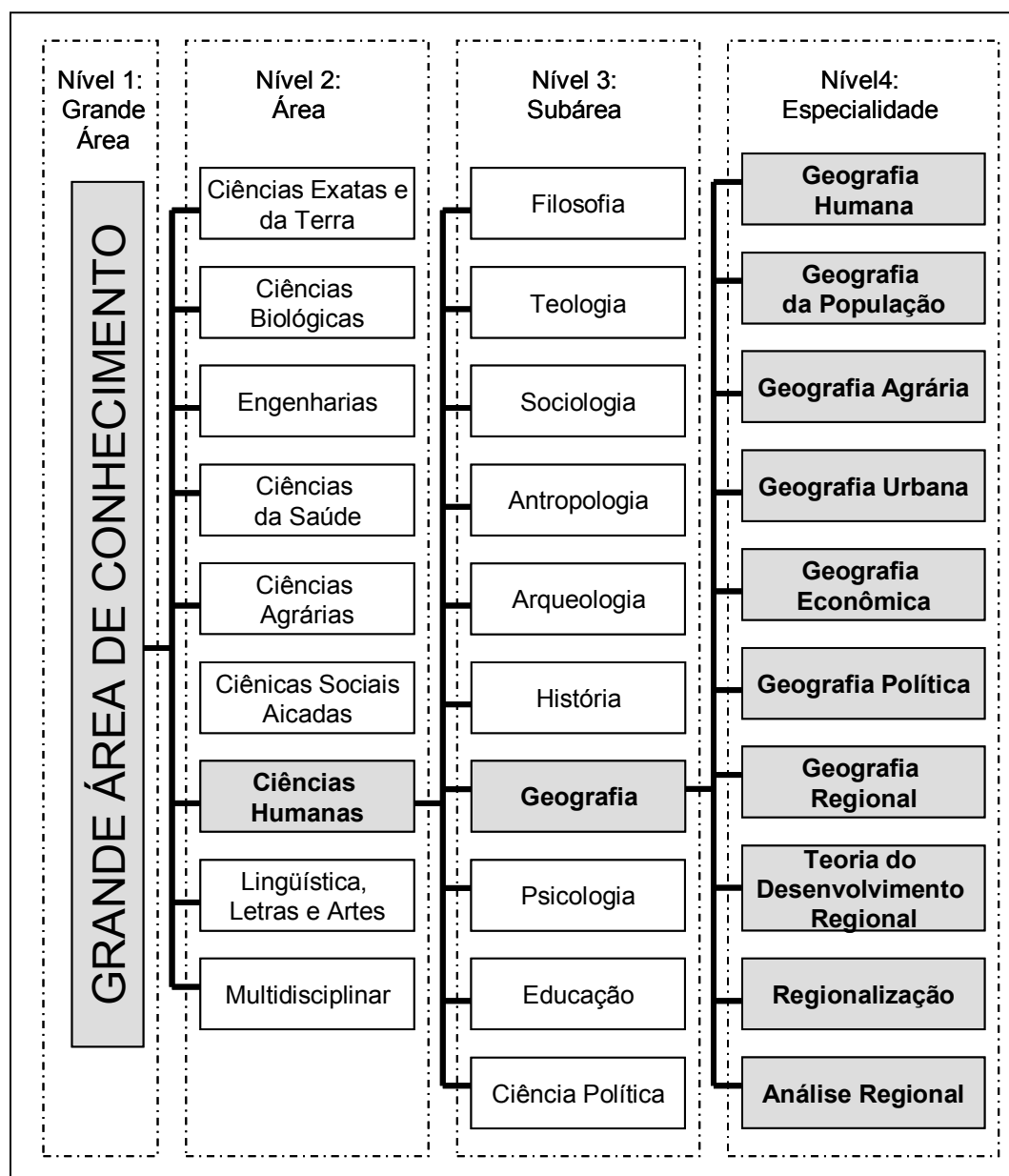


Figura 3: Mapa Conceitual

<sup>10</sup> A presente pesquisa delimitou somente as subáreas da Geografia, mas é necessário salientar que virá a compor futuramente um trabalho maior de estudo das unidades terminológicas encontradas nas disciplinas ministradas no EF.

### 2.6.3 Preparação da ficha terminológica e conteúdo dos verbetes

Os procedimentos após o levantamento das UTs compreenderão os dados da ficha terminológica sistemáticos e não sistemáticos.

Os verbetes do GTCI-Geo apresentarão as informações da ficha terminológica de acordo com a seguinte hierarquia:

#### 1. Informações sistemáticas:

Entrada: termo

Equivalência em língua espanhola

Equivalência em língua inglesa

Gênero: de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa<sup>11</sup>

Número: em língua portuguesa

Ocorrências no corpus de pesquisa

#### 2. Informações não-sistemáticas:

Definição: significado(s) atribuído(s) ao termo

Outras denominações: em língua portuguesa

Exemplo(s): retirados do corpus de pesquisa e dos corpora de apoio enciclopédico.

remissão ao termo principal: outros termos relacionados e existentes neste glossário.

Apresentamos abaixo um modelo de ficha terminológica preenchido.

|                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Entrada                     | <b>Regime fluvial</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Variações                   | Sistema fluvial                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Equivalência em espanhol    | <i>Sistema fluvial</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Equivalência em inglês      | <i>River system</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Frequência no <i>corpus</i> | L5.94 L5.124,L7.181,L8.83                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Gênero                      | s.m.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Número                      | Sing.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Definição                   | <p>“A variação do nível das águas de um rio no período de um ano é chamada de regime fluvial.”(L5.94)</p> <p>Exemplos: “<i>O Brasil apresenta uma extensa rede hidrográfica...</i>” (L5.124); “<i>Quais rios brasileiros foram identificados no mapa da rede hidrográfica da América do Sul (fig.1)?</i>” (L7.181)</p> |

<sup>11</sup> Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Academia Brasileira de Letras. 5.ed. São Paulo: Global, 2009



|                                                              |                                                                                                                                                                            |
|--------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ver: remissão ao termo principal                             | Rede hidrográfica                                                                                                                                                          |
| Informações enciclopédicas                                   | (9) <b>regime</b> s.m.                                                                                                                                                     |
| Ocorrências mais significativas encontradas no <i>corpus</i> | “O Brasil apresenta uma extensa rede hidrográfica...” L5.124<br>“Quais rios brasileiros foram identificados no mapa da rede hidrográfica da América do Sul (fig.1)? L7.181 |

#### 2.6.4 Busca pelos candidatos a UTs no *corpus*

O levantamento da nomenclatura do GTCI-Geo, foi realizado manualmente a busca pelos candidatos a UT no *corpus* de pesquisa, ou seja, estamos identificando os termos por meio de uma leitura cuidadosa nos livros que constituem o *corpus* da pesquisa. Tal procedimento foi adotado por não termos encontrado nenhum *software* que conseguisse identificar as unidades complexas que se apresentam no *corpus* em análise.

#### 2.6.5 Convalidação das UTs

Considerando que o GTCI-Geo é parte de um dicionário a ser elaborado pelo Grupo de Estudos Terminológicos do Mato Grosso do Sul, pesquisa científica de cunho terminológico, coordenado pelos Professores Doutores Aparecida Negri Isquerdo e Auri Claudionei Matos Frübel, representando a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, além, é claro, de compor, enquanto glossário, uma pesquisa a nível de pós-graduação *stricto sensu* pela mesma universidade, o especialista de domínio precisa atender ao pré-requisito de possuir título de Doutor em Geografia e ser vinculado à UFMS. Assim, chegamos ao nome do Professor Doutor Paulo Jóia, docente da UFMS.

#### 2.6.6 Análise dos candidatos a UT pelo especialista de domínio

A listagem inicial com 668 candidatos a UT passou pela análise de convalidação do especialista de domínio, gerando a lista com UTs que constituiu a nomenclatura do de 169 UTs do GTCI-Geo.

### 2.6.7 Pesquisa pelas UTs neológicas

Como o GTCI-Geo proposto neste trabalho aborda somente os neologismos encontrados, todas as unidades levantadas como termos pelo especialista de domínio foram confrontadas com os *corpora* de exclusão.

### 2.6.8 Redação do verbete em língua portuguesa e equivalências em línguas estrangeiras

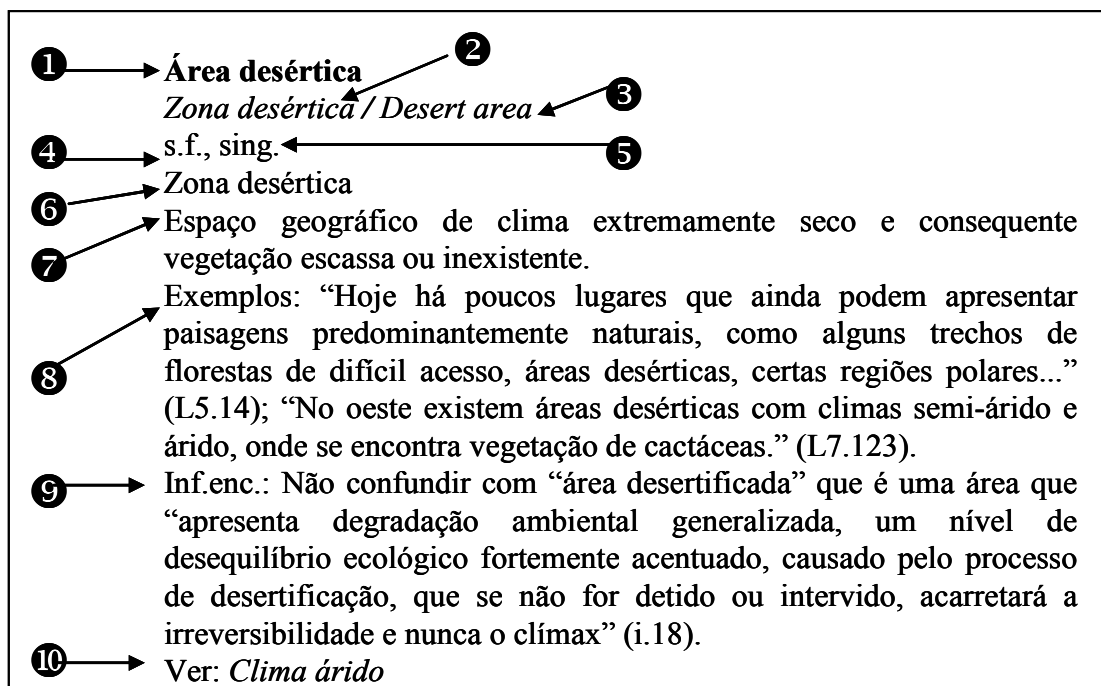
Para a constituição dos verbetes do GTCI-Geo, buscamos informações em dicionários bilíngues e monolíngues, bem como em outros materiais de cunho científico, tais como livros, artigos, dentre outros. Além obviamente dos conteúdos apresentados pelos livros didáticos em análise, tal bibliografia consta da Parte 3 - Glossário.

### 2.6.9 Apresentação dos verbetes

O verbete foi estruturado seguindo o seguinte padrão:

Legenda:

1. Entrada: termo;
2. Equivalência em língua espanhola;
3. Equivalência em língua inglesa;
4. Gênero: de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa;
5. Número: em língua portuguesa;
6. Outras denominações/ variações: em língua portuguesa;
7. Definição: significado(s) atribuído(s) ao termo;
8. Exemplo(s): retirados do *corpus* de pesquisa;
9. Informações enciclopédicas: retiradas dos *corpora* de apoio enciclopédico; e
10. Ver: remissão ao termo principal: outros termos relacionados e existentes no GTCI-Geo.



## PARTE 3: GLOSSÁRIO

### I – INTRODUÇÃO AO GLOSSÁRIO

Este trabalho faz parte do Projeto de Pesquisa do Grupo de Estudos Terminológicos em Mato Grosso do Sul, direcionado aos alunos do ensino fundamental, oferecendo um Glossário Terminológico Comunicativo Interdisciplinar de Neologismos da Geografia do Ensino Fundamental, com equivalências nas Línguas Espanhola e Inglesa (GTCI-Geo).

Seu nome reflete escolhas de pesquisa conforme segue:

**Glossário** porque não pretende ser um dicionário geral da língua portuguesa, e sim definir os termos que a Geografia que é ensinada na escola;

**Terminológico** porque busca nos livros da Geografia somente as palavras que são partes da língua de especialidade desta área de estudo;

**Comunicativo** um vez que traz o contexto em que está inserido o termo como importante para o entendimento do termo, com tratamento metodológico que é baseado na Teoria Comunicativa da Terminologia, com apoio de um profissional especialista da Geografia e outros especialistas em Línguas Portuguesa, Inglesa e Espanhola;

**Interdisciplinar** porque oferece para o estudo da Geografia um conceito e informações gramaticais, enciclopédicas, de uso, entre outras, em Língua Portuguesa, em forma de texto para leitura comunicativa, e as equivalências nas línguas espanhola e inglesa para que inúmeras possibilidades de exercícios e tarefas que envolvam as disciplinas em trabalho conjunto;

**de Neologismos**, já que é tratado nesta pesquisa somente os termos que ainda não figuram nos dicionários Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e o Houaiss da Língua Portuguesa.

**da Geografia**, a primeira disciplina escolhida pelo Grupo de Estudos para pesquisa;

**do Ensino Fundamental**, glossário terminológico, mas oferecido ao aluno através de uma ferramenta de uso escolar, que busca redigir cada verbete direcionado ao estudante do 6º ao 9º anos do ensino fundamental, respeitando sua competência linguística adquirida; e

**com equivalências nas Línguas Espanhola e Inglesa**, para sugerir a

interdisciplinaridade entre Língua Portuguesa, Línguas estrangeiras e a Geografia.

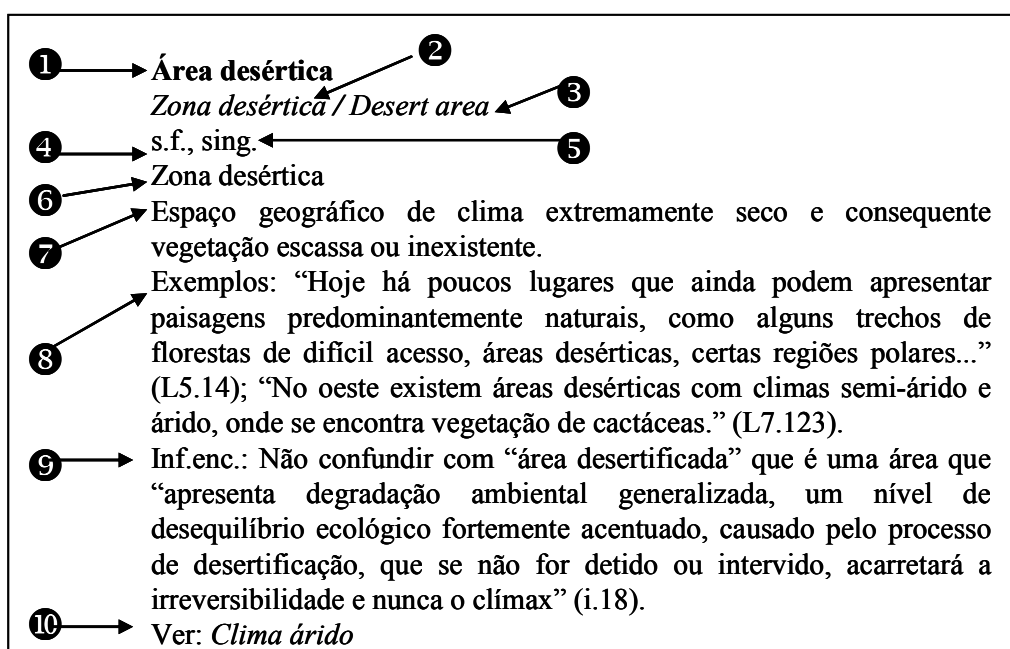
O GTCI-Geo visa motivar o aluno a usá-lo como fonte de referência, por isso tanto valor foi dado aos exemplos encontrados no uso real do ensino da Geografia e às informações enciclopédicas.

Mostrar ao aluno o quanto importante é ler todo o verbete, e não somente as primeiras explicações, pois entende que cada linha traz uma informação importante, além da definição terminológica, ou seja, a que lista os traços que diferenciariam tal termo de outro procurando redigir cada verbete de forma clara e simples pois reconhece o aluno do EF como público alvo.

E para o professor das disciplinas de Geografia e Línguas Estrangeiras Modernas (Espanhol e Inglês), propor que trabalhem interdisciplinarmente, consolidando os conceitos estudados em sala de aula e entendendo e valorizando o uso do dicionário/glossário como apoio pedagógico.

### **Apresentação dos verbetes:**

Cada verbete foi redigido seguindo a mesma ordem de informações, a fim de facilitar o entendimento das informações e a pesquisa por parte do consulente. Os dados escolhidos para este glossário estão da seguinte forma apresentados:



### **Legenda:**

1. Entrada: termo;
2. Equivalência em língua espanhola;
3. Equivalência em língua inglesa;
4. Gênero: de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa;
5. Número: em língua portuguesa;
6. Outras denominações/ variações: em língua portuguesa;
7. Definição: significado(s) atribuído(s) ao termo;
8. Exemplo(s): retirados do *corpus* de pesquisa;
9. Informações enciclopédicas: retiradas dos *corpora* de apoio enciclopédico; e
10. Ver: remissão ao termo principal: outros termos relacionados e existentes no GTCI-Geo.

#### **Abreviaturas:**

s. substantivo  
f. feminino  
m. masculino  
sing. Singular  
pl. plural

## **II - SIGLAS E ACRÔNIMOS: Índices e referências**

APA - Área de proteção ambiental  
*Ea* - *Massa de Ar Equatorial Atlântica*  
*Ec* - *Massa de Ar Equatorial Continental*  
FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço  
GPS – Global Positioning System  
*IDH* – *Índice de Desenvolvimento Humano*  
*P* - *Massa de Ar Polar*  
*PIB* – *Produto Interno Bruto*  
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação,  
*RDH* - *Relatório de Desenvolvimento Humano*  
*Ta* - *Massa de Ar Tépidas Atlântica*  
TI - Terras indígenas  
*Tk* - *Massa de Ar Calaariana*

## **III - SIGLAS E ACRÔNIMOS: Instituições**

IBGE - Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia  
ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade  
INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social  
*ONU* - *Organização das Nações Unidas*  
PMA Polícia Militar Ambiental  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação

#### IV - ÍNDICE ALFABÉTICO DOS TERMOS

1. Afluentes temporários
2. Ambiente fluvial
3. Ambiente marítimo
4. Área de atração populacional
5. Área de proteção ambiental
6. Área de repulsão populacional
7. Área de risco
8. Área descampada
9. Área desértica
10. Área residencial
11. Área serrana
12. Área vulcânica ativa
13. Arquipélago fluvial
14. Aspectos físicos
15. Atividade agrícola
16. Atividade econômica
17. Atividade extrativa
18. Atividade industrial
19. Atividade primária
20. Bacia hidrográfica secundária
21. Bacia petrolífera
22. Barreira natural
23. Bipolaridade mundial
24. Cânion submarino
25. Centro comercial
26. Centro regional
27. Centro urbano
28. Cidade média
29. Clima árido
30. Clima equatorial
31. Clima mediterrâneo
32. Clima polar
33. Clima tropical
34. Climograma
35. Comércio atacadista
36. Comércio internacional
37. Comércio regional
38. Comércio varejista
39. Comunicação fluvial
40. Concentração industrial
41. Concentração populacional
42. Concentração urbana
43. Crescimento demográfico
44. Crescimento industrial
45. Criação extensiva
46. Desconcentração industrial
47. Divisão política
48. Divisão social do trabalho

49. Divisão territorial do trabalho
50. Economia-mundo
51. Ecossistema terrestre
52. Efeito orográfico
53. Eixo de integração
54. Espaço geográfico
55. Espaço geográfico
56. Espaço natural
57. Espaço natural
58. Espaço rural
59. Espaço urbano
60. Estado-nação
61. Estrutura territorial
62. Êxodo rural
63. Extensão territorial
64. Fatores climáticos
65. Fenômeno natural
66. Fonte de energia
67. Fonte de renda
68. Habitat rural
69. Hierarquia urbana
70. Ilha de calor
71. Ilha oceânica
72. Ilha vulcânica
73. Indicadores sociais
74. Índice de Desenvolvimento Humano
75. Índice de ocupação
76. Integração campo-cidade
77. Lagoa costeira
78. Limite natural
79. Limite territorial
80. Mapa físico
81. Marco zero
82. Mercado externo
83. Mercado interno
84. Migração de transumância
85. Migração externa
86. Migração interna
87. Migração inter-regional
88. Migração pendular
89. Movimento migratório
90. Mudança climática
91. Nível do mar
92. Organização econômica
93. Padrão de consumo
94. Padrão de vida
95. País desenvolvido
96. País emergente
97. País industrializado
98. Paisagem geográfica



99. Paisagem natural
100. Paisagem rural
101. Paisagem urbana
102. Paraíso fiscal
103. Patrimônio natural
104. Patrimônio natural da humanidade
105. Pequena empresa
106. Perfil topográfico
107. PIB per capita
108. Pirâmide etária
109. Polígono das secas
110. Políticas públicas
111. Polo industrial
112. Polo turístico
113. Ponto de orientação
114. População rural
115. População total
116. População urbana
117. Produção agropecuária
118. Produção de energia
119. Produção econômica
120. Produção industrial
121. Propriedade rural
122. Recursos energéticos
123. Recursos hídricos
124. Rede hidrográfica
125. Rede urbana
126. Região geoeconômica
127. Região geográfica
128. Região periférica
129. Regime fluvial
130. Reserva ambiental
131. Reserva petrolífera
132. Reserva extrativista
133. Rio de planalto
134. Rio de planície
135. Rio emissário
136. Rio intermitente
137. Rio perene
138. Rio principal
139. Sensor remoto
140. Setor agrícola
141. Setor comercial
142. Setor da economia
143. Setor de serviços
144. Setor industrial
145. Setor turístico
146. Sistema de transporte coletivo
147. Solo degradado
148. Superfície terrestre

- 149. Taxa de urbanização
- 150. Tempo geológico
- 151. Terra agriculturável
- 152. Terra emersa
- 153. Terras indígenas (TI)
- 154. Terras públicas
- 155. Trabalho assalariado
- 156. Trabalho familiar
- 157. Trabalho informal
- 158. Trabalho rural
- 159. Turismo rural
- 160. Vazio populacional
- 161. Vegetação de altitude
- 162. Vegetação de deserto
- 163. Vegetação litorânea
- 164. Vegetação mediterrânea
- 165. Vegetação nativa
- 166. Zona climática

## V - ÍNDICE ALFABÉTICO DE EQUIVALÊNCIAS

### 1. Espanhol

| Língua Espanhola                      | Língua Portuguesa               | Língua Inglesa                |
|---------------------------------------|---------------------------------|-------------------------------|
| Actividad agrícola                    | Atividade agrícola              | Farming                       |
| Actividad económica                   | Atividade econômica             | Economic activity             |
| Actividad extractiva                  | Atividade extrativa             | Extractive activity           |
| Actividad industrial                  | Atividade industrial            | Industrial activity           |
| Actividad primaria                    | Atividade primária              | Primary activity              |
| Afluente temporario/arroyo temporario | Afluente temporário             | Temporary affluent            |
| Ambiente fluvial                      | Ambiente fluvial                | Fluvial environment           |
| Ambiente marino                       | Ambiente marítimo               | Maritime environment          |
| Archipiélago fluvial                  | Arquipélago fluvial             | River archipelago             |
| Área de atracción poblacional         | Área de atração populacional    | Population attraction area    |
| Aspectos físicos                      | Aspectos físicos                | Physical features             |
| Barrera natural                       | Barreira natural                | Natural barrier               |
| Bipolaridad mundial                   | Bipolaridade mundial            | Bipolar world                 |
| Cambio climático                      | Mudança climática               | Climate change                |
| Cañón submarino                       | Cânion submarino                | Submarine canyon              |
| Centro comercial                      | Centro comercial                | Commercial center             |
| Centro regional                       | Centro regional                 | Regional center               |
| Centro urbano                         | Centro urbano                   | Central business district     |
| ciudad media                          | Cidade média                    | Médium city                   |
| Clima árido                           | Clima árido                     | Arid climate                  |
| Clima ecuatorial                      | Clima equatorial                | Equatorial climate            |
| Clima mediterráneo                    | Clima mediterrâneo              | Mediterranean climate         |
| Clima polar                           | Clima polar                     | Polar climate                 |
| Clima tropical                        | Clima tropical                  | Tropical climate              |
| Climograma                            | Climograma                      | Climagram                     |
| Climograma                            | Climograma                      | Climograph                    |
| Climograma                            | Climograma                      | Climatograph                  |
| Comércio al por mayor                 | Comércio atacadista             | Wholesale trade               |
| Comercio al por menor                 | Comércio varejista              | Retail                        |
| Comercio internacional                | Comércio internacional          | International trade           |
| Comercio regional                     | Comércio regional               | Regional trade                |
| Comunicación fluvial                  | Comunicação fluvial             | River communication           |
| Concentración industrial              | Concentração industrial         | Industrial concentration      |
| Concentración urbana                  | Concentração urbana             | Urban concentration           |
| Crecimiento demográfico               | Crescimento demográfico         | Demographic growth            |
| Crecimiento industrial                | Crescimento industrial          | Industrial growth             |
| Densidad de población                 | Concentração populacional       | Population density            |
| Descentralización industrial          | Desconcentração industrial      | Industrial decentralization   |
| División política                     | Divisão política                | Political division            |
| División social del trabajo           | Divisão social do trabalho      | Social division of labor      |
| División territorial del              | Divisão territorial do trabalho | Territorial division of labor |

|                             |                                  |                            |
|-----------------------------|----------------------------------|----------------------------|
| trabajo                     |                                  |                            |
| Economía-mundo              | Economia-mundo                   | World-economy              |
| Ecosistema terrestre        | Ecossistema terrestre            | Terrestrial ecosystem      |
| Efecto orográfico           | Efeito orográfico                | Orographic effect          |
| Eje de integración          | Eixo de integração               | Axis of integration        |
| Espacio geográfico          | Espaço geográfico                | Geographic region          |
| Espacio geográfico          | Espaço geográfico                | Geographical area          |
| Espacio natural             | Espaço natural                   | Countryside                |
| Espacio natural             | Espaço natural                   | Natural área               |
| Estado-nación               | Estado-nação                     | Nation-state               |
| Estructura territorial      | Estrutura territorial            | Territorial structure      |
| Éxodo rural                 | Êxodo rural                      | Rural exodus               |
| Extensión territorial       | Extensão territorial             | Territorial extension      |
| Factor climático            | Fatores climáticos               | Climatic factor            |
| Fenómeno natural            | Fenômeno natural                 | Natural phenomenon         |
| Fuente de energía           | Fonte de energia                 | Energy source              |
| Fuente de ingresos          | Fonte de renda                   | Source of income           |
| Ganadería extensiva         | Criação extensiva                | Extensive farming          |
| Hábitat rural               | Habitat rural                    | Rural habitat              |
| Indicadores sociales        | Indicadores sociais              | Social indicators          |
| Índice de desarrollo urbano | Índice de Desenvolvimento Humano | Index of urban development |
| Índice de urbanización      | Taxa de urbanização              | Urbanization rate          |
| Integración rural y urbana  | Integração campo-cidade          | Rural-urban integration    |
| Isla de calor               | Ilha de calor                    | Heat island                |
| Isla oceánica               | Ilha oceânica                    | Oceanic island             |
| Isla volcánica              | Ilha vulcânica                   | Volcanic island            |
| Jerarquía urbana            | Hierarquia urbana                | Urban hierarchy            |
| Laguna costera              | Lagoa costeira                   | Coastal lagoon             |
| Límite natural              | Limite natural                   | Natural boundary           |
| Límite natural              | Limite natural                   | natural limit              |
| Límite territorial          | Limite territorial               | Territorial boundary       |
| Mapa físico                 | Mapa físico                      | Physical map               |
| Mercado exterior            | Mercado externo                  | Foreign market             |
| Mercado interior            | Mercado interno                  | Internal market            |
| Migración estacional        | Migração de transumância         | Migration of transhumance  |
| Migración externa           | Migração externa                 | Outmigration               |
| Migración interna           | Migração interna                 | Internal migration         |
| Migración interregional     | Migração inter-regional          | Interregional migration    |
| Migración pendular          | Migração pendular                | Daily migration            |
| Movimiento migratório       | Movimento migratório             | Migratory movement         |
| Nivel de vida               | Padrão de vida                   | Standard of living         |
| Nivel del mar               | Nível do mar                     | Sea level                  |
| Organización económica      | Organização econômica            | Economic organization      |
| País desarrollado           | País desenvolvido                | Developed country          |
| País emergente              | País emergente                   | Emerging country           |
| País en desarrollo          | País emergente                   | developing country         |
| País industrializado        | País industrializado             | Industrialized country     |

|                                    |                                  |                              |
|------------------------------------|----------------------------------|------------------------------|
| Paisaje geográfico                 | Paisagem geográfica              | Geographical landscape       |
| Paisaje natural                    | Paisagem natural                 | Natural landscape            |
| Paisaje rural                      | Paisagem rural                   | Countryside                  |
| Paisaje urbano                     | Paisagem urbana                  | Urban landscape              |
| Paraíso fiscal                     | Paraíso fiscal                   | Tax haven                    |
| Patrimonio natural                 | Patrimônio natural               | Natural heritage             |
| Patrimonio natural de la humanidad | Patrimônio natural da humanidade | Natural heritage of humanity |
| Patrón de consumo                  | Padrão de consumo                | Consumption pattern          |
| Pequeña empresa                    | Pequena empresa                  | Small business               |
| Perfil topográfico                 | Perfil topográfico               | Topographic profile          |
| PIB per capita                     | PIB per capita                   | Per capita GDP               |
| Pirámide etaria                    | Pirâmide etária                  | Pyramid                      |
| Población rural                    | População rural                  | Rural population             |
| Población total                    | População total                  | Total population             |
| Población urbana                   | População urbana                 | Urban population             |
| Polígono de sequía                 | Polígono das secas               | Drought polygon              |
| Políticas públicas                 | Políticas públicas               | Public policies              |
| Polo industrial                    | Polo industrial                  | Industrial area              |
| Polo turística                     | Polo turístico                   | Touristic center             |
| Producción agrícola                | Produção agropecuária            | Agriculture production       |
| Producción de energía              | Produção de energia              | Energy production            |
| Producción económica               | Produção econômica               | Economic output              |
| Producción industrial              | Produção industrial              | Industrial production        |
| Propiedad rural                    | Propriedade rural                | Rural property               |
| Punto de orientación               | Ponto de orientação              | Point of orientation         |
| Recurso hídrico                    | Recursos hídricos                | Water resource               |
| Recursos energéticos               | Recursos energéticos             | Energy resource              |
| Red hidrográfica                   | Rede hidrográfica                | Hydrographic network         |
| Red urbana                         | Rede urbana                      | Urban network                |
| Región geoeconómica                | Região geoeconômica              | Geo-economic region          |
| Región geográfica                  | Região geográfica                | Geographic region            |
| Región periférica                  | Região periférica                | Peripheral region            |
| Reserva de petróleo                | Reserva petrolífera              | Oil reserve                  |
| Reserva ecológica                  | Reserva ambiental                | Environmental reserve        |
| Reserva extractiva                 | Reserva extrativista             | Extractive reserve           |
| Río de llanura                     | Rio de planície                  | Plain river                  |
| Río emisario                       | Rio emissário                    | Outfall river                |
| Río intermitente                   | Rio intermitente                 | Intermittent river           |
| Río meseta                         | Rio de planalto                  | River plateau                |
| Río perenne                        | Rio perene                       | Perennial river              |
| Río principal                      | Rio principal                    | Main river                   |
| Sector agrícola                    | Setor agrícola                   | Agricultural sector          |
| Sector comercial                   | Setor comercial                  | Commercial sector            |
| Sector de servicio                 | Setor de serviços                | Service sector               |
| Sector económico                   | Setor da economia                | Sector of the economy        |
| Sector industrial                  | Setor industrial                 | Industrial sector            |
| Sector turístico                   | Setor turístico                  | Tourism sector               |

|                               |                                |                               |
|-------------------------------|--------------------------------|-------------------------------|
| Sensor remoto                 | Sensor remoto                  | Remote sensor                 |
| Sistema de transporte público | Sistema de transporte coletivo | Public transportation system  |
| Sistema fluvial               | Regime fluvial                 | River system                  |
| Sub-cuenca                    | Bacia hidrográfica secundária  | Secondary catchment           |
| Suelo degradado               | Solo degradado                 | Degradated soil               |
| Superficie terrestre          | Superfície terrestre           | Surface                       |
| Tasa de ocupación             | Índice de ocupação             | Occupancy rate                |
| Tiempo geológico              | Tempo geológico                | Geologic time                 |
| Tierra cultivable             | Terra agriculturável           | Farmland                      |
| Tierra emergida               | Terra emersa                   | Landmasses                    |
| Tierras indígenas             | Terras indígenas (TI)          | Indian land                   |
| Tierras públicas              | Terras públicas                | Public land                   |
| Trabajo asalariado            | Trabalho assalariado           | Employment                    |
| Trabajo familiar              | Trabalho familiar              | Family work                   |
| Trabajo informal              | Trabalho informal              | Informal work                 |
| Trabajo rural                 | Trabalho rural                 | Rural work                    |
| Turismo rural                 | Turismo rural                  | Rural tourism                 |
| Vacio poblacional             | Vazio populacional             | Demographic emptiness         |
| Vegetación de altura          | Vegetação de altitude          | High altitude vegetation      |
| Vegetación de desierto        | Vegetação de deserto           | Desert vegetation             |
| Vegetación de litoral         | Vegetação litorânea            | Litoral vegetation            |
| Vegetación mediterránea       | Vegetação mediterrânea         | Mediterranean vegetation      |
| Vegetación nativa             | Vegetação nativa               | Native vegetation             |
| Yacimiento petrolífero        | Bacia petrolífera              | Oilfield                      |
| Zona cero                     | Marco zero                     | Ground Zero                   |
| Zona climática                | Zona climática                 | Climate zone                  |
| Zona de protección ambiental  | Área de proteção ambiental     | Environmental protection area |
| Zona de repulsión poblacional | Área de repulsão populacional  | Repulsion populational area   |
| Zona de riesgo                | Área de risco                  | Risk area                     |
| Zona descampada               | Área descampada                | Open area                     |
| Zona desiértica               | Área desértica                 | Desert area                   |
| Zona residencial              | Área residencial               | Residential area              |
| Zona rural                    | Espaço rural                   | Rural area                    |
| Zona serrana                  | Área serrana                   | Mountainous area              |
| Zona urbano                   | Espaço urbano                  | Urban area                    |
| Zona volcánica activa         | Área vulcânica ativa           | Active volcanic area          |

## 2. Inglês

| Língua Inglesa         | Língua Portuguesa     | Língua Espanhola      |
|------------------------|-----------------------|-----------------------|
| Active volcanic area   | Área vulcânica ativa  | Zona volcánica activa |
| Agricultural sector    | Setor agrícola        | Sector agrícola       |
| Agriculture production | Produção agropecuária | Producción agrícola   |
| Arid climate           | Clima árido           | Clima árido           |

|                               |                            |                              |
|-------------------------------|----------------------------|------------------------------|
| Axis of integration           | Eixo de integração         | Eje de integración           |
| Bipolar world                 | Bipolaridade mundial       | Bipolaridad mundial          |
| Central business district     | Centro urbano              | Centro urbano                |
| Climagram                     | Climograma                 | Climograma                   |
| Climate change                | Mudança climática          | Cambio climático             |
| Climate zone                  | Zona climática             | Zona climática               |
| Climatic factor               | Fatores climáticos         | Factor climático             |
| Climatograph                  | Climograma                 | Climograma                   |
| Climograph                    | Climograma                 | Climograma                   |
| Coastal lagoon                | Lagoa costeira             | Laguna costera               |
| Commercial center             | Centro comercial           | Centro comercial             |
| Commercial sector             | Setor comercial            | Sector comercial             |
| Consumption pattern           | Padrão de consumo          | Patrón de consumo            |
| Countryside                   | Espaço natural             | Espacio natural              |
| Countryside                   | Paisagem rural             | Paisaje rural                |
| Daily migration               | Migração pendular          | Migración pendular           |
| Degradated soil               | Solo degradado             | Suelo degradado              |
| Demographic emptiness         | Vazio populacional         | Vacío poblacional            |
| Demographic growth            | Crescimento demográfico    | Crecimiento demográfico      |
| Desert area                   | Área desértica             | Zona desiértica              |
| Desert vegetation             | Vegetação de deserto       | Vegetación de desierto       |
| Developed country             | País desenvolvido          | País desarrollado            |
| developing country            | País emergente             | País en desarrollo           |
| Drought polygon               | Polígono das secas         | Polígono de sequía           |
| Economic activity             | Atividade econômica        | Actividad económica          |
| Economic organization         | Organização econômica      | Organización económica       |
| Economic output               | Produção econômica         | Producción económica         |
| Emerging country              | País emergente             | País emergente               |
| Employment                    | Trabalho assalariado       | Trabajo asalariado           |
| Energy production             | Produção de energia        | Producción de energía        |
| Energy resource               | Recursos energéticos       | Recursos energéticos         |
| Energy source                 | Fonte de energia           | Fuente de energia            |
| Environmental protection area | Área de proteção ambiental | Zona de protección ambiental |
| Environmental reserve         | Reserva ambiental          | Reserva ecológica            |
| Equatorial climate            | Clima equatorial           | Clima ecuatorial             |
| Extensive farming             | Criação extensiva          | Ganadería extensiva          |
| Extractive activity           | Atividade extrativa        | Actividad extractiva         |
| Extractive reserve            | Reserva extrativista       | Reserva extractiva           |
| Family work                   | Trabalho familiar          | Trabajo familiar             |
| Farming                       | Atividade agrícola         | Actividad agrícola           |
| Farmland                      | Terra agriculturável       | Tierra cultivable            |
| Fluvial environment           | Ambiente fluvial           | Ambiente fluvial             |
| Foreign market                | Mercado externo            | Mercado exterior             |
| Geo-economic region           | Região geoeconômica        | Región geoeconómica          |
| Geographic region             | Espaço geográfico          | Espacio geográfico           |
| Geographic region             | Região geográfica          | Región geográfica            |
| Geographical area             | Espaço geográfico          | Espacio geográfico           |

|                              |                                  |                                    |
|------------------------------|----------------------------------|------------------------------------|
| Geographical landscape       | Paisagem geográfica              | Paisaje geográfico                 |
| Geologic time                | Tempo geológico                  | Tiempo geológico                   |
| Ground Zero                  | Marco zero                       | Zona cero                          |
| Heat island                  | Ilha de calor                    | Isla de calor                      |
| High altitude vegetation     | Vegetação de altitude            | Vegetación de altura               |
| Hydrographic network         | Rede hidrográfica                | Red hidrográfica                   |
| Index of urban development   | Índice de Desenvolvimento Humano | Índice de desarrollo urbano        |
| Indian land                  | Terras indígenas (TI)            | Tierras indígenas                  |
| Industrial activity          | Atividade industrial             | Actividad industrial               |
| Industrial area              | Polo industrial                  | Polo industrial                    |
| Industrial concentration     | Concentração industrial          | Concentración industrial           |
| Industrial decentralization  | Desconcentração industrial       | Descentralización industrial       |
| Industrial growth            | Crescimento industrial           | Crecimiento industrial             |
| Industrial production        | Produção industrial              | Producción industrial              |
| Industrial sector            | Setor industrial                 | Sector industrial                  |
| Industrialized country       | País industrializado             | País industrializado               |
| Informal work                | Trabalho informal                | Trabajo informal                   |
| Intermittent river           | Rio intermitente                 | Río intermitente                   |
| Internal market              | Mercado interno                  | Mercado interior                   |
| Internal migration           | Migração interna                 | Migración interna                  |
| International trade          | Comércio internacional           | Comercio internacional             |
| Interregional migration      | Migração inter-regional          | Migración interregional            |
| Landmasses                   | Terra emersa                     | Tierra emergida                    |
| Litoral vegetation           | Vegetação litorânea              | Vegetación de litoral              |
| Main river                   | Rio principal                    | Río principal                      |
| Maritime environment         | Ambiente marítimo                | Ambiente marino                    |
| Mediterranean climate        | Clima mediterrâneo               | Clima mediterráneo                 |
| Mediterranean vegetation     | Vegetação mediterrânea           | Vegetación mediterránea            |
| Médium city                  | Cidade média                     | ciudad media                       |
| Migration of transhumance    | Migração de transumância         | Migración estacional               |
| Migratory movement           | Movimento migratório             | Movimiento migratório              |
| Mountainous area             | Área serrana                     | Zona serrana                       |
| Nation-state                 | Estado-nação                     | Estado-nación                      |
| Native vegetation            | Vegetação nativa                 | Vegetación nativa                  |
| Natural área                 | Espaço natural                   | Espacio natural                    |
| Natural barrier              | Barreira natural                 | Barrera natural                    |
| Natural boundary             | Limite natural                   | Límite natural                     |
| Natural heritage             | Patrimônio natural               | Patrimonio natural                 |
| Natural heritage of humanity | Patrimônio natural da humanidade | Patrimonio natural de la humanidad |
| Natural landscape            | Paisagem natural                 | Paisaje natural                    |
| Natural limit                | Limite natural                   | Límite natural                     |
| Natural phenomenon           | Fenômeno natural                 | Fenómeno natural                   |
| Occupancy rate               | Índice de ocupação               | Tasa de ocupación                  |
| Oceanic island               | Ilha oceânica                    | Isla oceánica                      |
| Oil reserve                  | Reserva petrolífera              | Reserva de petróleo                |
| Oilfield                     | Bacia petrolífera                | Yacimiento petrolífero             |
| Open area                    | Área descampada                  | Zona descampada                    |



|                              |                                |                               |
|------------------------------|--------------------------------|-------------------------------|
| Orographic effect            | Efeito orográfico              | Efecto orográfico             |
| Outfall river                | Rio emissário                  | Río emisario                  |
| Outmigration                 | Migração externa               | Migración externa             |
| Per capita GDP               | PIB per capita                 | PIB per capita                |
| Perennial river              | Rio perene                     | Río perenne                   |
| Peripheral region            | Região periférica              | Región periférica             |
| Physical features            | Aspectos físicos               | Aspectos físicos              |
| Physical map                 | Mapa físico                    | Mapa físico                   |
| Plain river                  | Rio de planície                | Río de llanura                |
| Point of orientation         | Ponto de orientação            | Punto de orientación          |
| Polar climate                | Clima polar                    | Clima polar                   |
| Political division           | Divisão política               | División política             |
| Population density           | Concentração populacional      | Densidad de población         |
| Populational attraction area | Área de atração populacional   | Área de atracción poblacional |
| Primary activity             | Atividade primária             | Actividad primaria            |
| Public land                  | Terras públicas                | Tierras públicas              |
| Public policies              | Políticas públicas             | Políticas públicas            |
| Public transportation system | Sistema de transporte coletivo | Sistema de transporte público |
| Pyramid                      | Pirâmide etária                | Pirámide etaria               |
| Regional center              | Centro regional                | Centro regional               |
| Regional trade               | Comércio regional              | Comercio regional             |
| Remote sensor                | Sensor remoto                  | Sensor remoto                 |
| Repulsion populational area  | Área de repulsão populacional  | Zona de repulsión poblacional |
| Residential area             | Área residencial               | Zona residencial              |
| Retail                       | Comércio varejista             | Comercio al por menor         |
| Risk area                    | Área de risco                  | Zona de riesgo                |
| River archipelago            | Arquipélago fluvial            | Archipiélago fluvial          |
| River communication          | Comunicação fluvial            | Comunicación fluvial          |
| River plateau                | Rio de planalto                | Río meseta                    |
| River system                 | Regime fluvial                 | Sistema fluvial               |
| Rural area                   | Espaço rural                   | Zona rural                    |
| Rural exodus                 | Êxodo rural                    | Éxodo rural                   |
| Rural habitat                | Habitat rural                  | Hábitat rural                 |
| Rural population             | População rural                | Población rural               |
| Rural property               | Propriedade rural              | Propiedad rural               |
| Rural tourism                | Turismo rural                  | Turismo rural                 |
| Rural work                   | Trabalho rural                 | Trabajo rural                 |
| Rural-urban integration      | Integração campo-cidade        | Integración rural y urbana    |
| Sea level                    | Nível do mar                   | Nivel del mar                 |
| Secondary catchment          | Bacia hidrográfica secundária  | Sub-cuenca                    |
| Sector of the economy        | Setor da economia              | Sector económico              |
| Service sector               | Setor de serviços              | Sector de servicio            |
| Small business               | Pequena empresa                | Pequeña empresa               |
| Social division of labor     | Divisão social do trabalho     | División social del trabajo   |
| Social indicators            | Indicadores sociais            | Indicadores sociales          |
| Source of income             | Fonte de renda                 | Fuente de ingresos            |

|                               |                                 |                                        |
|-------------------------------|---------------------------------|----------------------------------------|
| Standard of living            | Padrão de vida                  | Nível de vida                          |
| Submarine canyon              | Cânion submarino                | Cañón submarino                        |
| Surface                       | Superfície terrestre            | Superfície terrestre                   |
| Tax haven                     | Paraíso fiscal                  | Paraíso fiscal                         |
| Temporary affluent            | Afluyente temporário            | Afluyente temporario/arroyo temporario |
| Terrestrial ecosystem         | Ecossistema terrestre           | Ecossistema terrestre                  |
| Territorial boundary          | Limite territorial              | Límite territorial                     |
| Territorial division of labor | Divisão territorial do trabalho | División territorial del trabajo       |
| Territorial extension         | Extensão territorial            | Extensión territorial                  |
| Territorial structure         | Estrutura territorial           | Estructura territorial                 |
| Topographic profile           | Perfil topográfico              | Perfil topográfico                     |
| Total population              | População total                 | Población total                        |
| Tourism sector                | Setor turístico                 | Sector turístico                       |
| Touristic center              | Polo turístico                  | Polo turística                         |
| Tropical climate              | Clima tropical                  | Clima tropical                         |
| Urban area                    | Espaço urbano                   | Zona urbano                            |
| Urban concentration           | Concentração urbana             | Concentración urbana                   |
| Urban hierarchy               | Hierarquia urbana               | Jerarquía urbana                       |
| Urban landscape               | Paisagem urbana                 | Paisaje urbano                         |
| Urban network                 | Rede urbana                     | Red urbana                             |
| Urban population              | População urbana                | Población urbana                       |
| Urbanization rate             | Taxa de urbanização             | Índice de urbanización                 |
| Volcanic island               | Ilha vulcânica                  | Isla volcánica                         |
| Water resource                | Recursos hídricos               | Recurso hídrico                        |
| Wholesale trade               | Comércio atacadista             | Comércio al por mayor                  |
| World-economy                 | Economia-mundo                  | Economía-mundo                         |

## VI - GLOSSÁRIO

### **Afluente temporário**

*Afluente temporario, arroyo temporario / Temporary affluent*

s.m., sing.

Rio temporário

Rio pequeno que corre para desaguar em um rio maior e que existe apenas durante algumas fases do ano, pois sua fonte (que pode ser a chuva, a neve, outros afluentes menores) seca total ou parcialmente em determinada época do ano.

Exemplo: “... apesar da intensa evaporação, da baixa pluviosidade e dos afluentes temporários da margem direita...” (L6. 162).

Inf. enc.: Provoca uma seca temporária, distinguindo-se por esta característica temporal dos afluentes permanentes. “Todos os rios na realidade têm incontáveis afluentes e efluentes (perenes e temporários, grandes e pequenos) que, em conjunto, formam as chamadas “redes hidrográficas”(i.1).

### **Ambiente fluvial**

*Ambiente fluvial / Fluvial environment*

s.m., sing.

Ambiente que envolve desde a nascente do rio até onde ele desemboca ou termina, ou seja, envolve também rios secundários, riachos, canais, bem como o espaço aéreo que os cobre e o ambiente terrestre por onde passa.

Inf. enc.: “O *ambiente fluvial* das várzeas no espaço da metrópole: a bacia do Pirajuçara na metropolização de São Paulo” título de dissertação de mestrado USP” (i.2);

Um *ambiente fluvial* é marcado pelos seus processos de formação fluviais, mas também por outros processos, como os processos climáticos.(i.3).

### **Ambiente marítimo**

*Ambiente marino / Maritime environment*

s.m., sing.

Ambiente que envolve os oceanos, mares, baías, ilhas, áreas de costa, litoral marinho, bem como o espaço aéreo que os cobre e o ambiente terrestre por onde passa.

Exemplo: “É importante destacar também a presença de manguezais, que se desenvolvem em áreas de contato entre os ambientes marítimo e fluvial, principalmente no litoral dos estados do Pará e do Amapá” (L6.128).

### **Área de atração populacional**

*Área de atracción poblacional / Populational attraction area*

s.f., sing.

Área que atrai as populações de outras áreas, principalmente por oferecer benefícios como melhor qualidade de vida, clima mais ameno, melhores oportunidades de emprego.

Exemplo: “Podemos notar que, embora São Paulo continue sendo uma *área de atração populacional*, houve também significativas saídas de população deste estado.” (L6.66).

Inf. enc.: Até antes da Segunda Guerra Mundial, as principais áreas de atração populacional eram a América e a Oceania (colonização, crescimento econômico, possibilidade de enriquecimento etc.). Entretanto, devido à enorme prosperidade do Japão e da Europa no período pós-guerra, essas áreas tornaram-se importantes focos de atração populacional (i.4).

No Brasil, um “exemplo de *área de atração populacional* é a Região Sudeste.” (i.5).

### **Área de proteção ambiental - APA**

*Zona de protección ambiental / Environmental protection area*

s.f., sing.

Área destinada à preservação dos recursos ambientais (fauna, flora, solo, *recursos hídricos*).

Exemplo: “...Os críticos também defendem que é preciso primeiramente revitalizar o rio, que tem vários problemas. Além de tudo isso, ressaltam que é preciso levar em conta o impacto dessas obras sobre as reservas indígenas e as Áreas de Proteção Ambiental” (L6.166).

Inf. enc.: O termo e seu acrônimo APA foram mencionados e definidos no inciso I da lei do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Lei N.º 9.985 de 18/07/00 como uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. Esta área pode ser pública ou particular, mas sempre com controle de uso regulado pelo poder público, ou seja, o uso e ocupação devem respeitar a necessidade de conservação ambiental. As APAs pertencem ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação, regulado pela Lei 9.985 de 18 de julho de 2000, e as áreas de proteção ambiental federais são administradas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

### **Área de repulsão populacional**

*Área de repulsión poblacional / Repulsion populational area*

s.f., sing.

Área que não conserva a sua população nem atrai a população de outras áreas, principalmente por fatores como ocorrências de guerras ou conflitos, baixa ou pouca qualidade de vida, clima, carência de mercado de trabalho (pouca oferta de empregos e alta taxa de desemprego), desestruturação demográfica, níveis de pobreza muito elevados.

Exemplo: “Como consequência da decadência econômica sofrida, a Região Nordeste passou a ser uma *área de repulsão populacional*” (L6.169).

Inf. enc.: “Até antes da Segunda Guerra Mundial, as principais *áreas de repulsão populacional* eram a Europa e a Ásia (fome, guerra, epidemias, perseguições políticas e religiosas” (i.4).

### **Área de risco**

*Zona de riesgo / Risk area*

s.f., sing.

Zona vulnerável

Local onde não é recomendado o uso ou ocupação, construção de casas ou instalações, pois é considerada área insegura por estar exposta a desastres naturais, como desabamentos, inundações e terremotos.

Inf. enc.: Exemplos de *área de risco*: encostas de morros e margens de rios.

### **Área descampada**

*Zona descampada / Open area*

s.f., sing.

*Espaço geográfico* caracterizado pela falta de abrigos criados pela natureza ou pelo homem. Campo aberto.

Exemplo: “Posteriormente esses animais passaram a ser criados em áreas descampadas distantes do litoral”(L6.168).

---

### **Área desértica**

*Zona desértica / Desert area*

s.f., sing.

*Espaço geográfico* de clima extremamente seco e consequente vegetação escassa ou inexistente.

Exemplos: “Hoje há poucos lugares que ainda podem apresentar paisagens predominantemente naturais, como alguns trechos de florestas de difícil acesso, áreas desérticas, certas regiões polares...” (L5.14); “No oeste existem áreas desérticas com climas semi-árido e árido, onde se encontra vegetação de cactáceas.” (L7.123).

Inf. enc.: Não confundir com “área desertificada” que é uma área que está muito degradada e com um nível de desequilíbrio ecológico muito grande, causado pelo processo de desertificação, que se não for detido ou intervido, não poderá ser corrigido (i.6).

Ver: *clima árido, solo degradado, vegetação de deserto, polígono das secas.*

---

### **Área residencial**

*Zona residencial / Residential area*

s.f., sing.

Zona residencial

Região utilizada para residência humana, em oposição às áreas utilizadas predominantemente para agropecuária, as indústrias (polos industriais), comércio e turismo.

Exemplo: “...foi observado o uso principal que se faz do espaço: área rural, *área residencial*, área industrial” (L6.28).

---

### **Área serrana**

*Zona serrana / Mountainous area*

s.f., sing.

Área com montanhas, picos, altiplanos.

Exemplo: “Devido às altitudes mais elevadas, as *áreas serranas* do Sudeste apresentam as temperaturas mais baixas ...” (L5.146)

Inf. enc.: As zonas montanhosas apresentam condições especiais do ambiente, pois a temperatura do ar diminui com a altitude. Mas é principalmente a umidade que vai transformar a paisagem. Assim, as altitudes médias são dominadas, em geral, pela presença de florestas semelhantes às das planícies de mesma latitude, visto que recebem quantidade de chuva semelhantes. Mas, nas grandes altitudes, a secura do ar é a característica dominante. Desse modo a cobertura vegetal é composta por gramas, ervas (vegetação herbácea) e no máximo arbustos; porém, na transição para os extremos cobertos de neve, aparecem os musgos e os líquens. É para essas áreas de vegetação herbácea que tradicionalmente afluíam pastores nômades, durante a estação mais favorável do ano.” (15. p.48).

Ver: *vegetação de altitude.*

---

### **Área vulcânica ativa**

*Zona volcánica activa / Active volcanic area*

s.f., sing.

Região caracterizada pela presença de um vulcão ativo.

Exemplo: “... a proximidade das áreas de choque ou de separação de placas e de áreas vulcânicas ativas.” (L5.64)

### **Arquipélago fluvial**

*Archipiélago fluvial / River archipelago*

s.m., sing.

Conjunto de ilhas de rio próximas, ou seja, localizadas em um rio de águas doces e não no mar ou oceano.

Exemplo: “Nas matas de igapó da Região Norte está situado o maior *arquipélago fluvial* do mundo: Anavilhanas.” (L6.126)

Inf. enc.: Por arquipélago, entende-se um conjunto de ilhas próximas uma das outras, dispersas em um mar, rio ou lago, podendo ser continentais, coralíneas ou vulcânicas.(12).

### **Aspectos físicos**

*Aspectos físicos / Physical features*

s.m., pl.

Aspectos geográficos da *superfície terrestre*, como o clima, o relevo, a hidrografia, a geologia e a vegetação.

### **Atividade agrícola**

*Actividad agrícola / Farming*

s.f., sing.

Agricultura

Ciência que estuda o cultivo da terra e a criação de animais, desenvolvendo a cultura do solo para plantação, com o objetivo de produzir alimentos, matérias-primas, medicamentos, ferramentas, ou seja, produtos de origem vegetal que serão utilizados pelo homem.

Exemplos: “Para realizar as atividades agrícolas, os seres humanos exploram o solo de extensas áreas do nosso planeta.” (L5.15); “Observe os diferentes usos da terra para as atividades agrícolas” (L7.89); “As principais atividades agrícolas desenvolvidas são a pecuária intensiva e a vinicultura” (L7.157).

### **Atividade econômica**

*Actividad económica / Economic activity*

s.f., sing.

Atividade realizada por pessoas ou empresas através da produção e da troca de bens e serviços, da extração de recursos naturais, da *produção agropecuária*, da produção de bens industrializados, da prestação de serviços, com objetivo de gerar lucro ou não.

Exemplo: “O extrativismo é a mais antiga *atividade econômica*... A pesca é a *atividade econômica* que tem por finalidade colher as espécies animais e vegetais... Muitos países do mundo têm na pesca uma *atividade econômica* importante” (L5.205).

Ver: *setor agrícola, setor comercial, setor da economia, setor econômico, setor de serviços, setor industrial, setor turístico.*

### **Atividade extrativa**

*Actividad extrativa / Extractive activity*

Extrativismo

s.f., sing.

*Atividade econômica* que coleta produtos naturais de origem animal, vegetal ou mineral,

retirando tais produtos da natureza, pode ter fins lucrativos ou de simples subsistência (para alimentação da própria pessoa).

Exemplo: “A atividade extrativista consiste na retirada de recursos da natureza para satisfazer as necessidades dos seres humanos”(L5.205).

Inf. enc.: Atividade que ocorre antes da agricultura, pecuária ou indústria (i.7), por isto chamada de *atividade primária*.

A *atividade extrativista* está dividida em três tipos distintos: a extração vegetal, animal e mineral:

“A atividade do extrativismo vegetal está vinculada à extração de produtos ou subprodutos oriundos de plantas, tais como seivas, folhas, ervas, madeira, frutos, cascas de tronco entre outros. Esse tipo de atividade é bastante difundido no Brasil, principalmente na região norte, na floresta Amazônica é extraído madeiras, castanha-do-pará, látex da seringueira, açaí e muitos outros, além do nordeste que extrai carnaúba e babaçu.

A *atividade extrativista* animal executa a pesca e a caça, tais procedimentos em animais silvestres como jacarés, onças, macacos e pássaros são protegidos pela lei federal, mesmo assim ainda é uma prática que ocorre frequentemente de forma ilegal. A pesca não configura como uma atividade ilegal e sua exploração é relativamente modesta, uma vez que o país possui uma grande riqueza em litorais e rios.

A *atividade extrativista* mineral extrai ou retira recursos de origem mineral, esses são encontrados no subsolo, nessa modalidade a execução é chamada de garimpo, pois se desenvolve de forma tradicional com equipamentos rudimentares. Em território brasileiro essa atividade acontece nas margens dos rios e córregos, especialmente na região norte e centro-oeste onde são comumente extraídas, sobretudo pedras preciosas como ouro, diamantes, esmeralda entre outros minérios.” (i.8)

Ver: *atividade primária*.

### **Atividade industrial**

*Actividad industrial / Industrial activity*

s.f., sing.

*Atividade econômica* que tem na transformação de matéria-prima em produto industrializado sua característica principal.

Exemplo: “a *atividade industrial* envolve outros setores, como os transportes, os serviços bancários, o comércio etc.” (L6.183).

### **Atividade primária**

*Actividad primaria / Primary activity*

s.f., sing.

*Atividade econômica* que envolve a agricultura, pecuária e extrativismo.

Inf. enc.: “Qualquer espécie de ocupação relacionada com o uso de matérias primas, como a pesca, a caça, o corte de árvores.”(2). Atividade produtora de matéria-prima para as outras atividades econômicas (secundária ou terciária), estando “relacionados à exploração dos recursos naturais e à produção de matéria-prima que será absorvida por outro *setor da economia* (secundário).”(i.9).

### **Bacia hidrográfica secundária**

*Sub-cuenca / Secondary catchment*

s.f., sing.

Região drenada por um rio que irá posteriormente desaguar no *rio principal*, ou seja, é a bacia “formada por rios que não pertencem a nenhuma bacia principal.

Exemplo: “As bacias do Norte-Nordeste, do Leste e do Sul-Sudeste são consideradas secundárias, pois são drenadas por rios que não pertencem às bacias principais.” (L5.127).

Inf. enc.: Por bacia hidrográfica entende-se as terras drenadas por um *rio principal*, com seus afluentes e efluentes.

“As principais Bacias Hidrográficas do Brasil:

- Bacia Amazônica: considerada a maior do planeta, ela abrange na América do Sul, uma área de 6 milhões de km.

- Bacia do Tocantins: ocupa quase 10% do território nacional. É a maior bacia localizada inteiramente dentro do território brasileiro.

- Bacia do São Francisco: também é totalmente brasileira, juntamente com a Bacia do Tocantins.

- Bacia do Paraná: essa bacia é usada na construção de usinas hidrelétricas, dentre elas, Furnas, Marimbondo e a maior hidrelétrica do mundo – Itaipu – (entre o Brasil e Paraguai).

- Bacia do Uruguai: apesar de não ser muito usada para a fabricação de usinas hidrelétricas podemos destacar as usinas Garibaldi, Socorro, Irai, Pinheiro e Machadinho.” (i.10);

“O Brasil possui ao longo do litoral brasileiro três conjuntos de bacias secundárias denominadas bacias do Atlântico Sul divididas em três trechos: Atlântico Norte-Nordeste, Atlântico Leste e Atlântico Sudeste. As bacias hidrográficas que os compõem não possuem ligação entre si.” (i.11).

### **Bacia petrolífera**

*Yacimiento petrolífero / Oilfield*

s.f., sing.

Região rica em petróleo.

Exemplo: “As bacias petrolíferas fornecem o gás natural e o petróleo” (L5.194).

Inf. enc.: Existem dois tipos de bacias petrolíferas, as em terra firme e as que encontram-se em plataformas continentais ou ao longo do continente. A maioria das bacias petrolíferas brasileiras encontram-se ao longo do continente. A exploração de petróleo em terra firme é muito reduzida no Brasil, devido ao baixo potencial de nossas bacias em terra (i.12).

Ver: *reserva petrolífera*.

### **Barreira natural**

*Barrera natural / Natural barrier*

s.f., sing.

Obstáculo natural como uma montanha, um rio, uma floresta, que impede a passagem de um local para outro.

Exemplo: “Outra influência do relevo torna-se evidente com as barreiras naturais formadas pelas montanhas na medida em que impedem a passagem das massas de ar úmido carregadas de chuva.” (L7.78).

### **Bipolaridade mundial**

*Bipolaridad mundial / Bipolar world*

s.f., sing.

Fenômeno sócio-econômico que divide o mundo em dois polos de poder, ou seja, o mundo estando dividido entre duas potências econômicas.

Exemplo: “*Bipolaridade mundial*: divisão do mundo em dois polos de poder.” “O



período histórico conhecido como Guerra Fria caracterizou-se pela *bipolaridade mundial*. O mundo passou a se dividir entre as zonas de influência dos Estados Unidos e as de influência da União Soviética.” (L8.17).

Inf. enc.: Em nossa história mundial temos a existência da Guerra Fria, que dividiu, por muitos anos da segunda metade do século XX o mundo entre o bloco capitalista, chefiado pelos Estados Unidos da América e o bloco socialista, chefiado pela antiga União Soviética (14).

### **Cânion submarino**

*Cañón submarino / Submarine canyon*

s.m., sing.

Vale em forma geralmente de V, originado nas prateleiras continentais. São denominados cânions por parecerem com os cânions terrestres que ocorrem entre rios ou terra.

Exemplo: “Há quem especule sobre a existência de enormes cânions submarinos, em profundidade onde o homem ainda não esteve. A existência de um verdadeiro universo desconhecido de costões submersos do arquipélago desperta a curiosidade entre os aventureiros ...” (L5.103).

Ver: *canhão submarino*.

### **Centro comercial**

*Centro comercial / Commercial center*

s.m., sing.

Região de uma cidade onde ficam os estabelecimentos comerciais como lojas, restaurantes, áreas de lazer e estacionamentos.

Exemplos: “Cidade de Xangai, poderoso *centro comercial* e industrial chinês.” (L8.121); a Grande Montevideu é o *centro comercial*, industrial e financeiro do país.” (L7.189).

### **Centro regional**

*Centro regional / Regional center*

s.m., sing.

Região que concentra importantes atividades econômicas de uma região. Atraindo outras regiões vizinhas de menor importância econômica.

Exemplo: “As duas cidades mais populosas da região são Belém e Manaus, classificadas como metrópoles regionais. Ro Branco e Porto Velho são consideradas centros regionais. Todas essas cidades têm uma importante centralidade, fazendo com que pessoas de outros municípios e até de outros estados da região se dirijam para lá em busca de produtos ou serviços que não encontram no lugar onde vivem.” (L6.140).

### **Centro urbano**

*Centro urbano / Central business district*

s.m., sing.

Região importante por concentrar as principais áreas de negócios, como indústria, comércio, serviços, além de ser sede administrativa e zona residencial.

Exemplos: “A Cidade do México é um grande *centro urbano*, com edificações modernas, muita população e trânsito dos mais complicados.” (L7.119); “A Venezuela tem aproximadamente 24 milhões de habitantes, 90% dos quais vivem em centros urbanos.” (L7.164).

### **Cidade média**

*Ciudad media / Médium city*

s.f., sing.

Cidade que possui população entre 100 e 300 mil habitantes.

Exemplo: “Da população considerada pobre, ou extremamente pobre, a maioria vive nas cidades, principalmente naquelas localizadas nas regiões metropolitanas. Também nessas regiões vivem 80% da população moradora de favela (fig.13). No entanto, pobreza urbana e moradias precárias cada vez mais são encontradas em cidades médias.” (L6.97).

### **Clima árido**

*Clima árido / Arid climate*

s.m., sing.

Clima desértico

Clima que ocorre em regiões tropicais ou subtropicais do mundo, em regiões desérticas, onde as chuvas anuais são menores que 200mm, podendo até não chover em algumas partes. Apresenta elevada amplitude térmica, ou seja, a temperatura máxima e mínima ocorridas no dia são bem diferentes e baixíssimo nível de umidade relativa do ar (2, 3, 15).

Exemplos: Clima “árido: a quantidade de chuvas no ano é inferior a 250 milímetros;” (L5.142); “O Norte possui climas árido e semi-árido. Nessa área encontra-se o Deserto de Atacama...” (L7.156).

Ver: *área desértica, polígono das secas, solo degradado, vegetação de deserto.*

### **Clima equatorial**

*Clima ecuatorial / Equatorial climate*

s.m., sing.

Clima quente e úmido, subdivisão do *clima tropical*.

Exemplos: “*Clima equatorial*: Esse clima é encontrado em regiões localizadas nas proximidades da linha do Equador. Apresenta temperaturas elevadas e grande quantidade de chuvas durante a maior parte do ano (fig. 7). Portanto, o *clima equatorial* é quente e úmido. No Brasil, ele predomina em toda a Região Norte e em parte da Centro-Oeste. A temperatura média anual é superior a 25°C e a amplitude térmica anual é pequena. O regime de chuvas varia de acordo com a ação das massas de ar” (L5.145); “... Floresta Amazônica é um bioma terrestre sob a influência do *clima equatorial*” (L5.155); “*Clima equatorial*: característico das áreas próximas à linha do Equador. É muito quente e úmido, com alto nível de pluviosidade e chuvas distribuídas regularmente por todos os meses do ano. É o clima dominante na Amazônia e em algumas das regiões da América Central.” (L7.79).

Inf. enc.: Ocorre nas regiões intertropicais, próximo à linha do Equador. Apresenta elevada temperatura média anual (entre 25 e 27°C), baixa amplitude térmica (diferença entre a máxima e a mínima temperatura durante o dia) e alto índice pluviométrico (chuvas), chovendo acima de 60mm por mês. (12, 15, i.13, i.14).

### **Clima mediterrâneo**

*Clima mediterráneo / Mediterranean climate*

s.m., sing.

Clima que ocorre principalmente nas regiões próximas ao Mar Mediterrâneo (sul da Europa e norte da África), mas também ocorre na costa oeste dos Estados Unidos,

sudeste da Austrália, sul do Chile e oeste do Oriente Médio. Apresenta inverno moderado, verão muito quente e seco, amplitude térmica moderada, índice pluviométrico moderado (entre 500 e 1000mm por ano), chovendo mais intensamente no outono e inverno.

Exemplos: “*Clima mediterrâneo*: As características desse tipo de clima são verões secos e invernos com muitas chuvas e temperaturas amenas. O *clima mediterrâneo* ocorre, principalmente, no sul da Europa” (L5.148); “*Clima mediterrâneo*: limitado a uma estreita faixa da Califórnia e outra no litoral do Chile. Suas características são: invernos chuvosos e verões secos.” (L7.80).

Ver: *vegetação mediterrânea*.

### **Clima polar**

*Clima polar / Polar climate*

s.m., sing.

Clima antártico, clima ártico

Clima que ocorre nos Polos Ártico e Antártico. A temperatura média anual não passa dos 10°C, a precipitação (chuva) é sempre em forma de neve, pois o frio é tanto que não ocorre evaporação suficiente para gerar chuvas, que são raras e não existe verão.

Exemplos: Clima “polar: temperatura média anual abaixo de -10°C” (L5.142); “*Clima polar*: No *clima polar*, as temperaturas são muito baixas durante o ano todo. As precipitações caem em forma de neve em todas as estações do ano.” (L5.149).

### **Clima tropical**

*Clima tropical / Tropical climate*

s.m., sing.

Clima quente que ocorre entre os trópicos de Câncer e Capricórnio. A temperatura média durante o ano todo é superior a 20°C, não tem inverno rigoroso e as estações do ano são bem definidas.

Exemplos: “*Clima tropical*: Esse clima apresenta duas estações bem definidas: verão quente e chuvoso, e inverno frio e seco” (L5.146); “*Clima tropical*: a temperatura média anual é elevada, superior a 20°C. As chuvas se concentram no verão e o inverno é seco. A ação das massas de ar úmido que vêm do oceano deixam a área litorânea mais úmida. É o clima dominante na América Central e nas regiões Nordeste e Centro-Oeste do Brasil” (L7.79); “O clima predominante é o tropical, com ocorrência de Florestas Tropicais e de algumas manchas de Savanas. (L7.151); “Apesar do predomínio de climas quentes dos tipos equatorial e tropical, há grande variedade climática na América Andina,...” (L7.154); “Cultivada em *clima tropical* e altitudes que variam entre 450m e 1.800m acima do nível do mar.” (L7.163).

Inf. enc.: É o clima que mais ocorre no Brasil, sendo necessário distinguir um tipo de clima como tropical úmido (no litoral leste e nordeste), um tropical semi-úmido (no Brasil Central) e um tropical de altitude (nas áreas elevadas do sudeste) (15, i.15. i.16).

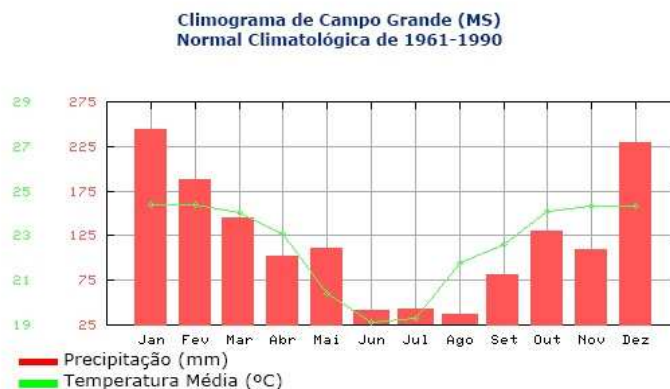
### **Climograma**

*Climograma / Climagram, climograph, climatograph*

s.m., sing.

Representação gráfica do clima que ocorre em determinada região, podendo compará-lo com outras regiões quanto às variações de climas e chuvas.

Inf. enc.: *Climograma* de Campo Grande – MS (i.16)



Fonte: i.16

---

### Comércio atacadista

*Comercio al por mayor / Wholesale trade*

s.m., sing.

Comércio efetuado por pessoas ou empresas em grandes quantidades.

Inf. enc.: Normalmente direcionado a varejistas que atuam como intermediários entre grandes produtores e os consumidores finais, ou seja, compram no atacado e irão revender no mercado varejista. No atacado, em função da quantidade de produtos comprados ser maior, o comprador consegue adquirir os bens a preços menores. “O *Comércio Atacadista* é aquele direcionado aos lojistas, às pessoas que compram inúmeras peças de roupas para revender depois. Sendo assim o preço pode reduzir até a metade.” (i.17);

Exemplo: “No *comércio atacadista*, as mercadorias são vendidas em grandes quantidades para os varejistas. Em geral, é menos diversificado que o *comércio varejista*...” (L6.235).

Ver: *comércio varejista*.

---

### Comércio internacional

*Comercio internacional / International trade*

s.m., sing.

Comércio externo, comércio mundial, comércio exterior

Compra e venda de bens e serviços entre pessoas ou empresas, ou grupos de pessoas ou grupos de empresas, situadas em países diferentes.

Exemplos: “O comércio externo ou internacional define-se como a compra e venda de mercadorias entre países. Ele é fundamental, pois nenhum país é auto-suficiente nas matérias-primas e nos bens necessários a sua produção e consumo” (L5.235); “O *comércio internacional* caracteriza-se pelas desigualdades nas trocas comerciais entre os países.” (L6.236); “O *comércio internacional* na atualidade distribui para o mundo produtos fabricados em qualquer lugar, unificando os padrões de consumo mundial, dissolvendo diferenças culturais entre os povos” (L8.39).

Inf. enc.: Ocorre pois estes não conseguem produzir tudo o que precisam, gerando uma troca comercial de produtos entre os países. “O *comércio internacional* envolve pelo menos duas moedas e está sujeito a regulamentações por parte dos países envolvidos, tais como: taxas de câmbio, tarifas de importação, controles e barreiras alfandegárias, e, às vezes, cotas, bem como a movimentação de capitais e de pessoas” (6).

Ver: *comércio regional*.

---

### Comércio regional

**Comercio regional / Regional trade**

s.m., sing.

Compra e venda de bens e serviços que ocorre entre nações que estejam no mesmo continente ou bem próximas.

Exemplo: “O controle rigoroso exercido pela Rússia, que antes garantia uma unidade rígida entre as demandas e as ofertas do *comércio regional*, promoveu o rompimento de todos os vínculos existentes entre os países...” (L8.113).

Ver: *comércio internacional*.

**Comércio varejista***Comercio al por menor / Retail*

s.m., sing.

Comércio realizado entre pessoas ou empresas que compram e vendem bens e produtos em pequenas quantidades, diretamente ao consumidor final.

Exemplo: “No *comércio varejista*, as mercadorias são vendidas diretamente ao consumidor final...” (L5.234).

Ver: *comércio atacadista*.

**Comunicação fluvial***Comunicación fluvial / River communication*

s.f., sing.

Transporte fluvial

Rede de comunicação entre regiões realizada por meio de rios.

Exemplo: “Hungria: Ocupa a maior parte da Grande Planície Húngara, no centro-sul da Europa, e, embora sem saída para o mar, tem boa *comunicação fluvial* com outros países através do Danúbio.” (L8. 101).

Inf. enc.: A Amazônia apresenta importante *comunicação fluvial*, os rios são muito utilizados para transporte de pessoas, bens e produtos, e as condições da Floresta Amazônica tornam difíceis a construção e manutenção de comunicação terrestre ou aérea.

**Concentração industrial***Concentración industrial / Industrial concentration*

s.f., sing.

Dominação de uma região pela presença de grandes indústrias como *atividade econômica*. Exemplos: “... Nos Estados unidos há intensa produção de cereais, e no Canadá ocorre grande *concentração urbana e industrial*” (L.75); “O Pampa corresponde a cerca de 22% do território argentino e tem a maior *concentração urbana, populacional e industrial* do país.” (L7.193).

Inf. enc.: Tradicionalmente, a *concentração industrial* era medida por média entre as indústrias existentes no mesmo ramo. Atualmente utilizam para este cálculo os valores das quatro maiores indústrias do ramo. (6, i.18).

Ver: *desconcentração industrial, concentração populacional, concentração urbana*.

**Concentração populacional***Densidad de población / Population density*

s.f., sing.

Indicador de como uma população está concentrada em sua região. Pode ser *concentração urbana* ou rural.

Exemplos: “O Pampa corresponde a cerca de 22% do território argentino e tem a maior

*concentração urbana*, populacional e industrial do país.” (L7.193); “A maior *concentração populacional* encontra-se ao longo da fronteira com os Estados Unidos...” (L7.132).

Ver: *concentração urbana*, *concentração industrial*.

### **Concentração urbana**

*Concentración urbana / Urban concentration*

s.f., sing.

Processo em que a população de uma nação está mais concentrada em áreas urbanas.

Exemplos: “... nos Estados Unidos há intensa produção de cereais, e no Canadá ocorre grande *concentração urbana* e industrial” (L7.75)

“O Pampa corresponde a cerca de 22% do território argentino e tem a maior *concentração urbana*, populacional e industrial do país.” (L7.193).

Ver: *espaço urbano*, *concentração populacional*, *concentração industrial*.

### **Crescimento demográfico**

Crescimento populacional

*Crecimiento demográfico / Demographic growth*

s.m., sing.

Indicador de crescimento da população relacionado ao número maior de nascimentos dos que de mortes e à entrada de imigrantes ser superior à emigração, isto é, saída de pessoas para outros países.

Exemplos: “Assim como ocorre com a densidade, o *crescimento demográfico* na América também é desigual.” (L7. 98); “Para muitos especialistas da década de 1960, o acelerado *crescimento demográfico* seria a principal causa para o subdesenvolvimento da América Latina” (L7. 99); “Faz mais de uma década que o modelo social europeu está na berlinda, devido ao baixíssimo *crescimento demográfico* no continente.” (L8. 109); “O efeito dessas políticas é a redução do *crescimento demográfico*.” (L8. 129).

Inf. enc.: “a população de uma região ou país pode crescer por duas maneiras; isso quer dizer que há dois tipos de *crescimento demográfico*:

- Crescimento por imigração, quando o aumento se dá pelo afluxo de populações de outras regiões ou países. É o que aconteceu de forma significativa com os Estados Unidos, que receberam mais de 40 milhões de imigrantes durante o período de 1820 a 1960;
- Crescimento natural ou vegetativo, que representa a diferença dos nascimentos sobre os óbitos de uma população.” (15).

### **Crescimento industrial**

*Crecimiento industrial / Industrial growth*

s.m., sing.

Indicador de como uma nação está crescendo em termos de forma de desenvolvimento econômico relacionado à manufatura de matéria-prima para produção de bens.

Exemplo: “Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Canadá conheceu um grande *crescimento industrial*...” (L7.135).

### **Criação extensiva**

*Ganadería extensiva / Extensive farming*

s.f., sing.

Criação de animais em pastagens naturais, grandes extensões de terra, sem grande uso de recursos tecnológicos, investimentos financeiros nem veterinários, não confundir

com criação intensiva, que utiliza recursos tecnológicos avançados, como confinamento de gado, inseminação artificial, controle via satélite, etc (i.19).

---

### **Desconcentração industrial**

*Descentralización industrial / Industrial decentralization*

s.f., sing.

Movimento de transferência dos centros industriais das grandes metrópoles, antes concentradoras de atividades industriais, para outras comunidades menores.

Exemplos: "... vem ocorrendo uma relativa *desconcentração industrial*, fenômeno de saída de indústrias de uma região concentradora. Esse processo é sentido mais fortemente na região metropolitana de São Paulo, porque essa área tornou-se menos atrativa para a instalação de indústrias." (L6.90); "... a *desconcentração industrial* ocorrida no Sudeste, principalmente no Estado de São Paulo, é relativa, pois, mesmo com a saída de indústrias para outros lugares, a *atividade industrial* na região continua muito forte." (L6.91); "O crescimento do *setor industrial* da Região Nordeste vincula-se ao processo de *desconcentração industrial*" (L6.182).

Ver: *concentração industrial*.

---

### **Divisão política**

*División política / Political division*

s.f., sing.

Forma como as regiões geográficas de uma nação são divididas.

---

### **Divisão social do trabalho**

*División social del trabajo / Social division of labor*

s.f., sing.

Divisão dos trabalhadores em diferentes funções na sociedade ou em estruturas sócio-econômicas.

Exemplo: "Também sabemos que as pessoas executam diferentes funções, dentro da *divisão social do trabalho*" (L5.25).

Ver: *divisão territorial do trabalho*.

---

### **Divisão territorial do trabalho**

*División territorial del trabajo / Territorial division of labor*

s.f., sing.

Divisão das atividades econômicas em regiões que apresentam maior facilidade para desenvolver determinado trabalho.

Exemplo: "Existe também uma *divisão territorial do trabalho*. No Brasil, podemos afirmar; por exemplo, que em algumas regiões predomina a agricultura e em outras a indústria. Ou seja, ocorre no território brasileiro uma divisão espacial das atividades econômicas." (L5.24)

Ver: *divisão social do trabalho*.

---

### **Economia-mundo**

*Economía-mundo / World-economy*

s.f., sing.

Relação dos países centrais, industrializados e de alta tecnologia com os países periféricos, pela qual os primeiros, para atender a suas necessidades de produção, exportação e investimentos, constituem-se em centros decisórios que organizam as regiões periféricas (L8.41).

---

**Ecosistema terrestre**

*Ecosistema terrestre / Terrestrial ecosystem*

s.m., sing.

O conjunto composto pelos animais e vegetais, terrestre ou aquático, que estão interrelacionados por estarem no mesmo planeta Terra.

Exemplos: “Biomass são conjuntos de ecossistemas, terrestres ou aquáticos, adaptados a diferentes regiões do planeta” (L5.155); “...Integrada ao ecossistema, a roça kayapó...” (L6.120); “Todo esse ecossistema permaneceu intacto pela dificuldade de acesso.” (L6.155).

---

**Efeito orográfico**

*Efecto orográfico / Orographic effect*

s.m., sing.

Chuvas de relevo

Chuvas que ocorrem quando “massas de ar úmidas deparam com uma elevação no relevo (uma serra, por exemplo). Sendo obrigado a subir, o vapor d’água entra em contato com o ar mais frio e se condensa, formando nuvens que podem ocasionar chuvas.”(L6.161)

Exemplo: “...Isso provoca a sua condensação e favorece a ocorrência das precipitações, resultando no chamado *efeito orográfico*”.

Inf. enc.: “ANDRADE & LINS (1991), em seu minucioso estudo sobre os climas do Nordeste, mostram, de maneira clara, a formação das variações climáticas da região, influenciada, basicamente, pela ação de massas de ar que para ali se deslocam, e pela configuração de seu relevo no chamado *efeito orográfico* indutor de chuvas. Segundo os autores, várias são as massas de ar que, de uma forma ou de outra, interferem na formação dos climas do Nordeste. São elas: a Equatorial Atlântica (Ea), a Equatorial Continental (Ec), a Polar (P) e as Tépicas Atlântica (Ta) e Calariana (Tk)” (i.20).

---

**Eixo de integração**

*Eje de integración / Axis of integration*

s.m., sing.

Fator natural ou criado pelo homem que facilita a comunicação entre nações.

Exemplo: “Os rios e os mares do continente europeu são importantes eixos de integração e comunicação” (L8.69).

---

**Espaço geográfico**

*Espacio geográfico / Geographical area, geographic region*

s.m., sing.

Área geográfica

Espaço da *superfície terrestre* diferenciado de outros por suas características que podem variar, como por exemplo, por fronteiras físicas, conformação do terreno, clima, fauna, flora, cultura, língua.

Exemplos: “A Geografia estuda o *espaço geográfico*. Esse espaço é constituído por muitos lugares com diferentes paisagens. O *espaço geográfico* está em permanente mudança. Ele é produzido e modificado ao longo da história pelo trabalho humano e pela natureza.” (L5.11).

Inf. enc.: “... o *espaço geográfico* é, portanto, a natureza transformada pelo trabalho dos seres humanos, um conjunto constituído por diferentes paisagens... O *espaço geográfico* pode ser pequeno ou grande, movimentado ou não, e apresentar elementos naturais,



como rios, morros e vegetação. E elementos construídos pelos seres humanos, como pontes, praças e estradas. Mas o *espaço geográfico* não há somente os elementos naturais e culturais visíveis na paisagem. Ele é formado também por elementos muitas vezes invisíveis e que são percebidos por outras formas de percepção humanas, como, por exemplo, o barulho dos automóveis, os odores da poluição, o vento ou os laços de amizade entre as pessoas...” (L5.19);

“Os espaços ocupados pelos seres humanos constituem o objeto de estudo da Geografia: o *espaço geográfico*, construído e reconstruído permanentemente pelo trabalho humano e pela natureza.” (L5.20).

Ver: *região geográfica, espaço natural, espaço rural, espaço urbano.*

### **Espaço natural**

Área natural, Unidades de conservação

*Espacio natural / Natural Area, countryside*

s.m., sing.

Espaço físico onde um ou vários de seus elementos naturais estão preservados e não são modificados pela ação do homem.

Exemplos: uma área utilizada para extração de caranguejos, os mangues, que não são degradados pelo homem, e tem sua vegetação preservada; “...As áreas naturais protegidas são superfícies de terra ou mar dedicadas à proteção e à manutenção da diversidade da flora e da fauna, assim como da população e da cultura locais. São as chamadas unidades de conservação, cujo conjunto é o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).” (L5.17).

Ver: *espaço geográfico, espaço rural, espaço urbano.*

### **Espaço rural**

*Zona rural / Rural area*

s.m., sing.

Zona rural, área rural

Região utilizada para *atividades agrícolas*, sem característica de cidades ou vilarejos, ou seja, que não estão urbanizadas nem destinadas ao crescimento urbano.

Exemplo: “O *espaço rural* (campo) e o *espaço urbano* (cidade) constituem paisagens diferentes, porém amplamente inter-relacionadas. Por exemplo, no *espaço rural* é produzida grande parte dos alimentos consumidos no *espaço urbano*. O *espaço urbano*, por sua vez, fornece máquinas, adubos e ... Nos espaços urbanos, a população encontra-se dispersa no espaço e empregada principalmente na agricultura e na pecuária.” (L5.168).

Ver: *espaço geográfico, espaço natural, espaço urbano.*

### **Espaço urbano**

*Zona urbano / Urban area*

s.m., sing.

Zona urbana, área urbana, meio urbano

Região utilizada para atividades urbanas, ou seja, pelas cidades, apresentando casas e comércios, espaços verdes construídos ou preservados, destinada ao crescimento urbano e com seu mapa.

Exemplo: “O *espaço rural* (campo) e o *espaço urbano* (cidade) constituem paisagens diferentes, porém amplamente inter-relacionadas. Por exemplo, no *espaço rural* é produzida grande parte dos alimentos consumidos no *espaço urbano*. O *espaço urbano*, por sua vez, fornece máquinas, adubos e ... Nos espaços urbanos, a população encontra-

se dispersa no espaço e empregada principalmente na agricultura e na pecuária.” (L5.168).

Ver: *espaço geográfico, espaço rural, espaço natural*.

### **Estado-nação**

*Estado-nación / Nation-state*

s.m., sing.

Território com sua população politicamente organizada, com leis, governo e é coesa quanto à sua cultura.

Inf. enc.: *Estado-nação* existe então quando tanto os aspectos políticos quanto e ético-culturais são coesos, como Portugal que é um território definido, uma língua e cultura homogêneas, assim como a constituição étnica da população e a política envolvidas.

### **Estrutura territorial**

*Estructura territorial / Territorial structure*

s.f., sing.

Resultado da adaptação feita pela sociedade ao ambiente natural.

Inf. enc.: Tem por objetivo permitir o desenvolvimento das *atividades econômicas*, como exemplo o Canadá, que é dividido em províncias que tem um certo grau de autonomia em relação ao governo federal’. (L7.137)

### **Êxodo rural**

*Éxodo rural / Rural exodus*

s.m., sing.

“Migração de grande quantidade de pessoas das áreas rurais para as áreas urbanas.” (L5.210).

Exemplos: “Por outro lado, essa modernização gerou desemprego no campo, sendo um dos fatores responsáveis pelo *êxodo rural*...” L5.210; “Sua importância é ainda maior considerando-se que cria oportunidades de trabalho local, reduzindo o *êxodo rural*...” L5.220; “Podemos dizer, então, que o principal *movimento migratório* interno no Brasil, ao longo de várias décadas, se deu do campo para a cidade. Esse movimento é denominado *êxodo rural*.” L6.67.

Inf. enc.: No Brasil, esse processo se acentuou a partir da década de 1950.

### **Extensão territorial**

*Extensión territorial / Territorial extension*

s.f., sing.

O espaço de terra, mar e ar sujeito a jurisdição de um determinado Estado.

Exemplos: “O Brasil conta com 16clusas em funcionamento. É pouco, considerando sua *extensão territorial* e sua *rede hidrográfica*.” (L5.124); “Há países com pequena *extensão territorial* e muito desenvolvidos” (L6.26); “...dividimos o número de sua população por sua *extensão territorial*” (L6.47); “Além da grande *extensão territorial*, o território francês compreende diferentes zonas climáticas...” (L8.81); “O continente asiático é o maior em *extensão territorial*, abrangendo 30% das terras emersas do planeta” (L8.121).

### **Fatores climáticos**

*Factor climático / Climatic factor*

s.m., pl.

Condições físicas ou geográficas que determinam o clima em uma determinada região, como a latitude, altitude, as correntes marítimas, a distribuição das terras e mares, o

relevo, a vegetação, etc.

Exemplos: “Para determinar o clima de uma região, devemos considerar os elementos e os *fatores climáticos* e como eles atuam” (L5.143); “Em decorrência da quantidade de *fatores climáticos*, o continente americano apresenta vários tipos de clima.” (L7.79).

### **Fenômeno natural**

*Fenómeno natural / Natural phenomenon*

s.m., sing.

Todo acontecimento que não foi produzido pelo ser humano, mesmo podendo afetá-lo, como exemplo, o efeito de uma bactéria, da erupção de um vulcão, da idade, do clima, dos desastres naturais.

Exemplos: “Os fenômenos naturais também modificam a paisagem. As paisagens naturais foram muito alteradas desde a sua formação” (L5.13); “Por que esses povos optaram por viver em regiões tão altas, de pouca água e vegetação, caça ruim, menos oxigênio e, ainda por cima, mais suscetíveis a vulcões, terremotos ou outros fenômenos naturais?” (L7.95); “Alguns fenômenos naturais contribuem para a emissão de gases na superfície, como a erupção de vulcões e os processos biológicos que ocorrem nos solos, pântanos e oceanos (L8.71).

### **Fonte de energia**

*Fuente de energia / Energy source*

s.f., sing.

Qualquer matéria-prima da natureza (combustíveis, água, vento, energia elétrica, energia sonora ou nuclear) que é convertida em energia, como força ou calor, e utilizado na *produção industrial*, como: petróleo, carvão, energia solar, biomassa, gás natural, etc;

Exemplos: “O petróleo é a principal *fonte de energia* do mundo atual...”(L5.194); “Muitos recursos naturais são usados pelos seres humanos como fontes de energia. As fontes de energia permitem ampliar a capacidade de produção e obter cada vez mais produtos dos quais necessitamos. Até o surgimento da indústria... os diferentes grupos sociais praticamente não usavam máquinas, as principais fontes de energia eram a força muscular dos seres humanos e dos animais, ventos, a madeira e a água. Com a industrialização, novas fontes de energia passaram a ser utilizadas... o carvão mineral... o petróleo, o gás natural, a energia nuclear... a água. (L5.195); “...o carvão mineral se tornou a principal *fonte de energia* durante todo o século XIX.... Até hoje, o carvão mineral ainda é uma *fonte de energia*...” (L5.196); “Eles são amplamente empregados pelas diferentes *atividades econômicas* como matérias-primas ou *fontes de energia* para a fabricação de muitos produtos.” (L5.203).

Ver: *produção de energia, recursos energéticos, recursos hídricos.*

### **Fonte de renda**

*Fuente de ingresos / Source of income*

s.f., sing.

Qualquer atividade que gera capital (dinheiro, renda) para uma pessoa ou grupo, como: trabalho, venda de bens gerados ou extraídos, uso de direitos para turismo, etc.

Exemplos: “O petróleo é o principal produto de exportação e o turismo apresenta-se como uma importante *fonte de renda* para o país” (L7.128); “Este se constitui principalmente de cestaria e cerâmica e representa uma importante *fonte de renda* para a população” (L7.152); “Uma característica marcante dessa região é o cultivo ilegal de maconha e coca, *fonte de renda* para poderosos grupos de traficantes e também para

pequenos agricultores, que encontram nessa atividade sua única forma de sobrevivência” (L7.156”); “... passaram a investir na indústria, como uma nova e promissora *fonte de renda*” (L7.212).

Inf. enc.: Renda é o termo para qualquer valor recebido por uma pessoa física ou jurídica como remuneração do seu trabalho, da prestação de um serviço, venda ou como retorno sobre um investimento (6).

### **Habitat rural**

*Hábitat rural / Rural habitat*

s.m., sing.

*Habitat rural* é o modo de ocupação do *espaço rural*, seja em grandes espaços ou em espaços com muitas habitações, ou com presença marcante de formas de transporte por rio, por mar, estrada ou ferrovia.

Inf. enc.: Habitat é o termo usado para o *espaço geográfico* onde vive um organismo, população ou comunidade, de onde eles conseguem retirar energia para sobreviver (4).

No Brasil, está organizado da seguinte forma:

#### **“Disperso**

Característico das zonas rurais, na qual as suas habitações estão difundidas em grandes espaços.

É classificado como:

#### **Ordenado**

Ocorre quando existe um fator que auxilia na dispersão, como por exemplo: rio, ferrovia, rodovia, litoral. No Brasil ocorre com muita frequência.

#### **Desordenado**

Quando não existe um fator auxiliando na dispersão.

#### **Aglomerado**

É também típico das zonas rurais, na qual as habitações estão próximas umas das outras.”(i.21).

### **Hierarquia urbana**

*Jerarquía urbana / Urban hierarchy*

s.f., sing.

Escala de influência e dependência entre as cidades próximas, ou seja, as pequenas cidades são subordinadas a cidades médias que por sua vez são subordinadas a cidades maiores por serem mais estruturadas.

Exemplo: “As cidades pequenas dependem de muitos produtos e serviços de cidades maiores, as quais exercem, portanto, influência sobre aquelas. (15, p. 235).

Ver: *rede urbana*.

### **Ilha de calor**

*Isla de calor / Heat island*

s.f., sing.

Fenômeno climático que ocorre a partir da elevação da temperatura de uma cidade ou área urbana se comparada a uma zona rural, por exemplo.

Exemplo: “É nesse caso que as áreas mais quentes das cidades são consideradas *ilhas de calor* (veja a fig. 27). Isso ocorre porque, no centro e mesmo em outras áreas da cidade, a concentração de prédios e o asfalto absorvem grande quantidade de calor, e a intensa circulação de veículos lança poluentes no ar, contribuindo para o aumento da temperatura.

Uma forma de amenizar o problema das *ilhas de calor* é criar ou ampliar áreas verdes nas suas proximidades.” (L5.185).

Inf. enc.: Isso ocorre porque, no centro e mesmo em outras áreas da cidade, a concentração de prédios e o asfalto absorvem grande quantidade de calor, e a intensa circulação de veículos lança poluentes no ar, contribuindo para o aumento da temperatura. Uma forma de amenizar o problema das *ilhas de calor* é criar ou ampliar áreas verdes nas suas proximidades.”(L5.185). Quer dizer que nas cidades, especialmente nas grandes cidades, a temperatura é superior a de áreas periféricas, consolidando literalmente uma ilha (climática)”.(i.22).

“cidades que são *ilhas de calor*:

- São Paulo (Brasil)
- Rio de Janeiro (Brasil)
- Nova Iorque (Estados Unidos da América)
- Cidade do México (México)
- Pequim (China)
- Nova Deli (Índia)” (i.23).

### **Ilha oceânica**

*Isla oceánica / Oceanic island*

s.f., sing.

Ilha que se ergue no fundo do oceano e que não tem ligação com o continente, podendo ocorrer como arquipélago.

Exemplos: “*Ilha oceânica*: Ilha que não tem ligação com o continente.” (L5.51); “Já as ilhas do arquipélago de Fernando de Noronha e as demais *ilhas oceânicas* brasileiras têm os relógios com a hora adiantada” (L5.51); “As ilhas são oceânicas quando não tem ligação com os continentes. Há dois tipos de *ilhas oceânicas*: as coralígenas e as vulcânicas.” (L5.83).

Inf. enc.: Ilha é a porção de terra menor que um continente, e totalmente sem contato com o continente, ou seja, contornada por água. Podem ocorrer em oceanos, mares, lagos ou rios.

Ver: *ilha vulcânica*.

### **Ilha vulcânica**

*Isla volcánica / Volcanic island*

s.f., sing.

.Tipo de *ilha oceânica* formada por erupções de vulcões que emergem do fundo dos oceanos.

Exemplos: “... As *ilhas* são *oceânicas* quando não tem ligação com os continentes. Há dois tipos de *ilhas oceânicas*: as coralígenas e as *vulcânicas*... As *vulcânicas* são formadas por erupções de vulcões que ocorrem nos oceanos (fig.16, na página seguinte) (L5.83); “...Trindade é uma *ilha oceânica* e *vulcânica*.” (L5.84); “Formação das *ilhas vulcânicas*: As *ilhas vulcânicas* são formadas a partir de vulcões que emergem do fundo dos oceanos.” (L5.85).

Inf. enc.: Ilha é a porção de terra menor que um continente, e totalmente sem contato com o continente, ou seja, contornada por água.

Ver: *ilha oceânica*.

### **Indicadores sociais**

*Indicadores sociales / Social indicators*

s.m., pl.

Valores que mostram alguns aspectos da vida de uma nação para que possa ser estudado o estado social dessa nação e conhecer o seu nível de desenvolvimento social. São

alguns *indicadores sociais*: renda per capita (somamos o dinheiro que uma nação recebe e dividimos pelo número de pessoas que existem nessa nação), taxa de mortalidade infantil (valor que mostra quantas crianças morrem no nascimento), taxa de analfabetismo (valor que mostra qual o grau de pessoas que não são alfabetizadas), saneamento básico (quantidade de casas e empresas que tem rede de água e esgoto), acesso à água potável.

Exemplos: “*Indicadores sociais* do Nordeste: Nos últimos anos, os *indicadores sociais* do Nordeste (mortalidade infantil, expectativa de vida, escolaridade, entre outros)...” (L6.184); “... os países que adotaram o sistema apresentaram, durante décadas, *indicadores sociais* e econômicos semelhantes aos dos países capitalistas ricos...” (L7.17); “Esses *indicadores sociais* demonstram as péssimas condições alimentares e de atendimento médico-hospitalar...” (L7.153); “Que *indicadores sociais* e econômicos são levados em consideração para o cálculo do IDH?” (L7.32); “Os *indicadores sociais* da população paraguaia são típicos de países subdesenvolvidos: a mortalidade infantil e a taxa de analfabetismo são elevadas e a expectativa de vida é baixa” (L7.185); “Menor país platino, o Uruguai se destaca pelos *indicadores sociais* elevados.” (L7. 188); “A Bolívia é um dos países sul-americanos que apresentam os piores *indicadores sociais* da região” (L7.158).

Ver: *índice de desenvolvimento humano-IDH, PIB per capita, taxa de urbanização.*

---

### **Índice de Desenvolvimento Humano - IDH**

*Índice de desarrollo urbano / Index of urban development*

s.m., sing.

Valor que indica o desenvolvimento econômico, cultural, social e qualidade de vida de uma sociedade.

Exemplos: “... em alguns pontos, as taxas do *Índice de Desenvolvimento Humano* são parecidas com as de rincões africanos...” (L6.151); “...revelando-se como uma região com os mais baixos *índices de desenvolvimento humano*” (L6.180).

Inf. enc.: Este índice foi criado por Amartya Sen, Prêmio Nobel da Economia em 1998, "Devo reconhecer que não via no início muito mérito no IDH em si, embora tivesse tido o privilégio de ajudar a idealizá-lo. A princípio, demonstrei bastante ceticismo ao criador do Relatório de Desenvolvimento Humano, Mahbub ul Haq, sobre a tentativa de focalizar, em um índice bruto deste tipo - apenas um número -, a realidade complexa do desenvolvimento e da privação humanos. (...) Mas, após a primeira hesitação, Mahbub convenceu-se de que a hegemonia do PIB (índice demasiadamente utilizado e valorizado que ele queria suplantá-lo) não seria quebrada por nenhum conjunto de tabelas. As pessoas olhariam para elas com respeito, disse ele, mas quando chegasse a hora de utilizar uma medida sucinta de desenvolvimento, recorreriam ao pouco atraente PIB, pois apesar de bruto era conveniente. (...) Devo admitir que Mahbub entendeu isso muito bem. E estou muito contente por não termos conseguido desviá-lo de sua busca por uma medida crua. Mediante a utilização habilidosa do poder de atração do IDH, Mahbub conseguiu que os leitores se interessassem pela grande categoria de tabelas sistemáticas e pelas análises críticas detalhadas que fazem parte do Relatório de Desenvolvimento Humano" (RDH).

Amartya Sen, Prêmio Nobel da Economia em 1998, no prefácio do RDH de 1999.

(i.24)

#### **Colocação no Ranking de IDH de alguns países (i.25):**

(Dados referente ao PNUD de 2010)

1º - Noruega - 0,938

2º - Austrália - 0,937

- 3° - Nova Zelândia - 0,907  
 4° - Estados Unidos - 0,902  
 5° - Irlanda - 0,895  
 6° - Liechtenstein - 0,891  
 7° - Holanda - 0,890  
 8° - Canadá - 0,888  
 9° - Suécia - 0,885  
 10° - Alemanha - 0,885  
 13° - Japão - 0,884  
**73° - Brasil - 0,699**  
**\* Média Mundial: 0,624.**

Ver: *indicadores sociais, PIB per capita.*

### **Índice de ocupação**

*Tasa de ocupación / Occupancy rate*

s.m., sing.

Medida numérica que representa a relação entre a área ocupada de uma região e a área total de seu terreno.

Exemplo: “Do final do século XIX até o início do século XX, o extrativismo na Região Norte atraiu muitos migrantes, principalmente nordestinos, o que aumentou o *índice de ocupações*” (L6.132).

### **Integração campo-cidade**

*Integración rural y urbana / Rural-urban integration*

s.f., sing.

Processo para tornar as áreas rurais e urbanas, mesmo que tão diferentes, capazes de trabalhar entre si, baseado em estratégias de desenvolvimento econômico e social de uma região.

### **Lagoa costeira**

*Laguna costera / Coastal lagoon*

s.f., sing.

“Lagoa formada pela água de um mangue, que ficou aprisionada com a formação de restingas.” (L5.112).

Exemplo: “Os sedimentos transportados e depositados pelos mares também podem dar origem a restingas (fig.16), lagoas costeiras (fig.17) e recifes (fig. 18).(L5. 112).

### **Limite natural**

*Límite natural / Natural boundary, natural limit*

s.m., sing.

Elemento natural como rio, oceano, montanhas, serras, cânions, florestas que serve para demarcar a área de um território.

Exemplo: “Que rios servem de *limite natural* entre os territórios do Paraguai e do Brasil?” (L7.186).

### **Limite territorial**

*Límite territorial / Territorial boundary*

s.m., sing.

Área que estabelece o fim do espaço de determinado território, macando suas fronteiras.

Exemplo: “Os limites territoriais: Os atuais limites do território brasileiro começaram a

ser definidos já em 1994, com o Tratado de Tordesilhas.” (L6.14).

---

### **Mapa físico**

*Mapa físico / Physical map*

s.m., sing.

Mapa de uma área da *superfície terrestre*, como um país, estado, etc, que apresenta o relevo (como curvas de nível, pontos culminantes, altitude) desta região.

Exemplo: “Os *mapas físicos* foram elaborados com visões diferentes. O primeiro mapa representa o relevo visto de cima para baixo, e é a visão vertical. Para conhecermos o relevo precisamos ler a sequência das curvas de nível, cujos valores estão na legenda, identificando as faixas de altitudes expressas em cores, que vão de claras a escuras. O segundo mapa representa o relevo em uma posição oblíqua. Ele dá uma idéia mais imediata do relevo. É um mapa perspectivo.” (L5.135).

---

### **Marco zero**

*Zona cero / Ground Zero*

s.m., sing.

Ponto inicial de uma região, pode ser o marco inicial de um evento histórico, ou o ponto de onde se inicia a medição geográfica de uma região.

Exemplo: “Macapá é a única capital brasileira cortada pela linha imaginária do Equador. Para registrá-la, foi construído um monumento, chamado de *Marco Zero*, localizado a 5 km do centro da cidade, que contém um relógio de sol e um terraço para visitação” (L5.37).

---

### **Mercado externo**

*Mercado exterior / Foreign market*

s.m., sing.

Mercado que compreende as importações (quando o país compra para seu uso mercadorias de outro país) e exportações (quando um país vende suas mercadorias para outro país) entre países diferentes.

Exemplos: “A produção obtida nessas empresas abastece tanto o *mercado interno* como o *mercado externo*.” (L5.214); “O impulso econ mico trazido pelo algodão colorido levou as fábricas da região a se organizarem para conquistar o *mercado externo*” (L6.176); “No sul, estabeleceram-se col nias de exploração, baseadas nas grandes propriedades agrícolas monocultoras e no trabalho escravo, com produção voltada para o *mercado externo*” (L7.121); “... as principais *atividades econômicas* da América Central continental estão relacionadas ao cultivo de produtos tropicais voltados para o *mercado externo*” (L7.149) “Assim como na maioria do país, a agricultura   comercial, destinada a abastecer os mercados *interno* e *externo*” (L7.126).

Ver: *mercado interno, atividade econ mica*.

---

### **Mercado interno**

*Mercado interior / Internal market*

s.m., sing.

Mercado que compreende a compra e venda de mercadorias dentro de um território nacional.

Exemplos: “O problema é que, na maioria das vezes, exporta-se o melhor, ficando os produtos de qualidade inferior para o *mercado interno*” (L5.215); “Quando a indústria chinesa tem condições de suprir o *mercado interno*, o resto do mundo fica apenas observando...” (L8.133); “... com dificuldades de produzir bens de consumo, como



roupas, alimentos, automóveis, remédios, eletrodomésticos, em quantidade e qualidade suficientes para abastecer o *mercado interno*” (L8.155); “A agricultura, praticada principalmente no altiplano e nos vales, é de subsistência, destinada ao abastecimento do *mercado interno*...” (L7.159); “Assim, como na maioria do país, a agricultura é comercial, destinada a abastecer os *mercados interno e externo*.” (L7.126).

Ver: *mercado externo, atividade econômica*.

### **Migração de transumância**

*Migración estacional / Migration of transhumance*

s.f., sing.

Migração temporária

Movimento de um indivíduo ou de determinada população de entrada (imigração) ou saída (emigração) em um território em épocas do ano específicas para atender uma necessidade de trabalho. Normalmente ocorre em estações do ano destinadas a colheitas agrícolas que atraem populações para trabalho temporário, voltando a sua região de origem após a colheita, como exemplo quando está em época de colheita de uvas, a região que planta uvas recebe muitos trabalhadores de outras regiões que vão somente trabalhar neste período de colheita.

Exemplo: “Alguns deles realizam a chamada *migração de transumância*, ou seja, vão para o país vizinho durante a época da colheita, por exemplo, e regressam com o término do trabalho. Esses trabalhadores são conhecidos como *braceros*” (L7.138).

Ver: *migração pendular*.

### **Migração externa**

*Migración externa / Outmigration*

s.f., sing.

Emigração, migração internacional

Movimento de um indivíduo ou de um grupo de pessoas de mudar para um país diferente do que estava vivendo.

Exemplo: “A *migração externa*, também denominada migração internacional, ocorre quando a população se desloca de um país para outro.” (L6.63).

Ver: *migração interna*.

### **Migração interna**

*Migración interna / Internal migration*

s.f., sing.

Movimento de um indivíduo ou de um grupo de pessoas de entrar (imigração) ou sair (emigração) em um território diferente do seu de origem, mas dentro do mesmo país, podendo ser entre municípios ou estados diferentes.

Exemplo: “Já a *migração interna* ocorre quando a população se desloca dentro de um mesmo país. Assim as *migrações internas* podem ocorrer, por exemplo, de um estado para outro, ou de um município para outro dentro de um mesmo estado” (L6.63).

Ver: *migração externa*.

### **Migração inter-regional**

*Migración interregional / Interregional migration*

s.f., sing.

Movimento de um indivíduo ou de determinada população de entrar (imigração) ou sair (emigração) em um território diferente do seu de origem, mas no mesmo país, ou seja, “saída de uma região para outra” (L6.67) no mesmo país.

Ver: *migração externa, migração interna.*

---

### **Migração pendular**

*Migración pendular / Daily migration*

s.f., sing.

Migração diária, Migração temporária

Movimento de um indivíduo ou de determinada população de entrar (imigração) ou sair (emigração) em um território diferente do seu de origem, retornando após o final do dia de trabalho.

Inf. enc.: Este tipo de movimento ocorre normalmente em grandes cidades, onde trabalhadores moram em uma cidade vizinha à cidade onde trabalham. “*Migrações pendulares* ou diárias são aquelas que se fazem diariamente da periferia para a cidade e vice-versa, isso é, a migração dos trabalhadores residentes em cidades satélites ou subúrbios para a metrópole, onde trabalham, retornando ao fim da jornada. Mas no mesmo tipo se encontram os movimentos das pessoas que buscam na cidade-centro os bens e serviços que inexistem nos subúrbios ou nas cidades-satélites.

É um fenômeno cuja intensificação e aumento está na razão direta da urbanização, da formação de grandes cidades, em que a valorização do espaço obriga as populações a residirem cada vez mais longe do local de trabalho ou do centro de serviços.”(15, p.123).

Ver: *migração de transumância.*

---

### **Movimento migratório**

*Movimiento migratório / Migratory movement*

s.m., sing.

migração

Movimento de um indivíduo ou de determinada população de entrar (imigração) ou sair (emigração) em um território diferente do seu de origem.

Exemplos: “Então, migração é o movimento populacional de uma localidade para outra” (L6.62), “De 1950 a 1971, o maior *movimento migratório* se deu do Nordeste para o Sudeste” (L6.68); “Existe também forte *movimento migratório* de um país a outro dentro do próprio continente,(...) Outro fator que motiva o *movimento migratório* são as perseguições políticas e os conflitos étnicos...” (L8.75).

---

### **Mudança climática**

*Cambio climático / Climate change*

s.f., sing.

L5.138

Variação do clima no mundo ou em uma região ao longo de um período de tempo.

Exemplo: “Assim, o desmatamento pode provocar *mudanças climáticas*, reduzindo a quantidade de chuvas e tornando o clima mais seco” (L5.138).

---

### **Nível do mar**

*Nivel del mar / Sea level*

s.m., sing.

Altitude média da superfície do mar, considerada marco inicial (zero metros de altitude) como referência para a medida de outros pontos terrestres.

Exemplos: “Para medirmos a altitude de distintos pontos da *superfície terrestre* utilizamos o *nível do mar* como ponto de referência. O *nível do mar* está a 0 metro de altitude.” (L5.107). “Cultivada em *clima tropical* e altitudes que variam entre 450m e

1.800m acima do *nível do mar...*” (L7.163); “Assim, no *nível do mar*, a temperatura é mais alta;...” (L7.78).

---

### **Organização econômica**

*Organización económica / Economic organization*

s.f., sing.

Forma como a sociedade está organizada para desenvolver suas atividades econômicas.

Exemplos: “...Esses povos estavam distribuídos por todo o território e apresentavam diferentes formas de *organização social e econômica*” (L7.65); “Quais são os objetivos da formação de uma *organização econômica*?” (L8.57).

Inf. enc.: “Segundo Passos e Nogami (2003), de um modo geral, a sociedade organiza sua economia de três formas, a fim de resolver os problemas de o que, como e para quem produzir. As quais são: economia de mercado, economia planificada centralmente e economia mista.

#### **Economia de mercado**

Na economia de mercado (economia livre) o Estado participa da vida econômica com ações reguladoras. Em uma economia baseada na propriedade privada e na livre iniciativa, os agentes econômicos preocupam-se em resolver isoladamente seus próprios problemas, tentando sobreviver na concorrência imposta pelos mercados.

#### **Economia planificada centralmente**

Esse tipo de *organização econômica* é característico dos países socialistas, em que prevalece a propriedade estatal dos meios de produção. Nesse tipo de sistema as questões de o que, como e para quem produzir não são resolvidas de maneira descentralizada, por meio de mercados e preços, mas pelo planejamento central, em que a maior parte das decisões de natureza econômica é tomada pelo Estado.

#### **Economia mista**

Nos sistemas de economia mista, uma parte dos meios de produção pertence ao Estado e outra parte pertence ao setor privado.” (i.26).

---

### **Padrão de consumo**

*Patrón de consumo / Consumption pattern*

s.m., sing.

Quantidade e hábito de consumo de um indivíduo ou população, relacionado a sua cultura, necessidades e realidade econômica.

Exemplo: “As populações dos países subdesenvolvidos apresentam, em geral, *padrão de vida* e de consumo muito inferiores aos dos *países desenvolvidos*.” (L7.23).

Ver: *padrão de vida*.

---

### **Padrão de vida**

*Nivel de vida / Standard of living*

s.m., sing.

Valor calculado sobre a quantidade de bens e de serviços que um indivíduo ou grupo de indivíduos podem adquirir com o rendimento de que dispõem.

Exemplo: “As populações dos países subdesenvolvidos apresentam, em geral, *padrão de vida* e de consumo muito inferiores aos dos países desenvolvidos” (L7.23); “A *atividade industrial* é pouco desenvolvida e o *padrão de vida* da população é baixo” (L7.170); “Todos esses fatores terminaram por reduzir o *padrão de vida* da população” (L7.189); “O *padrão de vida* da população Argentina, que era o mais alto da América Latina...” (L7.190). Inf. enc.: Pode ser calculado sobre *indicadores sociais*, principalmente o de analfabetismo, renda anual per capita, condições médico-sanitárias (15).

Ver: *padrão de consumo, indicadores sociais.*

### **País desenvolvido**

*País desarrollado / Developed country*

s.m., sing.

País que tem alto nível de desenvolvimento econômico e social, tomando como critérios econômicos como renda per capita, industrialização, tecnologia moderna, acúmulo de capitais, *Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)*.

Exemplos: “Os países desenvolvidos, por sua vez, estão investindo cada vez mais em alta tecnologia, favorecendo áreas como informática, biotecnologia e telecomunicações.” (L5.229); “Esse fenômeno não ocorreu apenas no Brasil, mas em grande parte dos países considerados subdesenvolvidos, como o nosso, e também nos *países desenvolvidos*” (L6.86); “... se compararmos o grupo de *países desenvolvidos* e o daqueles considerados subdesenvolvidos.” (L6.87).

Ver: *Índice de Desenvolvimento Humano- IDH.*

### **País emergente**

*País emergente, país en desarrollo / Emerging country, developing country*

s.m., sing.

País em desenvolvimento, pobre, pouco industrializado ou em fase de industrialização, que apresentou crescimento econômico e social maior que os demais países subdesenvolvidos e é capaz de atrair investimentos internacionais, devido às vantagens que oferece, como mão-de-obra e recursos naturais baratos, incentivos fiscais, ausência de legislação ambiental rigorosa, etc. (L7.24).

Exemplos: “China, Índia, México, Argentina, Brasil, África do Sul, ... são exemplos de *países emergentes*.... contudo, apesar do crescimento econômico verificado,... não conseguiram acabar com os problemas característicos dos países pobres: altas taxas de desemprego, subemprego e analfabetismo” (L7.24); “Países em desenvolvimento: Pela classificação da ONU (Organização das Nações Unidas), são os países pobres em via de desenvolvimento econômico.” (L5.190).

Ver: *país desenvolvido.*

### **País industrializado**

*País industrializado / Industrialized country*

s.m., sing.

País que apresenta estar com seu processo de industrialização já iniciado e funcionando.

Exemplo: “Assim, passaram a ter lucros muito maiores, o que acentuou ainda mais as diferenças econômicas entre *países industrializados* e não-industrializados.” (L7.22).

Inf. enc.: “Os *países* plenamente *industrializados* construíram uma economia de escala através de uma revolução industrial e agrícola. Posteriormente, implantaram uma sociedade de consumo de massa mediante uma revolução tecnológica.” (15, p.104).

### **Paisagem geográfica**

*Paisaje geográfico / Geographical landscape*

s.f., sing.

Paisagem humanizada

Paisagem onde é possível identificar o predomínio de elementos humanos “resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano”(L5.13). sendo assim o termo que se refere a “conjunto das paisagens natural e cultural”(2).

Exemplos: “Em algumas paisagens, podemos observar... em outras, é possível

identificar o predomínio de elementos humanos. Essas são as *paisagens geográficas*, resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano.” (L5.13).

Ver: *paisagem natural*.

### **Paisagem natural**

*Paisaje natural / Natural landscape*

s.f., sing.

Paisagem em que predominam elementos naturais, tais como rios, florestas, montanhas, etc., ainda não modificados pelo homem (L6.23).

Exemplos: “Hoje há poucos lugares que ainda podem apresentar *paisagens* predominantemente *naturais*, como alguns trechos de florestas de difícil acesso, áreas desérticas...” (L5.14); “Tanto as *paisagens naturais* como as *paisagens geográficas* podem ser transformadas pela ação humana” (L5.14); “A transformação de uma *paisagem natural* pelos seres humanos pode provocar sérios danos ao meio ambiente.” (L5.14); “As *paisagens naturais* ou mesmo as que sofreram pequenas intervenções humanas precisam ser preservadas.” (L5.17); “As *paisagens naturais* de qualquer país do mundo, além das leis locais, também podem ser protegidas por organismos ou instituições internacionais...” (L5.19); “A necessidade de alimentos e de matérias-primas para a fabricação dos mais diferentes produtos tem levado os seres humanos a modificar e transformar as *paisagens naturais*.” (L5.170).

Ver: *paisagem geográfica*.

### **Paisagem rural**

*Paisaje rural / Countryside*

s.f., sing.

Espaço utilizado “pelos seres humanos para desenvolver atividades do *setor primário* de produção, como a agricultura, a pecuária e o extrativismo”, apresentando “pouca concentração de pessoas e de construções.” (L5.170).

Exemplos: “As *paisagens rurais* agrícolas são influenciadas por elementos naturais, como o clima, o relevo e o solo.” (L5.171); “assim como as *paisagens rurais*, as *paisagens urbanas* também podem se diferenciar segundo as *atividades econômicas* desenvolvidas nelas pelos seres humanos.” (L5.181).

Ver: *paisagem urbana*.

### **Paisagem urbana**

*Paisaje urbano / Urban landscape*

s.f., sing.

Espaço existente em área mais humanizada que transformou gradativamente um *espaço natural* ou rural em cidade.

Exemplos: “As *paisagens urbanas* são as mais humanizadas que existem, porque praticamente todos os elementos que vemos em uma cidade foram introduzidas pela ação humana.” (L5.180); “assim como as *paisagens rurais*, as *paisagens urbanas* também podem se diferenciar segundo as *atividades econômicas* desenvolvidas nelas pelos seres humanos.” (L5.181); “O livro apresenta as alterações ocorridas nas *paisagens urbanas* de São Paulo” (L6.95).

Ver: *paisagem rural*.

### **Paraíso fiscal**

*Paraíso fiscal / Tax haven*

s.m., sing.

Países ou regiões autônomas onde a lei facilita a aplicação de capitais (dinheiro) de outros países, não exigindo que o investidor informe a origem do dinheiro. O *paraíso fiscal* ou cobra impostos muito baixos ou nem os cobra dos investidores.

Exemplos: “Nos chamados “*paraísos fiscais*”, grandes somas de valores podem ser depositadas sem que seja necessário declarar a origem do dinheiro. Além disso, oferecem-se facilidades na documentação e cobram-se baixos impostos. Os depósitos também são protegidos por rigorosas leis que beneficiam o sigilo bancário.” (L7.153); “Os maiores beneficiários dos “*paraísos fiscais*” são aqueles que estão envolvidos com o crime organizado, com o narcotráfico...” (L7.153); “Por outro lado, provocou uma crise política devido à corrupção e ao desvio de dinheiro público para “*paraísos fiscais*” (L7.160).

---

### **Patrimônio natural**

*Patrimonio natural / Natural heritage*

s.m., sing.

Conjunto de elementos da *paisagem natural* de determinado local de um município, englobando a flora e a fauna, cuja preservação é imprescindível para manutenção da identidade do local.

Exemplo: “O ecoturismo, portanto, é uma opção econômica sustentável de incentivo à conservação de *patrimônios naturais*,...” (L5.244).

---

### **Patrimônio natural da humanidade**

*Patrimonio natural de la humanidad / Natural heritage of humanity*

s.m., sing.

Área com enorme riqueza em biodiversidade, ótimo estado de conservação da configuração original da área e grande e especial beleza, que necessita ter suas características naturais preservadas. Pode ser uma floresta, uma região de deserto, de cordilheiras, de ilhas, de lagos, etc.

Exemplos: “Esse conjunto de ilhas é considerado, pela UNESCO, *patrimônio natural da humanidade*” (L7.166).

Inf. enc.: Título criado em 1972 pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação).

Uma parte do Pantanal (de MS e MT) já é considerada *Patrimônio Natural da Humanidade*, assim como “o Parque Nacional do Iguaçu (PR); a reserva da Mata Atlântica do Sudeste (SP e PR); a reserva da Mata Atlântica da Costa do Descobrimento (BA e ES); e o Parque Nacional do Jaú (AM)”.

---

### **Pequena empresa**

*Pequeña empresa / Small business*

s.f., sing.

Empresa com menos de 50 funcionários em todas as áreas de trabalho.

Exemplos: “é necessário o fomento à produtividade do trabalho, em especial o *trabalho familiar* e das *pequenas empresas*” (L6.185); “crescimento das médias e *pequenas empresas* dos ramos de calçados, tecidos...” (L8.85).

Inf. enc.: Empresa é uma organização de várias áreas de estudo com o objetivo de exercer uma atividade específica, por exemplo, uma empresa que produz calçados envolve a pesquisa de modelos, tendências da moda ou da necessidade, do tipo de material necessário, a compra e armazenamento deste material, a análise de custos, a contratação de pessoas, a montagem dos sapatos, a venda do produto final, entre outras coisas.

---

**Perfil topográfico**

*Perfil topográfico / Topographic profile*

s.m., sing.

Perfil do relevo

Gráfico que mostra relevo de um terreno, salientando seu perfil.

Exemplo: “É como se você estivesse olhando um relevo de frente, observando seu contorno no horizonte, sua silhueta.” (L5.133 e L7.90).

---

**PIB per capita**

*Pib per cápita / Per capita GDP*

s.m., sing.

Valor que representa a produção de bens e serviços por habitante. É obtido dividindo-se o PIB (Produto Interno Bruto) em valores monetários de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região durante um período determinado pelo total de habitantes de um país, região, estado ou município.

Exemplos: “Na Noruega, por exemplo, não há analfabetos. Outra característica é o *PIB per capita* elevado, permitindo um alto grau de consumo...” (L7.31); “... Dentre os físicos estão: clima, relevo, *vegetação natural* etc. Dentre os socioeconômicos, considera-se IDH, religião, *PIB per capita* etc.” (L7.63).

Ver: *Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, indicadores sociais*.

---

**Pirâmide etária**

*Pirâmide etaria / Pyramid*

s.f., sing.

Pirâmide de idades

Tipo de gráfico que representa os dados sobre o crescimento da população masculina e feminina, por idades.

Exemplos: “A *pirâmide etária* no Brasil em 2000 aponta para uma tendência a um “país maduro”, isto é, com o predomínio de sua população na faixa etária dos adultos...” (L6.53); “Por meio de um gráfico chamado *pirâmide etária* ou de idades, podemos perceber claramente essa diferença na estrutura etária da população americana...” (L7.101).

---

**Polígono das secas**

*Polígono de sequia / Drought polygon*

s.f., sing.

Região “reconhecida pelo governo federal, em 1936, como sujeita a sucessivas crises de estiagem e para a qual se devem planejar políticas específicas contra as secas. Atualmente ele abrange os municípios de quase todos os estados nordestinos (exceto o Maranhão) e do norte de Minas Gerais, que sofrem os efeitos de secas periódicas” (L6.162), municípios em condições de *clima árido, solo degradado, vegetação de deserto*.

Ver: *área desértica, clima árido, solo degradado, vegetação de deserto*.

---

**Políticas públicas**

*Políticas públicas / Public policies*

s.f., pl.

Políticas sociais

Decisões tomadas para resolução de assuntos públicos, políticos ou coletivos, voltada para garantir os direitos sociais de um cidadão como saúde, educação, meio ambiente e segurança.

Exemplos: “Só os dados quantitativos em relação ao universo de pessoas, área ocupada e produtos envolvidos na atividade já seriam suficientes para justificar a elaboração de *políticas públicas* que visam ao fortalecimento da agricultura familiar” (L5.222); “As *políticas públicas* em prol da agricultura familiar surgiram, no Brasil, a partir de meados da década de 1990...” (L5.223).

### ***Polo industrial***

*Polo industrial / Industrial area*

s.m., sing.

Complexo industrial

Região onde estão muitas indústrias, pode ser dentro de uma grande metrópole, normalmente nos bairros mais afastados do centro, ou em pequenas cidades, que por si só se transformam em *polo industrial*, por sua característica econômica.

Exemplos: “Devido a todos esses fatores, algumas nações subdesenvolvidas vêm se transformando em novos *polos industriais*” (L5.229); “Apesar do recente aumento de *polos industriais* e *turísticos* e da utilização da agricultura...” (L6.34); “Também foi criada a Zona Franca de Manaus, na capital do estado do Amazonas, onde se desenvolveu um *polo industrial* produtor...” (L6.35); “Assim, novos *polos industriais* têm se formado em várias regiões do país” (L6.91); “... essa área canadense atrelou-se aos *polos industriais* do país vizinho...” L7.135.

Inf. enc.: Em Campo Grande-MS, encontramos a região de Indubrasil como um *polo industrial*.

### ***Polo turístico***

*Polo turístico / Touristic center*

s.m., sing.

Região que concentra muitos atrativos turísticos. Pode ser uma só cidade ou vários municípios próximos que se unem por terem estas atrações turísticas.

Exemplos: “Apesar do recente aumento de *polos industriais* e *turísticos*...” (L6.34); “Atualmente, a região também constitui um importante *polo turístico*, com atrativos naturais...” (L6.175); “... um importante *polo turístico* que atrai também cientistas interessados no estudo de sua biodiversidade” (L7.166).

Inf. enc.: Em Mato Grosso do Sul, os municípios de Bonito e Jardim unem-se como *polo turístico* atraindo não só turistas, mas também pesquisadores (i.27).

### ***Ponto de orientação***

*Punto de orientación / Point of orientation*

s.m., sing.

Ponto utilizado pelo ser humano para orientar-se em uma atividade com ou sem mapas.

Inf. enc.: O sol e as estrelas são pontos naturais de orientação, já os artificiais são, a Rosa dos ventos, a bússola, o GPS, o rádio e o radar. Conceito estabelecido para orientar mapas e cartas geográficas, podendo ser classificados em:

- Pontos Cardeais: são quatro: norte (N), sul (S), leste (L ou E) e oeste (O ou W).
- Pontos Colaterais: localizados entre os pontos cardeais, também são quatro: nordeste (NE), sudeste (SE), sudoeste (SO) e noroeste (NO).
- Pontos Subcolaterais: localizados entre os pontos cardeais e colaterais: norte-noroeste (NNO), norte-nordeste (NNE), leste-nordeste (ENE), leste-sudeste



(ESE), sul-sudeste (SSE), sul-sudoeste (SSO), oeste-sudoeste (OSO) e oeste-noroeste (ONO).

---

### **População rural**

*Población rural / Rural population*

s.f., sing.

População que vive nas zonas rurais, como fazendas, chácaras, assentamentos rurais, ou seja, reside fora dos limites urbanos e suburbanos (15, p.92).

Exemplos: “Visualizar a distribuição da *população urbana e rural*?... Comparar a participação das *populações urbana e rural* no total da população?...” (L6.119); “... a *população urbana* é superior à *população rural*” (L6.140); “Esse método é utilizado para representar fenômenos dispersos como a *população rural*, o gado bovino etc.” (L7.174).

---

### **População total**

*Población total / Total population*

s.f., sing.

Valor que mostra o número de pessoas que moram em um *espaço geográfico* em um determinado ano.

Exemplos: “cujos tamanhos estão de acordo com a quantidade de *população total* das unidades da federação” (L6.78); “Qual é o país mais populoso do continente, ou seja, que apresenta maior *população total*?” (L7.177).

---

### **População urbana**

*Población urbana / Urban population*

s.f., sing.

População que vive em área urbana, podendo ser pequenos povoados ou grandes megalópoles.

Exemplos: “Isso não quer dizer, no entanto, que as condições de vida da *população urbana* também sejam semelhantes às desses países...” (L6.87); “... a evolução da quantidade das *populações urbana e rural*...” (L6.118).

---

### **Produção agropecuária**

*Producción agrícola / Agriculture production*

s.m., sing.

Produção agrícola e pecuária

Geração de produtos através da ação de cultivar pela agricultura (vegetal) ou pecuária (animal), para o consumo humano direto ou indireto.

Exemplos: “Temos que observar, no entanto, que, por estar relacionada a outros setores, a *produção agropecuária* gera renda indireta” (L6.182); “Em geral. Utilizam-se de técnicas rudimentares na *produção agropecuária*, o que resulta em baixa produtividade” (L7.105); “Como reflexo do clima e do relevo, costuma-se dividir o território em três regiões de *produção agropecuária*.” (L7.136); “Grande parte da *produção agropecuária* concentra-se no Planalto do México...” (L7.138);

“As principais atividades econômicas desenvolvidas nessa região são a extração vegetal... e a *produção agropecuária*.” (L7.185).

Ver: *produção econômica*.

---

### **Produção de energia**

*Producción de energía / Energy production*

s.f., sing.

Geração de energia pelo uso dos recursos energéticos renováveis (sol, água, vento, biomassa) ou não renováveis (combustíveis fósseis: petróleo, gás natural, carbono, combustíveis nucleares : urânio e plutônio).

Exemplos: “As águas do “Velho Chico”... são utilizadas pela população ribeirinha, que vive principalmente da pesca, pelas usinas hidrelétricas, para a *produção de energia*...” (L6.162); “Um dos problemas da economia francesa é a falta de recursos para a *produção de energia*” (L8.81 ).

Ver: *recursos energéticos*.

### **Produção econômica**

*Producción económica / Economic output*

s.f., sing.

Toda produção de bens e serviços que gera capital (dinheiro) para a economia.

Exemplos: “... esses problemas são agravados pela forte concentração de pessoas e de *produção econômica*” (L6.100); “... Reunidos, esse grupo possui cerca de 20% da população mundial e detém aproximadamente 80% da *produção econômica* e da renda global”(L7.29).

Ver: *produção agropecuária, produção industrial*.

### **Produção industrial**

*Producción industrial / Industrial production*

s.f., sing.

Geração de bens por transformação de matéria-prima e outros produtos que serão ou não comercializados (industrialização). A *produção industrial* pode ser artesanal, manufatureira ou fabril.

Exemplos: “Esse complexo regional também concentra a maior parte da população, da *produção industrial* e da agropecuária nacionais” (L6.35); “Embora tenham uma significativa *produção industrial*, os países emergentes são dependentes da tecnologia dos países desenvolvidos.” (L7.25).

Ver: *produção agropecuária, produção econômica*.

### **Propriedade rural**

*Propiedad rural / Rural property*

s.f., sing.

Área em zona rural e de propriedade privada, utilizada ou não para o agronegócio. Por exemplo, podemos ter fazendas em *propriedade rural*, mas também indústrias (como a sucro-alcooleira).

Exemplos: “Aproximadamente 85% do total de *propriedades rurais* do país pertencem a grupos familiares...” (L5.222); “por que as queimadas são utilizadas em *propriedades rurais*” (L6.150); “Isso aumentou ainda mais a concentração da *propriedade rural* nas mãos de poucos” (L6.178); “... e a utilização de extensas *propriedades rurais* para o plantio de produtos destinados ao *mercado externo*” (L7.68).

### **Recursos energéticos**

*Recursos energéticos / Energy resources*

s.m., pl.

Qualquer substância sólida, líquida ou gasosa da qual podemos obter energia.

Exemplos: “No entanto, a partir dos anos 1970, a escassez de recursos minerais e energéticos – o país importa todo o petróleo que consome – contribui para a

desestabilização da economia.” (L7.189).

Inf. enc.: Podem ser agrupados em recursos energéticos renováveis (sol, água, vento, biomassa) ou não renováveis (combustíveis fósseis: petróleo, gás natural, carbono, combustíveis nucleares : urânio e plutônio).

Ver: *produção de energia, fonte de energia, recursos hídricos.*

### **Recursos hídricos**

*Recursos hídricos / Water resources*

s.m., pl.

Fontes de águas superficiais ou subterrâneas disponíveis para o uso em uma determinada região ou bacia hidrográfica.

Exemplos: “Agora vamos ler um texto que apresenta os problemas causados aos *recursos hídricos* devido às atividades humanas.... Grande parte dos problemas com os *recursos hídricos* se deve a certas práticas agrícolas...As maiores consequências dessas práticas agrícolas em relação aos *recursos hídricos* são a poluição dos cursos de água...” (L5.136); “Há muito tempo, os seres humanos utilizam os *recursos hídricos* para a prática agrícola.” (L5.176); “Encontramos no território brasileiro grande disponibilidade de *recursos hídricos*, que representam 12% do volume mundial de água doce do planeta.” (L5.202); “A grande disponibilidade de *recursos hídricos* (rios e lagos) permite ao Canadá obter energia elétrica barata...” (L7.134).

Ver: *fonte de energia, recursos energéticos, produção de energia, rede hidrográfica.*

### **Rede hidrográfica**

*Red hidrográfica / Hydrographic network*

s.f., sing.

Rede fluvial

Conjunto de cursos de água (rios, riachos, nascentes, etc) em uma determinada área.

Exemplos: “O Brasil apresenta uma extensa *rede hidrográfica*...” (L5.124); “Quais rios brasileiros foram identificados no mapa da *rede hidrográfica* da América do Sul (fig.1)?” (L7.181).

Ver: *fonte de energia, recursos energéticos, produção de energia, recursos hídricos.*

### **Rede urbana**

*Red urbana / Urban network*

s.f., sing.

Relação de atração ou influência que um município têm sobre os outros. Sistema integrado de cidades de vários tamanhos e importância sócio-econômica, que estão inter-relacionadas, interdependentes.

Exemplos: “*Rede urbana*, problemas sociais e ambientes urbanos” (L6.92); “Esta relação de atração/ influência que os municípios têm uns sobre os outros é o que denominamos *rede urbana*” (L6.93).

Ver: *hierarquia urbana.*

### **Região geoeconômica**

*Región geoeconómica / Geo-economic region*

s.f., sing.

Complexo regional

Área de um país não somente dividida em *região geográfica*, mas sim dividida levando em consideração seus aspectos geográficos e econômicos.

Exemplo: “Além da regionalização oficial do IBGE, outra bastante conhecida e

utilizada é a divisão do território brasileiro em complexos regionais ou *regiões geoeconômicas*: O Nordeste, a Amazônia e o Centro-Sul.” (L6.33).

Ver: *região geográfica*.

### **Região geográfica**

*Región geográfica / Geographic region*

s.f., sing.

Divisão de um País em partes, constituída por um grupo de estados.

Inf. enc.: No caso do Brasil, está dividido em cinco *regiões geográficas*, a Região Norte, a Região Nordeste, a Região Centro Oeste, a Região Sudeste e a Região Sul.

Ver: *região geoeconômica*.

### **Região periférica**

*Región periférica / Peripheral region*

s.f., sing.

Periferia, subúrbio

Região que normalmente fica no município, mas não está perto do centro e sim em volta do centro da cidade, constituída por bairros ou áreas mais afastadas do centro da cidade.

Exemplos: “*Economia-mundo*: relação dos países centrais, *industrializados* e de alta tecnologia com os países periféricos, pela qual os primeiros, para atender a suas necessidades de produção, exportação e investimentos, constituem-se em centros decisórios que organizam as *regiões periféricas*” (L8.41).

### **Regime fluvial**

*Sistema fluvial / River system*

s.m., sing.

“A variação do nível das águas de um rio no período de um ano é chamada de *regime fluvial*.” (L5.94).

Ver: *rede hidrográfica*.

### **Reserva ambiental**

*Reserva ecológica / Environmental reserve*

s.f., sing.

Região que é preservada ecologicamente de ações humanas que poderiam vir a degradá-la. Inf. enc.: *Políticas públicas* garantem que a área escolhida para *reserva ambiental* tenha controle e preservação ambiental garantidas.

Ex: “Policiais Militares Ambientais Três Lagoas (MS) deslocaram-se ao bairro Vila Pilo, ontem à tarde, devido a solicitação de trabalhadores da Missão Salesiana, para que os policiais capturassem um lobinho (cachorro-do-mato) que adentrara uma das garagens do local. A PMA efetuou o recolhimento do animal, que foi avaliado por veterinário e solto em uma *reserva ambiental* denominada Reserva da Casa Branca, em Três Lagoas.”(i.28).

### **Reserva petrolífera**

*Reserva de petróleo / Oil reserve*

s.f., sing.

Local que apresenta propriedades físicas e químicas que favorecem a armazenagem do petróleo existente, como por exemplo, rochas com porosidade e permeabilidade que não permitem que o petróleo flua para outras regiões.

Exemplo: “... a Venezuela classifica-se em sexto lugar no mundo em *reservas*

*petrolíferas...*” L7.165.  
Ver: *bacia petrolífera*.

### **Reserva extrativista**

*Reserva extractiva / Extractive reserve*

s.f., sing.

Área utilizada por populações cuja sobrevivência tradicionalmente está baseada no extrativismo, com complemento na agricultura e pecuária de subsistência.

Exemplos: “A partir de 1989, o governo federal delimitou, na Região Norte, as terras que podem ser utilizadas por castanheiros e seringueiros, para o seu sustento e o de sua família. São as *Reservas Extrativistas*” (L6.147); “As terras das *Reservas Extrativistas* pertencem à União, isto é, os castanheiros e seringueiros podem usufruir delas para a sua subsistência e a de sua família, mas não podem transferir a sua posse ou destruí-las. As *Reservas Extrativistas* nasceram da luta de comunidades tradicionais do Acre, que as reivindicaram junto aos governos.” (L6.148); “Como o número de *reservas extrativistas* é reduzido, muitos seringueiros ainda têm que alugar uma parte de um seringal...” (L6.149).

Inf. enc.: Esta área recebe apoio governamental para manter seus recursos naturais em condições de oferecer esta *atividade extrativa* sem risco de extinguir-se pelo mau uso de seus recursos, são áreas “onde os recursos naturais devem ser explorados de forma racional, sem grandes prejuízos ao meio ambiente”(L5.207). Caso uma área particular seja parte de uma *reserva extrativista*, esta área será desapropriada pelo governo (“As terras das *Reservas Extrativistas* pertencem à União”L6.148).

### **Rio de planalto**

*Río de meseta / River plateau*

s.m., sing.

Rio que ocorre em região de planalto, normalmente apresenta quedas d’água em diferentes níveis, sendo comumente utilizado para geração de energia.

Exemplos: “*Rios de planalto*: O curso de um rio apresenta características segundo as formas de relevo. Os rios que cruzam áreas de planalto costumam ter muitas quedas-d’água. São os chamados *rios de planalto*. Eles são geralmente aproveitados para geração de energia elétrica.” (L5.93); “Quando o rio é de planalto, apresentando diferenças de níveis, os seres humanos constroem eclusas (fig. 38) que funcionam como “elevadores de navios”, permitindo a navegação.” (L5.123).

Ver: *fonte de energia, produção de energia, recursos energéticos, recursos hídricos, rio de planície*.

### **Rio de planície**

*Río de llanura / Plain river*

s.m., sing.

Rio que ocorre em área de planície, ou seja, sem quedas d’água, sendo ideais para navegação, pesca, lazer e retirada de água para consumo. Podem até ser utilizados como gerador de energia elétrica, mas com o auxílio de uma turbina que flutua e aproveita a correnteza do rio (L5. 93 e 122).

Ver: *rio de planalto*.

### **Rio emissário**

*Rio emissário / Outfall river*

s.m., sing.

Saída de água de um lago que permite que suas águas não fiquem completamente paradas.

Exemplo: “Os lagos podem ser fechados ou apresentar uma saída de água, formando um *rio emissário*. O *rio emissário* permite que a água não fique completamente parada. Quando um lago possui um *rio emissário*, ele é de água doce.” (L5.95).

### **Rio intermitente**

*Río intermitente / Intermittent river*

s.m., sing.

Rio temporário

Rio que seca no período de secas, desaparecendo temporariamente, voltando a existir durante o período das chuvas (quando a precipitação é elevada).

Exemplo: “No Nordeste existem rios que secam nos períodos de estiagem. São os chamados *rios intermitentes* ou temporários. A maior parte dos *rios intermitentes*, ou trechos deles, tem seu curso localizado no Sertão, onde predomina o clima semi-árido.” (L6. 162).

### **Rio perene**

*Río perenne / Perennial river*

s.m., sing.

“Rio que nunca seca, independentemente da estação do ano, ou seja, um rio permanente” (L5.127)

Exemplos: “O Rio São Francisco é o único *rio perene* que cruza a região mais seca do Brasil...” (L5.127); “Além dos rios temporários, também há rios que nunca secam. São os chamados *rios perenes* ou permanentes.” Esses rios assumem papel de fundamental importância para a população da Região Nordeste nas *atividades econômicas* que desenvolvem.” (L6.162); “Qual é a diferença entre *rios intermitentes* e *rios perenes*?” (L6.170).

### **Rio principal**

*Río principal / Main river*

s.m., sing.

Rio que, na sua bacia hidrográfica, é “aquele que recebe as águas dos outros rios, que são chamados de afluentes”. (L5.94).

Exemplo: “Uma bacia hidrográfica, portanto, é o conjunto de terras banhadas por um *rio principal* e seus afluentes.” (L6.128).

### **Sensor remoto**

*Sensor remoto / Remote sensor*

s.m., sing.

Tecnologia que permite captar e registrar por meio de aparelhos – sensores – a energia refletida pelos elementos da *superfície terrestre* sem o contato com eles (L8.88).

Inf. enc.: “Os sensores podem ser classificados em:

- Ativos – são aqueles capazes de produzir sua própria radiação, que irá interagir com objetos da *superfície terrestre*. Por exemplo, os radares de visada lateral são sensores ativos, sendo também conhecidos como sistemas de microondas. A imagem resultante é função do sinal de retorno e não pode ser interpretada com os mesmos critérios utilizados para imagens obtidas por sensores passivos. A grande vantagem o radar consiste na possibilidade de operar no escuro e até mesmo sob condições meteorológicas adversas.

- Passivos – coletam radiação refletida ou emitida pelos objetos da superfície;  
Os sensores podem ainda ser classificados de acordo com o tipo de produto que geram:
- Não-imageadores – não fornecem uma imagem da superfície observada (ex. radiômetros, - saída em dígitos ou gráficos)
- Imageadores – como o próprio nome diz, fornecem como resultado uma imagem da superfície ou a variação espacial da resposta espectral da superfície imageada. Os sensores imageadores podem ser classificados, em função do processo de formação da imagem, em: sistemas fotográficos... sistemas de imageamento eletro-ópticos...” (16, p.73).

Exemplos: “Os sensores podem estar em terra, a bordo de aeronaves, espaçonaves, estações espaciais, satélites...” (L8.89).

### **Setor agrícola**

*Sector agrícola / Agricultural sector*

s.m., sing.

Conjunto de *atividades econômicas* ligadas à agricultura, pecuária e extrativismo vegetal (10).

Exemplos: “Segundo o levantamento do Ministério da Agricultura, o crescimento nas vendas do *setor agrícola* compensou também...” (L5.219).

Ver: *atividade econômica, setor da economia.*

### **Setor comercial**

*Sector comercial / Commercial sector*

s.m., sing.

Conjunto de *atividades econômicas* ligadas ao comércio, ou seja, servindo como compra e venda de bens e serviços no atacado ou varejo.

Ver: *atividade econômica, setor da economia.*

### **Setor da economia**

*Sector económico / Sector of the economy*

s.m., sing.

Conjunto de atividades relacionadas à produção de divisas (dinheiro em forma de papel moeda, cheque, ordens de pagamento, etc.) para alimentar a economia de uma região.

Exemplo: “...Eles sediam empresas transnacionais e efetuam investimentos pesados em pesquisas científicas nos diversos *setores da economia*” (L7.22).

Ver: *atividade econômica, setor agrícola, setor comercial, setor de serviços, setor industrial, setor turístico.*

### **Setor de serviços**

*Sector de servicio / Service sector*

s.m., sing.

Conjunto de *atividades econômicas* ligadas a bancos, turismo, transporte, comunicações, atividades de administração pública, entre outros exemplos.

Exemplos: “Quanto à participação no PIB, no Nordeste o *setor de serviços* corresponde a 55% (dados de 2000)” (L6.183); “... os setores que mais contribuem para o PIB são o da indústria (secundário) e o de serviços (terciário) (L6.181); “... onde o PIB do *setor de serviços* representou 60%...” (L6.117); “Devido à grande importância política e econômica do Centro-Sul, nesse complexo se localizam importantes portos, aeroportos, sedes de importantes empresas, além de um variado *setor de serviços*” (L6.35); “A economia espanhola, que durante séculos havia se baseado na agricultura, centrou-se no

*setor de serviços*” (L8.85).

Ver: *atividade econômica, setor agrícola, setor comercial, setor da economia, setor industrial, setor turístico.*

### **Setor industrial**

*Sector industrial / Industrial sector*

s.m., sing.

Conjunto de *atividades econômicas* ligadas à indústria, ou seja, transformando matéria-prima em outros produtos.

Exemplos: “A tendência à desindustrialização tem-se manifestado em quase todos os países que adotaram a âncora cambial. Os setores mais frágeis tendem a desaparecer e ser substituídos por importados. Os principais *setores industriais* aumentam significativamente o peso dos importados, como está ocorrendo no automobilístico, de bens de capital e eletroeletrônico, entre outros...”(10); “O *setor industrial* chinês, por sua vez, tem apresentado um dos mais elevados índices de crescimento...” (L8.137); “... A União Soviética não conseguiu acompanhar os avanços tecnológicos dos países capitalistas desenvolvidos nos demais *setores industriais*” (L8.155).

Ver: *atividade econômica, setor agrícola, setor comercial, setor da economia, setor de serviços, setor turístico.*

### **Setor turístico**

*Sector turístico / Tourism sector*

s.m., sing.

Conjunto de *atividades econômicas* ligadas ao turismo, ou seja, recepção, hospedagem, lazer de turistas em determinada região.

Exemplo: “... desencadeou uma onda de negócios que elevou os lucros provenientes do campo e gerou uma nova *fonte de renda* no *setor turístico* da região.” L6.117.

Ver: *atividade econômica, setor agrícola, setor comercial, setor da economia, setor de serviços, setor industrial.*

### **Sistema de transporte coletivo**

*Sistema de transporte público / Public transportation system*

s.m., sing.

Rede de serviço que oferece transporte à população que o utilizará de forma pública, ou seja, o usuário (passageiro) não é o dono nem aluga o meio de transporte utilizado.

Exemplo: “*sistema de transporte coletivo* deficiente e precário (fig.15), além dos frequentes congestionamentos que ocorrem nas principais vias e circulação” (L6.99).

Inf. enc.: Esta rede de serviço é constituída por linhas e itinerários dos diversos tipos de meios de transporte coletivo como ônibus, trens, aviões, embarcações, em que o passageiro paga uma tarifa para seu uso. O serviço de transporte coletivo pode ser fornecido por empresas públicas ou privadas.

### **Solo degradado**

*Suelo degradado / Degradated soil*

s.m., sing.

Solo que passou por processo de empobrecimento de suas características agriculturáveis, seja por erosão natural ou provocada pelo homem, seja por mau uso de produtos químicos ou manejo da terra.

Exemplo: “Solo erudito e degradado, no município de Silveiras, no Estado de São Paulo” (L5.174).



Ver: *área desértica, clima árido, polígono das secas, vegetação de deserto.*

### **Superfície terrestre**

*Superficie terrestre / Surface*

s.f., sing.

Parte externa da crosta terrestre, que caracteriza fisicamente o planeta terra, seu relevo, hidrografia, etc.

Ex.: “A *superfície terrestre*, onde estão as condições para a existência da vida, como água, gases, rochas e minerais, é irregular.” (L5.44).

### **Taxa de urbanização**

*Índice de urbanización / Urbanization rate*

s.f., sing.

Indicador da porcentagem de uma população que vive na zona urbana de uma região.

Exemplo: “Dentre os países platinos, o Uruguai é o que apresenta a maior *taxa de urbanização*” (L7.194).

Ver: *indicadores sociais.*

### **Tempo geológico**

*Tiempo geológico / Geologic time*

s.m., sing.

“Tempo de existência da Terra” (L5.52), ou seja, a idade da Terra desde sua formação.

### **Terra agriculturável**

*Tierra cultivable / Farmland*

s.f., sing.

Terra em condições de ser utilizada para a agricultura.

Ex.: “Além da concentração, outro grave problema referente à distribuição das terras agriculturáveis no Brasil é que muitas das grandes propriedades são improdutivas...” (L6.112).

### **Terra emersa**

*Tierra emergida / Landmasses*

s.f., sing.

Área de terra contínua que não está dentro da água.

Exemplo: “O continente asiático é o maior em *extensão territorial*, abrangendo 30% das terras emersas do planeta.” (L8.121).

### **Terras indígenas (TI)**

*Tierras indígenas / Indian land*

s.f., pl.

Terra tradicionalmente ocupada pelos índios para habitação e produção, garantindo a preservação dos recursos ambientais.

Exemplos: “Ainda hoje, os grupos indígenas do Brasil, que vivem na sua maioria nas *Terras Indígenas*...” (L6.55); “Lá estão localizadas 98,61% das *Terras Indígenas* do país...” (L6.147).

### **Terras públicas**

*Tierras públicas / Public land*

s.f., pl.

Área cuja propriedade é de administração do governo, diferente das propriedades privadas.

Exemplo: “Em 1850, no entanto, foi implantada a Lei das Terras, que restringia o acesso às *terras públicas* apenas pela compra.” (L6.112).

### **Trabalho assalariado**

*Trabajo asalariado / Employment*

s.m., sing.

Relação de trabalho em que ocorre a troca do trabalho prestado pelo trabalhador por salário. Pode ser formal (registrado em carteira de trabalho) ou informal (autônomo ou simplesmente não registrado).

Exemplos: “Foi assim que surgiu a indústria, *atividade econômica* que se caracteriza por:... *trabalho assalariado*.” (L5.227); “.. pela divisão de tarefas como resultado da especialização do trabalhador e pelo *trabalho assalariado*.” (L7.13); “*trabalho assalariado*: o trabalhador recebe um salário por seu trabalho. A concentração de renda pelas classes proprietárias dos meios de produção promove uma clara divisão de classes e estabelece amplas desigualdades sociais, principalmente nos países mais pobres ...” (L7.14).

Ver: *trabalho familiar, trabalho informal, trabalho rural*.

### **Trabalho familiar**

*Trabajo familiar / Family work*

s.m., sing.

Trabalho realizado pelos membros da família proprietários de um negócio, podendo ser remunerado, mas normalmente não.

Exemplo: “Na América Anglo-Saxônica prevaleceram as colônias de povoamento baseadas no *trabalho familiar* livre e assalariado...” (L7.69).

Ver: *trabalho assalariado, trabalho informal, trabalho rural*.

### **Trabalho informal**

*Trabajo informal / Informal work*

s.m., sing.

Trabalho que não é registrado em Carteira de Trabalho, não gerando benefícios como FGTS, INSS nem Seguro Desemprego para o trabalhador.

Exemplo: “... este índice, porém, pode chegar a 50% com o chamado *trabalho informal* (sem registro em carteira).” (L6.82); “Também é necessário eliminar o caráter permanente de precariedade do *trabalho informal*, oferecendo melhores oportunidades a esses trabalhadores” (L6.185).

Ver: *trabalho assalariado, trabalho familiar, trabalho rural*.

### **Trabalho rural**

*Trabajo rural / Rural work*

s.m., sing.

Trabalho realizado em empresas e/ou estabelecimentos rurais, como os relacionados com a agropecuária.

Exemplo: “... implantação de programas de colonização, que incluíam iniciativas de assentamento de famílias de trabalhadores rurais” (L6.134).

Ver: *trabalho assalariado, trabalho familiar, trabalho informal*.

### **Turismo rural**

*Turismo rural / Rural tourism*

s.m., sing.

*Atividade econômica* relacionada ao turismo especificamente em áreas rurais, apresentando plantações, culturas, criações de animais e estabelecimentos que sejam referência para o agronegócio.

### **Vazio populacional**

*Vacio poblacional / Demographic emptiness*

s.m., sing.

Área pouco habitada, ou seja, com densidade demográfica bastante baixa.

Exemplos: “Durante muito tempo, a Região Norte foi considerada um “vazio populacional”, isto é, uma área de densidade demográfica bastante baixa. Mas essa idéia de “vazio” é equivocada, porque devemos levar em conta que a densidade demográfica da região está em harmonia com o modo de vida...” (L6.123).

### **Vegetação de altitude**

*Vegetación de altura / High altitude vegetation*

s.f., sing.

Vegetação característica das áreas montanhosas.

Inf. enc.: Esta vegetação, assim como o clima, varia seu aspecto, padrões de vegetação em função da altitude. A *vegetação de altitude* ocorre na América do Sul (Argentina, Peru, Bolívia e Paraguai) e na Europa (Alemanha).

Ver: *área serrana*.

### **Vegetação de deserto**

*Vegetación de desierto / Desert vegetation*

s.f., sing.

Vegetação típica de climas áridos e semi-áridos formada por plantas rasteiras, espinhosas, sem folhagens ou com folhas pequenas e de aspecto hostil, com raízes profundas com as quais retiram água do solo. Encontrada na Califórnia, México, Peru, Chile e Argentina.

Exemplo: “*Vegetação de deserto*: Os desertos ocorrem nas regiões onde a quantidade de chuva é muito pequena, que podem ser áreas frias ou quentes da *superfície terrestre*.” (L5.155).

Ver: *área desértica, clima árido, polígono das secas, solo degradado*.

### **Vegetação litorânea**

*Vegetación de litoral / Litoral vegetation*

s.f., sing.

Vegetação presente nas terras baixas e planícies do litoral, constituída por variados tipos de vegetação, mas em sua maioria rasteira, responsável pela fixação da área. A área, que é inundada pela maré alta, ou seja, por água salgada, abrigando manguezais, gramíneas e plantas rasteiras.

Exemplo: “*Vegetação litorânea*: Ao longo do litoral brasileiro podemos encontrar as vegetações de praia, de dunas, de restingas e de mangue (fig.27) (L5.159).

### **Vegetação mediterrânea**

*Vegetación mediterránea / Mediterranean vegetation*

s.f., sing.

Vegetação que se forma em regiões de clima predominantemente mediterrâneo, onde os verões são secos e os invernos chuvosos. Ou seja, sul da Europa (onde há maior concentração) mas também na Califórnia (Estados Unidos), Chile, África do Sul e Austrália. Constituída por plantas (tipo xerófilas) dispostas distantes uma das outras.

Ver: *clima mediterrâneo*.

---

### **Vegetação nativa**

*Vegetación nativa / Native vegetation*

s.f., sing.

Vegetação natural

“Vegetação original de um lugar; que existia antes da ação humana” (L6.126), ou seja, que não sofreu interferência humana.

Exemplo: “Apesar da acelerada devastação ocorrida nas últimas décadas, ainda podemos observar a presença de *vegetação nativa*...” (L6.126)

---

### **Zona climática**

*Zona climática / Climate zone*

s.f., sing.

Faixa da *superfície terrestre* na qual o clima geralmente é homogêneo em algum aspecto.

Exemplos: “em função das diferenças de intensidade de luz e calor que recebe o Sol, a Terra é dividida em três *zonas climáticas* ou de iluminação e aquecimento: tropical, temperada e polar.” (L5.45);

“Assim, o território brasileiro pode ser localizado, no globo terrestre, de acordo com os hemisférios, as *zonas climáticas* e a distribuição das *terras emersas*...” (L6.18); “Além da grande *extensão territorial*, o território francês compreende diferentes zonas climáticas (Atlântica, mediterrânea e alpina), o que contribui para a diversidade das *suas atividades econômicas*” (L8.81).

Inf. enc.: As *zonas climáticas* da Terra são compreendidas entre as linhas dos Paralelos, que são:

- a) Zona Polar Ártica -Entre o Polo Norte e o Círculo polar ártico.
  - b) Zona Temperada Norte -Entre o Círculo polar ártico e o Trópico de Câncer.
  - c) Zona Tropical -Entre o Trópico de Câncer e o Trópico de Capricórnio.
  - d) Zona Temperada Sul -Entre o Trópico de Capricórnio e o Círculo Polar Antártico.
  - e) Zona Polar Antártica -Entre o Círculo Polar Antártico e o Polo Sul.
-

## VII - BIBLIOGRAFIA

### 1. *Corpus* de pesquisa:

AOKI, Virginia (et al) *Projeto Araribá: geografia*. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

Tabela usada nos verbetes:

|    |                          |
|----|--------------------------|
| L5 | Volume 5ª série / 6º ano |
| L6 | Volume 6ª série / 7º ano |
| L7 | Volume 7ª série / 8º ano |
| L8 | Volume 8ª série / 9º ano |

### 2. Obras lexicográficas

FERREIRA, A. B. de H.. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* – 3.ed. – Curitiba: Positivo: 2004. Versão impressa e em versão informatizada.

HOUAISS, A. e VILLAR, M.S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

*Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Academia Brasileira de Letras. 5.ed. São Paulo: Global, 2009.

### 3. Obras lexico/ terminológicas

| Código apontado no verbete | Bibliografia                                                                                                                                                                                       |
|----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1                          | BIDERMAN, M. T. C. <i>Dicionário didático de português</i> . 2ª.ed. São Paulo: Ática, 1998.                                                                                                        |
| 2                          | OLIVEIRA, C. de. <i>Dicionário Cartográfico</i> . Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Centro de documentação e Disseminação de Informações. 1987. 3ª. Edição |
| 3                          | CORONA E LEMOS. <i>Dicionário da Arquitetura Brasileira</i> . 1ª. Edição. São Paulo: Edart – São Paulo Livraria Editora Ltda. 1972.                                                                |
| 4                          | CARVALHO, B. de A. <i>Glossário de saneamento e ecologia</i> . Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, 1981.                                                    |
| 5                          | SUGUIO, K. <i>Dicionário de geologia marinha: com termos correspondentes em inglês, francês e espanhol</i> . São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.                                                        |
| 6                          | LACOMBE, F. J. M. <i>Dicionário de administração</i> . São Paulo: Saraiva, 2004.                                                                                                                   |
| 7                          | ANTAS, L.M. <i>Dicionário de Termos Técnicos Português-Inglês</i> – Coleção Aeroespacial Tomo III. São Paulo: Traço editora Ltda., 1983.                                                           |
| 8                          | BIDERMAN, M.T.C. <i>Dicionário Ilustrado de Português</i> . São Paulo: Ática, 2004.                                                                                                                |

|    |                                                                                                                                                                                                                      |
|----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 10 | ALVES, I. M. (coord.) <i>Glossário de termos neológicos da economia</i> . São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1998.                                                                                                     |
| 11 | BIDERMAN, M. T. C. <i>Dicionário de termos financeiros e bancários</i> . 1.ed. São Paulo: Disal, 2006.                                                                                                               |
| 12 | IBGE. <i>Vocabulário básico de recursos naturais e meio ambiente</i> , Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.                                                      |
| 13 | CORREIA, R. L. <i>Região e organização espacial</i> . São Paulo: Editora Ática, 2003. 7ª.ed.                                                                                                                         |
| 14 | ROSS, J. L. S. (org). <i>Geografia do Brasil</i> . 5.ed.rev.e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.                                                                                           |
| 15 | MOREIRA, I.A.G. <i>O espaço geográfico: geografia geral e do Brasil</i> . 18.ed. reformulada e ampl. São Paulo: Ática, 1981.                                                                                         |
| 16 | CARVALHO, M.S., DE PINA, M.F., SANTOS, S. M. <i>Conceitos básicos de Sistemas de Informação Geográfica e Cartografia aplicados à saúde</i> . Brasília: Organização Panamericana da Saúde. Ministério da Saúde, 2000. |

#### 4. Obras especializadas

AZEVEDO, A. de. *Brasil a terra e o homem*. Volume I As bases físicas. 2ª. Edição, revista São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

GALIAZZI, M.C., FREITAS, J.V. (org.) *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. 2.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MONTEIRO, R.S. *Educação ambiental em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade de Mato Grosso, 2002.

MURRAY, W. E. *Gepgraphies of globalization*. London: Routledge Taylors & Francis Group, 2006. 304.23

SENE, E. de. *Globalização e espaço geográfico*. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA NETO, A.F. e BATISTA, L.C. (orgs) *Espaço e natureza: a produção do espaço sul-mato-grossense*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009. 304.23098171

CHRISTOFOLETTI, A. *Análise de sistemas em geografia São Paulo*: Hucitec: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

GLOBO. *Dicionário Geográfico Brasileiro*. 2.ed.Porto Alegre: Globo, 1972. (De nomes de lugares)

LEINZ, V. LEONARDOS, O.H. *Glossário Geológico com a correspondente terminologia em inglês, alemão e francês*. 2ª. Edição. São Paulo:: Companhia Editora Nacional. 1977.

#### 5. Páginas da Internet pesquisadas

| Código apontado no verbete | Sítio na Internet                                                                                                                                               |
|----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| i.1                        | <a href="http://www.riomuriae.com.br/riomuriae/afluentes/afluentes.html">http://www.riomuriae.com.br/riomuriae/afluentes/afluentes.html</a>                     |
| i.2                        | <a href="http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-19022010-171404/pt-">http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-19022010-171404/pt-</a> |

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|      | br.php                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| i.3  | <a href="http://www.esa.co.nz/files/samplepages/SampleSGGeo13.pdf">http://www.esa.co.nz/files/samplepages/SampleSGGeo13.pdf</a>                                                                                                                                             |
| i.4  | <a href="http://www.algosobre.com.br/geografia/migracoes-populacionais.html">http://www.algosobre.com.br/geografia/migracoes-populacionais.html</a>                                                                                                                         |
| i.5  | <a href="http://www.colegioweb.com.br/geografia/migracoes-internas-.html">“http://www.colegioweb.com.br/geografia/migracoes-internas-.html</a>                                                                                                                              |
| i.6  | <a href="http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewFile/4374/3823">http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewFile/4374/3823</a>                                                                                                                       |
| i.7  | <a href="http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1021-2.pdf?PHPSESSID=2009050516040557">http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1021-2.pdf?PHPSESSID=2009050516040557</a>                                                               |
| i.8  | <a href="http://www.brasilecola.com/imprimir/9451/">http://www.brasilecola.com/imprimir/9451/</a>                                                                                                                                                                           |
| i.9  | <a href="http://www.brasilecola.com/imprimir/6404/">http://www.brasilecola.com/imprimir/6404/</a>                                                                                                                                                                           |
| i.10 | <a href="http://www.infoescola.com/geografia/geografia-do-brasil-relevo-clima-hidrografia-e-vegetacao/">http://www.infoescola.com/geografia/geografia-do-brasil-relevo-clima-hidrografia-e-vegetacao/</a>                                                                   |
| i.11 | <a href="http://www.frigoletto.com.br/GeoFis/Bacias/baciaatlsul.htm">http://www.frigoletto.com.br/GeoFis/Bacias/baciaatlsul.htm</a>                                                                                                                                         |
| i.12 | <a href="http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&amp;langpair=en%7Cpt&amp;u=http://eefy.editme.com/BipolarWorld">http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&amp;langpair=en%7Cpt&amp;u=http://eefy.editme.com/BipolarWorld</a>                             |
| i.13 | <a href="http://www.suapesquisa.com/clima/clima_tropical.htm">http://www.suapesquisa.com/clima/clima_tropical.htm</a>                                                                                                                                                       |
| i.14 | <a href="http://www.infoescola.com/geografia/clima-equatorial/">http://www.infoescola.com/geografia/clima-equatorial/</a>                                                                                                                                                   |
| i.15 | <a href="http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mamona/CultivodaMamona_2ed/glossario.html">sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mamona/CultivodaMamona_2ed/glossario.html</a>                                                                    |
| i.16 | <a href="http://www.infoescola.com/geografia/clima-tropical/">http://www.infoescola.com/geografia/clima-tropical/</a>                                                                                                                                                       |
| i.17 | <a href="http://www.observatoriosocial.org.br/portal/index.php?option=content&amp;task=category&amp;sectionid=4&amp;id=28&amp;Itemid=41">http://www.observatoriosocial.org.br/portal/index.php?option=content&amp;task=category&amp;sectionid=4&amp;id=28&amp;Itemid=41</a> |
| i.18 | <a href="http://www.indiaeducation.net/Management/ExaminationTips/InternationalTerms/L.aspx">www.indiaeducation.net/Management/ExaminationTips/InternationalTerms/L.aspx</a>                                                                                                |
| i.19 | <a href="http://www.colegioweb.com.br/geografia-infantil/os-tipos-de-pecuaria.html">http://www.colegioweb.com.br/geografia-infantil/os-tipos-de-pecuaria.html</a>                                                                                                           |
| i.20 | <a href="http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewFile/4374/3823">http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewFile/4374/3823</a>                                                                                                                       |
| i.21 | <a href="http://www.colegioweb.com.br/geografia/habitat-rural.html">http://www.colegioweb.com.br/geografia/habitat-rural.html</a>                                                                                                                                           |
| i.22 | <a href="http://www.brasilecola.com/geografia/ilha-de-calor.htm">http://www.brasilecola.com/geografia/ilha-de-calor.htm</a>                                                                                                                                                 |
| i.23 | <a href="http://www.suapesquisa.com/o_que_e/ilha_de_calor.htm">http://www.suapesquisa.com/o_que_e/ilha_de_calor.htm</a>                                                                                                                                                     |
| i.24 | <a href="http://www.pnud.org.br/idh/">http://www.pnud.org.br/idh/</a>                                                                                                                                                                                                       |
| i.25 | <a href="http://www.definicion.org/diccionario/233">www.definicion.org/diccionario/233</a>                                                                                                                                                                                  |
| i.26 | <a href="http://www.facape.br/deise/fe/economia.doc">http://www.facape.br/deise/fe/economia.doc</a>                                                                                                                                                                         |
| i.27 | <a href="http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp">www.etur.com.br/conteudocompleto.asp</a>                                                                                                                                                                              |
| i.29 | <a href="http://www.anda.jor.br">http://www.anda.jor.br</a>                                                                                                                                                                                                                 |

## PARTE 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado com o objetivo principal de propor um material didático interdisciplinar para o Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano das escolas públicas de Mato Grosso do Sul.

Considerando que a Educação e Linguagem são dois pontos importantes e indissociáveis quando o assunto é melhoria da realidade da educação brasileira, percebemos que, dentro de estudos de Linguagem, a Linguística Aplicada poderia auxiliar a solução deste problema, conforme Moita Lopes (1996, p. 19) já havia afirmado ela ter a característica primordial de solucionadora de problemas da linguagem “tanto no contexto da escola como fora dele”.

Na Educação, a Interdisciplinaridade foi estudada, analisando o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) sugerem para o ensino tanto da Geografia quanto das Línguas Estrangeiras, e também verificando em pesquisadores da área qual termo seria melhor representante de nossa pesquisa, se multi, pluri, trans ou indisciplinaridade.

Utilizamos como suporte teórico para esta pesquisa estudos sobre a Linguística Aplicada, a Terminologia Aplicada e a Interdisciplinaridade, apontados na Parte 1 deste trabalho.

Propomos então a elaboração de um glossário com os termos da Geografia, via material didático adotado pela escola estadual de Campo Grande – MS que apresentou maior número de matrículas nesta fase da educação escolar no ano letivo de 2009 e mantendo para 2010.

Importa ressaltar que este não foi o único pré-requisito para a constituição do *corpus* de pesquisa. O material didático adotado, apesar de ter o aval do Ministério de Educação brasileiro, por ser parte das obras sugeridas pelo Plano Nacional do Livro Didático (BRASIL, 2007), passou também por uma avaliação desta pesquisadora quanto à adequação de conteúdos apresentados aos sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e se estes conceitos poderiam ser mapeados pela Nova Tabela das Áreas de Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ.

O glossário pretende ser material didático auxiliar, e também referencial, já que é um glossário dos termos técnicos da língua de especialidade da Geografia ensinada no EF. Krieger (2007, p. 295-309) propôs o incentivo do uso didático do



dicionário de língua geral, não só para estudo linguístico, mas como obra de consulta devido a sua capacidade informativa enciclopédica.

Agregar o tratamento terminológico ao dicionário escolar, foi o desafio deste trabalho, tratar de terminologia, mas não para especialistas da Geografia, mas para alunos do ensino fundamental, buscando motivá-los a entender melhor o uso didático desta ferramenta, oferecer material para que professores e alunos possam criar novos materiais didáticos que aliem o estudo do idioma estrangeiro, da língua portuguesa e da especialidade em questão.

Os dicionários não são iguais, e este glossário proposto foi firmado em dois alicerces, a terminografia e a lexicologia, entendendo que a escola pode gerar seus materiais didáticos ou de apoio à educação.

E para isso, Krieger (ibidem, p.304) salienta que para ser de uso escolar, o instrumento terminológico precisa respeitar o repertório léxico do aluno, a escolha dos termos no material de seu estudo especializado em geografia, mas também cuidando com a escolha lexical para a confecção de cada verbete. Por isso usamos muitas explicações extras, via informações enciclopédicas, para que cada verbete se tornasse uma aula sobre o assunto, mais do que a simples conceituação terminográfica de uma UT para um especialista da área.

Assim, o glossário começou a ter seu perfil delimitado: Glossário Terminológico Comunicativo Interdisciplinar da Geografia do Ensino Fundamental de 6º a 9º anos - GTCI-Geo.

A primeira etapa, concomitante às duas seguintes, foi o estabelecimento do Campo de Trabalho, área e subárea de especialidade, seguindo a Nova Tabela de Áreas de Conhecimento do CNPQ, garantindo primeiramente sua interseção com o currículo básico proposto pelos PCNs e com os conteúdos apresentados pelo *corpus* de pesquisa e consequente elaboração do Mapa Conceitual.

A segunda etapa foi a delimitação do público alvo da obra a ser elaborada que é a de profissionais e alunos do Ensino Fundamental Público de Mato Grosso do Sul.

A terceira etapa foi o estabelecimento do *corpus* de pesquisa inicial, as quatro unidades do Projeto Araribá, publicado pela Editora Moderna em 2006, que foram adotados em 2009 e estão sendo adotados em 2010 pela escola estadual mencionada.

Há que informar que para a constituição final deste glossário, outros

materiais como livros didáticos, dicionários e glossários terminológicos, trabalhos científicos e outros, principalmente para a elaboração dos verbetes, e todos os verbetes foram validados pelo especialista de domínio.

Estabelecemos também que este glossário tratou dos neologismos da área de especialidade da Geografia, para tanto, escolhemos as obras lexicográficas Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, com o cuidado de comparar dentre os dicionários autorizados pelo MEC para distribuição às escolas públicas, os que melhor apresentaram preocupação multidisciplinar ao estabelecerem sua equipe com especialistas de domínio de áreas diversas.

A Ficha Terminológica então foi gerada tornando possível a organização sistemática dos dados escolhidos.

Quanto à etapa de estabelecer os critérios básicos para escolha do especialista de domínio, fizemos questão de convidar um Professor Doutor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, chegando ao nome do professor Paulo Jóia, que validou os conceitos sugeridos, a redação dos verbetes, a listagem do conteúdo dos mesmos, a tabela das abreviaturas ocorrentes, a apresentação do verbete e a apresentação final do GTCI-Geo.

Quanto à equivalência em línguas estrangeiras, contamos com a participação dos profissionais em Letras, Língua Espanhola e Língua Inglesa.

Em resumo, acreditando que um glossário terminológico da Geografia, com equivalências em Língua Espanhola e Inglesa poderá auxiliar a melhoria da qualidade da educação brasileira, por facilitar ao professor do EF que tenha mais material para criar novos materiais didáticos e atividades interdisciplinares que consequentemente atuará na formação do aluno em um cidadão, e oferecer uma obra de referência que motive o aluno para a consulta, seguindo o cuidado de elencar um repertório lexical que esteja dentro dos campos temáticos relacionados a sua rotina de aluno do EF, maioria brasileira de pré-adolescentes de 11 a 17 anos.

Assim, propomos aliar a lexicologia à terminografia, um glossário terminológico comunicativo com característica e público alvo escolar, levando a Linguística Aplicada via Terminologia para a sala de aula a fim de auxiliar o professor e o aluno, ou seja, a escola, a gerar seus próprios materiais de uso didático.

## PARTE 5: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O presente trabalho apresenta as referências bibliográficas subdivididas em:

1. *Corpus* de pesquisa: os livros adotados pela Escola Estadual Rui Barbosa, em Campo Grande – MS, como material didático a ser utilizado para o ensino da disciplina de Geografia do Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano;
2. Obra lexicográfica: os dicionários utilizados como *corpora* de exclusão;
3. Obras terminológicas específicas para a formatação do verbete.
4. Obras especializadas para o desenvolvimento da teorização e procedimentos metodológicos desta pesquisa.
5. Obras terminológicas e sítios da Internet consultados para elaboração dos conceitos.

### 5.1 *Corpus* de pesquisa:

AOKI, V. (et al) *Projeto Araribá: geografia*. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

### 5.2 *Corpus* de exclusão

FERREIRA, A. B. de H.. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* – 3.ed. – Curitiba: Positivo: 2004. Versão impressa e em versão informatizada.

HOUAISS, A. e VILLAR, M.S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

*Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Academia Brasileira de Letras. 5.ed. São Paulo: Global, 2009.

### 5.3 Obras em ciências do léxico

ALMEIDA, G. M. B. *Terminologia Comunicativa: uma aplicação com vistas à elaboração de um glossário de Materiais Cerâmicos*. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática*. Alfa, São Paulo, 50 (2): p. 85-101, 2006.

ALMEIDA FILHO, N. “Maneiras de Compreender Linguística Aplicada”. In: *Revista Letras*, vol.2, Santa Maria: UFSM, 1991.

\_\_\_\_\_. *Transdisciplinaridade e Saúde Coletiva*. Ciência & Saúde Coletiva. II (1-2), 1997.

\_\_\_\_\_. “Por uma política de ensino de (outras) línguas” In. *Revista Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, vol. 37: 1003-108.

\_\_\_\_\_. *Linguística aplicada – ensino de línguas e comunicação*. Campinas, SP:

Pontes Editores e ArteLingua, 2ª. Edição, 2007.

ALVES, I. M. Neologia e tecnoleitos. In: OLIVEIRA, A.M.P.P. de, ISQUERDO, A.N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 25-31.

BACALÁ, V. L. A. *Interação aluno professor em uma aula de leitura em língua estrangeira*. Cadernos da Fucamp, Monte Carmelo: v. 4, n. 4, p. 95-104, jul./dez., 2005. disponível em: <http://www.fucamp.com.br/nova/revista/revista0406.pdf> em 08/09/2009.

BARROS, L.A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da USP, 2004.

BIDERMAN, M.T.C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ISQUERDO, A.N.; OLIVEIRA, A.M.P.P. de (org.). *As ciências do léxico: Lexicologia – lexicografia – terminologia*. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2001, p. 131-144.

BLATYTA, D. F. “O Papel do Professor de Línguas na Construção de uma Aprendizagem Significativa”. In: SILVA, Kleber Aparecido da. *Perspectivas de investigação em linguística aplicada*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

BOULANGER, J.C. Neologie et terminologie. In: *Neoologie em Marche*, v.4, p.9-116, 1979.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. *Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais* - Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2008* : apresentação / Ministério da Educação. Brasília : MEC, 2007.

CABRÉ, M.T. Elementos para una teoria de la terminología: hacia um paradigma alternativo. In: *La terminologia: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 69-92. 1999.

CÂMARA JR., J. M. *História da linguística*: tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1986.

CANO, W. M. *Teoria e prática de um Dicionário Escolar de Ciências*. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Tentativa de caracterização do neologismo: alguns critérios. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminografia e terminologia. Volume III*. Campo Grande: UFMS, 2007, p. 137-145.

CASTILLO, R.A. *¿Como hacer um diccionario científico técnico?* Buenos Aires: Memphis, 1997.

CAVALIERE, R. Duas observações sobre o vocabulário ortográfico da língua portuguesa. In: AZEVEDO FILHO, L.A. de A. (org) *Congresso internacional de lexicografia e literaturas no mundo lusofônico*. Rio de Janeiro: Agora, 2002, p. 275-281.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I. e CAVALCANTI, M.C. (orgs.) *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado de Letras: (1998) 2004, p. 115-126.

CLAS, A. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M. da G. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p. 223-238

CONTIN, A. O ensino de LE (Inglês) na escola pública: uma perspectiva sociointeracionista das formas de interpelação do professor. In: SILVA, K.A. *Perspectivas de investigação em linguística aplicada*. Pontes Editores, 2008: Campinas, SP, p. 53-64.

DAMIM, C. *Parâmetros para avaliação do dicionário escolar*. Dissertação de Mestrado. (mimeo). Porto Alegre: UFRGS, 2005. disponível em <http://www6.ufrgs.br/termisul/biblioteca/DamimDissert.pdf>

ELIASSON, S. The interrelations between theoretical and applied linguistics. In: O.M. Tomic e R.W. Shuy (orgs.) *The relations of theoretical and applied linguistics*. Nova Iorque: Plenum Press, 1987, p. 21-49.

EVENSEN, L. S. A Linguística Aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI, M. (orgs.) *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 73-88.

FALABELLA, B., MOITA LOPES, L.P. *Projeto de Reorientação Curricular para a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro*; Consultoria; Elaboração da versão preliminar do documento de reorientação curricular para o Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado do Rio de Janeiro; 90; 50; Restrita; Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro: 2004 Impresso; disponível em: <http://omnis.if.ufrj.br/~curriculo/12-ling-le-em.pdf> em 08/09/2009.

FAZENDA, I. C. *Interdisciplinaridade Um projeto em parceria*. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 6ª edição.

GAUDIN, F. Conferência inaugural – Implantations des Termes Officiel. In: *Terminologies Nouvelles*, vol. 12, Rouen, Actes du Seminaire, dez. 1993.

GOUADEC, D. *Terminologie: Constrution des données*. Paris: AFNOR, 1990.

*International Organization for Standardization, ISO 1087: 1990 Terminology – Vocabulary*

KRIEGER, M. G. A face linguística da Terminologia. In: KRIEGER, M.G. e MACIEL, A.M.B. (org.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

\_\_\_\_\_. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio*. vol. 4, n. 3, p. 141-147, set/dez 2006.

KRIEGER, M. G. e FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: \_\_\_\_\_. (org.) *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001. p. 333-355

LÉRAT, P. *Las lenguas especializadas* (trad. de Albert Ribas). Barcelona: Editorial Ariel, 1995.

MACIEL, A.M.B. Sobre Terminologia e seus objetos. In: KRIEGER, M.G. e MACIEL,

A.M.B. (org.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001, p. 34 a 46.

MENEZES, V., SILVA, M. M., GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos: In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

NOGUEIRA, A. X. *Pantanal: Homem e Cultura*. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2002.

PAIVA, V. L. M. O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003. p. 53-84.

PAIVA, M.G.G. e LOVATO, M. A Questão da Interdisciplinaridade e o Ensino de Primeiro e Segundo Graus de Língua Inglesa: em Busca de Novas Propostas Curriculares. In: PAIVA, V. L. M. O. *Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências*. Campinas, SP: Pontes Editores, 3ª. Edição, 2005.

PAVANI, J. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008. 2º. Ed.

RANGEL, E. O. Dicionários em sala de aula. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/polleidicio.pdf>

REFORMATSKII, A. A. Qué es término y qué es la terminología. In: CABRÉ, M. T., FREIXA, J., LORENTE, M., TEBÉ, C. *Textos de terminólogos de la Escuela Rusa*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2001, p. 151 – 162.

REY, A. *La terminologie. Nom set notions*. Paris: Presse Universitaires de France, 1979.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Chicoutimi: Gaetan Morin Editeur, 1984.

SCHERRE, M.M.P. *Doa-se lindos filhotes de poodle – variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SIGNORINI, I., CAVALCANTI, M. (orgs.) *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

WELKER, H. A. *O Uso de Dicionários: Panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006. p. 21 a 46.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

## **5.4 Obras léxico/ terminográficas, obras especializadas e páginas da Internet consultados para elaboração dos verbetes:**

### **5.4.1 Obras léxico/ terminográficas**

ALVES, I. M. (coord.) *Glossário de termos neológicos da economia*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1998.

ANTAS, L.M. *Dicionário de Termos Técnicos Português-Inglês – Coleção Aeroespacial* Tomo III. São Paulo: Traço editora Ltda., 1983.

BIDERMAN, M. T. C. *Dicionário de termos financeiros e bancários*. 1.ed. São Paulo: Disal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dicionário didático de português*. 2ª.ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Ilustrado de Português*. São Paulo: Ática, 2004.

CARVALHO, B. de A. *Glossário de saneamento e ecologia*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, 1981.

CARVALHO, M.S., DE PINA, M.F., SANTOS, S. M. *Conceitos básicos de Sistemas de Informação Geográfica e Cartografia aplicados à saúde*. Brasília: Organização Panamericana da Saúde. Ministério da Saúde, 2000.

CORONA E LEMOS. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. 1ª. Edição. São Paulo: Edart – São Paulo Livraria Editora Ltda. 1972.

CORRÊA, R. L. *Região e organização espacial*. São Paulo: Editora Ática, 2003. 7ª.ed.

IBGE. *Vocabulário básico de recursos naturais e meio ambiente*, Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

LACOMBE, F. J. M. *Dicionário de administração*. São Paulo: Saraiva, 2004.

MOREIRA, I.A.G. *O espaço geográfico: geografia geral e do Brasil*. 18.ed. reformulada e ampl. São Paulo: Ática, 1981.

OLIVEIRA, C. de. *Dicionário Cartográfico*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Centro de documentação e Disseminação de Informações. 1987. 3ª. Edição

ROSS, J. L. S. (org). *Geografia do Brasil*. 5.ed.rev.e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SUGUIO, K. *Dicionário de geologia marinha: com termos correspondentes em inglês, francês e espanhol*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.

#### 5.4.2 Obras especializadas

AZEVEDO, A. de. *Brasil a terra e o homem*. Volume I As bases físicas. 2ª. Edição, revista São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

CHRISTOFOLETTI, A. *Análise de sistemas em geografia* São Paulo: Hucitec: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

GALIAZZI, M.C., FREITAS, J.V. (org.) *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. 2.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

GLOBO. *Dicionário Geográfico Brasileiro*. 2.ed.Porto Alegre: Globo, 1972. (De nomes de lugares)

LEINZ, V. LEONARDOS, O.H. *Glossário Geológico com a correspondente terminologia em inglês, alemão e francês*. 2ª. Edição. São Paulo:: Companhia Editora Nacional. 1977.

MONTEIRO, R.S. *Educação ambiental em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade de Mato Grosso, 2002.

MURRAY, W. E. *Geographies of globalization*. London: Routledge Taylors & Francis Group, 2006. 304.23

OLIVEIRA NETO, A.F. e BATISTA, L.C. (orgs) *Espaço e natureza: a produção do espaço sul-mato-grossense*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009. 304.23098171

SENE, E. de. *Globalização e espaço geográfico*. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

### 5.4.3 Páginas da Internet:

<http://www.riomuriae.com.br/riomuriae/afluentes/afluentes.html>

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-19022010-171404/pt-br.php>

<http://www.esa.co.nz/files/samplepages/SampleSGGeo13.pdf>

<http://www.algosobre.com.br/geografia/migracoes-populacionais.html>

[“http://www.colegioweb.com.br/geografia/migracoes-internas-.html](http://www.colegioweb.com.br/geografia/migracoes-internas-.html)

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewFile/4374/3823>

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1021-2.pdf?PHPSESSID=2009050516040557>

<http://www.brasilescola.com/imprimir/9451/>

<http://www.brasilescola.com/imprimir/6404/>

<http://www.infoescola.com/geografia/geografia-do-brasil-relevo-clima-hidrografia-e-vegetacao/>

<http://www.frigoletto.com.br/GeoFis/Bacias/baciaatlsul.htm>

<http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en%7Cpt&u=http://eefy.editme.com/BipolarWorld>

[http://www.suapesquisa.com/clima/clima\\_tropical.htm](http://www.suapesquisa.com/clima/clima_tropical.htm)

<http://www.infoescola.com/geografia/clima-equatorial/>

[sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mamona/CultivodaMamona\\_2ed/glossario.html](http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mamona/CultivodaMamona_2ed/glossario.html)

<http://www.infoescola.com/geografia/clima-tropical/>

<http://www.observatoriosocial.org.br/portal/index.php?option=content&task=category&sectionid=4&id=28&Itemid=41>

[www.indiaeducation.net/Management/ExaminationTips/InternationalTerms/I.aspx](http://www.indiaeducation.net/Management/ExaminationTips/InternationalTerms/I.aspx)

<http://www.colegioweb.com.br/geografia-infantil/os-tipos-de-pecuaria.html>

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewFile/4374/3823>



<http://www.colegioweb.com.br/geografia/habitat-rural.html>

(<http://www.brasilecola.com/geografia/ilha-de-calor.htm>)

[http://www.suapesquisa.com/o\\_que\\_e/ilha\\_de\\_calor.htm](http://www.suapesquisa.com/o_que_e/ilha_de_calor.htm)

<http://www.pnud.org.br/idh/>

[www.definicion.org/diccionario/233](http://www.definicion.org/diccionario/233)

<http://www.facape.br/deise/fe/economia.doc>

[www.etur.com.br/conteudocompleto.asp](http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp)

<http://www.anda.jor.br>